

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ESTUDOS
LINGUÍSTICOS**

MARCOS ROBERTO MACHADO

**O PAPEL DO DISCURSO JORNALÍSTICO NOS PROCESSOS DE
(RE)CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA: A ERA DO PRÉ-SAL NO ESPÍRITO SANTO**

**VITÓRIA
2011**

MARCOS ROBERTO MACHADO

**O PAPEL DO DISCURSO JORNALÍSTICO NOS PROCESSOS DE
(RE)CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA: A ERA DO PRÉ-SAL NO ESPÍRITO SANTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos na área de concentração de Estudos sobre Texto e Discurso.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Júlia Maria Costa de Almeida.

VITÓRIA
2011

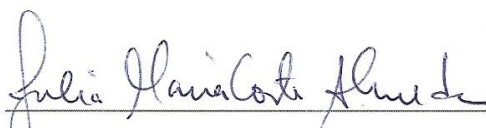
Marcos Roberto Machado

O papel do discurso jornalístico nos processos de (re)construção identitária: a era do pré-sal no Espírito Santo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovado em 08 de agosto de 2011.

Comissão Examinadora:



Prof. Dr. Profª Júlia Almeida-UFES (Presidente) – UFES
Orientadora, Presidente da Sessão e da Comissão Examinadora



Prof. Dr. Maria Regina Momesso (UNIFRAN)
Membro Titular Externo da Comissão Examinadora



Prof. Dr. Ana Cristina Carmelino – UFES
Membro Titular Interno da Comissão Examinadora

Dedico este trabalho a toda a minha família, em especial aos meus pais, que apesar de não terem acompanhado de perto toda a evolução deste estudo, sabiam da sua importância na minha formação pessoal e profissional, compartilhando comigo, mesmo a distância, as alegrias de cada etapa vencida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de todo saber, a quem sempre recorria nos momentos difíceis e que me honrou com mais esta conquista.

À minha família que, nos últimos nove anos, soube compreender que aquele mundo não era mais o meu, apoiando-me em cada decisão que tomei.

À tão competente Professora Júlia Maria Costa de Almeida, com quem tive o prazer de conviver mais este período da minha formação profissional. A exigência com que sempre avaliou os meus trabalhos, às vezes, pegando-me pela mão quando me via perdido, foi crucial para que esta pesquisa pudesse ser concluída.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo, cada um na sua área, pelas valiosas contribuições e ensinamentos. Em especial, às Professoras Ana Cristina Carmelino e Lilian Virgínia Franklin DePaula que avaliaram de forma positiva meu texto de qualificação, contribuindo enormemente para a sua versão definitiva.

Aos amigos e colegas que, por vezes, compartilhavam comigo das minhas alegrias e angústias e que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho.

O jeito capixaba de ser

Todo capixaba tem um segredo de espuma,
Uma conversa de duna,
Um disse me disse.
Todo capixaba é chique.
Todo capixaba tem um pouco de beija-flor no bico,
Uma panela de barro no peito,
Uma orquídea no gesto,
Um cafezinho no jeito,
Um trocadilho na brincadeira,
Um Congo no andar,
Um jogo de cintura,
Um chá de cidreira,
Uma moqueca perfeita,
E uma rede no olhar,
Todo mundo de lá desenha nas areias brancas,
Compõe nas areias pretas.
Todo capixaba tem um verso,
Tem um pouco de Anchieta,
Todo povo por lá,
Tem um certo louco,
Tem um certo torto,
Uma palavra solta,
Uma revoada de colibris,
Todo capixaba tem uma força de povo,
Tem um pouco de Maria Ortiz.
Toda montanha lá tem um caso
Obstinado com o vento,
Um albatroz de Convento.
De luva e biquíni é que eu vou pra lá,
Todo capixaba é um evento.

Elisa Lucinda

RESUMO

Este trabalho toma como ponto de partida o caráter subalterno comumente associado ao estado do Espírito Santo que vem ao longo de sua constituição enfrentando diversos obstáculos para se afirmar como um Estado forte e representativo na região mais rica do Brasil: o sudeste. Nesse sentido, interessou-nos estudar o papel da mídia capixaba, representada aqui pelo jornal *A Gazeta*, na veiculação de discursos que inserem o ES em um processo de mudança simbólica, a partir do advento do pré-sal e dos benefícios que essa descoberta poderá trazer para o Estado. Partindo de uma hipótese inicial de que os discursos do petróleo têm influência nos processos de construção e reconstrução identitárias no Brasil e, particularmente no Espírito Santo, neste período de descoberta e discussão do pré-sal, nosso objetivo central foi verificar de que forma as estratégias discursivas presentes no jornal *A Gazeta* constroem representações de um Estado que procura se reposicionar e se reinserir no contexto nacional, estabilizando e desestabilizando formas de representação identitária. Para os propósitos deste trabalho, selecionamos um corpus constituído por 14 reportagens de *A Gazeta* veiculadas ao longo de 2008 e 2009, cuja temática é a exploração do petróleo no Estado, muitas delas matérias de primeira página. A partir de um diálogo interdisciplinar principalmente entre autores como Stuart Hall, Maura de Penna, Pierre Bourdieu, Zygmunt Bauman, Eni Puccinelli Orlandi, Dominique Maingueneau e Patrick Charaudeau constituímos um viés discursivo para o entendimento das relações que podem ser estabelecidas entre identidade, linguagem e discurso. A análise realizada mostrou dois discursos marcantes nos artigos de *A Gazeta*, em momentos distintos, recriando, por um lado, uma imagem forte do Estado, capaz de funcionar como um emblema para a identificação do capixaba com uma terra de desenvolvimento, mas, por outro, mostrando um Estado frágil interna e externamente, que tende a reforçar os valores ambíguos com os quais o capixaba se identifica. A defesa do Estado que *A Gazeta* empreendeu ao longo deste período nos permitiu entender o discurso do petróleo deste jornal como uma instância de produção e veiculação de representações sociais na medida em que torna compartilháveis formas de perceber e construir simbolicamente imagens do Estado e do capixaba, reafirmando a estreita ligação do jornal na história de constituição do Espírito Santo.

Palavras-chave: *Discurso. Mídia. Identidade. Espírito Santo. Petróleo.*

RÉSUMÉ

Ce travail a comme point de départ le caractère généralement associé à l'État de Espírito Santo qui a affronté au long de sa constitution divers obstacles pour s'affirmer comme un État fort et représentatif dans la région la plus riche du Brésil : le sud-est. Dans ce sens, il nous a été intéressant d'étudier le rôle des médias capixabas, représentés ici par le quotidien *A Gazeta*, dans la transmission de discours qui insèrent le ES dans un processus de changement symbolique, à partir de l'avènement du pré-sal et des bénéfices que cette découverte pourra apporter à l'État. En partant d'une hypothèse initiale que les discours du pétrole influencent les processus de construction et reconstruction identitaires au Brésil et, particulièrement dans l'Espírito Santo, en cette période de découverte et de discussion du pré-sal, notre objectif central a été de vérifier de quelle forme les stratégies discursives présentes dans le journal *A Gazeta* construisent des représentations d'un État qui cherche à se retrouver et à s'insérer dans le contexte national, établissant et défaisant des formes de représentation identitaire. Pour les buts de ce travail, on a sélectionné un *corpus* constitué de 14 reportages de *A Gazeta* transmis au long de 2008 et 2009, dont la thématique est l'exploitation du pétrole dans l'État, beaucoup d'entre eux des articles de premières page. À partir d'un dialogue interdisciplinaire principalement entre des auteurs comme Stuart Hall, Maura de Penna, Pierre Bourdieu, Zygmunt Bauman, Eni Puccinelli Orlandi, Dominique Maigneueau et Patrick Charaudeau on a constitué une voie discursive pour la compréhension des relations qui peuvent être établies entre identité, langage et discours. L'analyse réalisée a montré deux discours marquants dans les articles de *A Gazeta*, à différents moments, recréant, d'un côté, une image forte de l'État, capable de fonctionner comme un emblème pour l'identification du capixaba avec une terre de développement, mais, d'un autre côté, en montrant un État fragile intérieurement et extérieurement, qui tend à renforcer les valeurs ambiguës avec lesquelles le capixaba s'identifie. La défense de l'État qu'*A Gazeta* a faite au long de cette période nous a permis de comprendre le discours du pétrole de ce quotidien comme une instance de production et transmission de représentations sociales dans la mesure qu'il rend possible de partager les formes de percevoir et de construire symboliquement les images de l'État et du capixaba, en réaffirmant le lien étroit du journal dans l'histoire de la constitution de l'Espírito Santo.

Mots-clés : *Média. Identité. Espírito Santo. Pétrole*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
1.1 CONTEXTO HISTÓRICO DO ESTADO	12
1.2 QUADRO TEÓRICO E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA	15
2 IDENTIDADE: PERSPECTIVAS INTERDISCIPLINARES	20
2.1 IDENTIDADES CULTURAIS EM CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO	23
2.2 IDENTIDADES E INCERTEZAS EM UM MUNDO LÍQUIDO	29
3 LINGUAGEM, DISCURSO E IDENTIDADE	32
3.1 POR UM CONCEITO DE IDENTIDADE NO CAMPO DA LINGUÍSTICA	36
4. DISCURSOS E CENAS (REGIONAIS) DE ENUNCIÇÃO	43
4.1 DISCURSO FUNDADOR E IDENTIDADE NACIONAL	45
4.2 PRÁTICAS DISCURSIVAS E IDENTIDADE REGIONAL	49
4.3 CENAS DA ENUNCIÇÃO E CENOGRAFIAS	52
4.4 <i>ETHOS</i> DISCURSIVO E IDENTIDADE	55
5 MÍDIA E DISCURSO	60
5.1 MÁQUINA MIDIÁTICA E CONSTRUÇÃO DE SENTIDO	63
5.2 OS DISPOSITIVOS DE ENCENAÇÃO	65
5.3 DISCURSO, REPRESENTAÇÃO E OPINIÃO PÚBLICA	68
6 OS DISCURSOS DE A GAZETA SOBRE O PETRÓLEO NO ESPÍRITO SANTO: DAS CONTRADIÇÕES ÀS CERTEZAS	72
6.1 PARA ONDE VAI (E NÃO VAI) O DINHEIRO: DISCURSOS CONTRADITÓRIOS	73
6.1.1 O DISCURSO DA MUDANÇA: O MARCO DO PRÉ-SAL	83
6.2 A LUTA PELO PRÉ-SAL EM 2009: METÁFORAS BÉLICAS EM AÇÃO	86
6.2.1 A CONVOCAÇÃO PARA O DEBATE	88
6.2.2 O ESPÍRITO SANTO SE “ARMA” PARA O COMBATE	92
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
8 REFERÊNCIAS	112
ANEXOS	116

1 INTRODUÇÃO

O Estado¹ do Espírito Santo vive um momento de grande expectativa de progresso. De um estado pobre, endividado e com a imagem corrompida pelos escândalos na política que marcaram a década de 1990, o Estado parece remodelar sua imagem no país, destacando-se na região mais rica e conhecida do Brasil, o Sudeste.

Durante o ano de 2009, era bastante recorrente encontrarmos, nas principais avenidas da Grande Vitória, quadros publicitários ou *outdoors*, que anunciavam investimentos no setor público da ordem de um bilhão de reais. Esse investimento bilionário contemplava, entre outros setores, a educação e a saúde, e só foi possível graças a algumas mudanças que vêm acontecendo no Espírito Santo e que são comumente relacionadas a dois fatores principais: o primeiro diz respeito às ações políticas empreendidas pela equipe governamental eleita em 2002. A figura mais representativa dessa equipe é o governador Paulo Hartung que, reeleito em 2006 com recordes de aprovação popular, manteve o mesmo posicionamento político no Estado, sobretudo, no que tange à luta contra a corrupção.

O segundo fator foi a descoberta de grandes poços de petróleo nas profundezas dos mares capixabas. A chamada camada pré-sal, como é conhecida a localização onde é encontrado esse tipo de óleo, ofereceu ao Espírito Santo a possibilidade de iniciar novos caminhos, já que, com a exploração dos poços encontrados, grandes somas de dinheiro provenientes dos *royalties* seriam repassadas aos municípios. Assim, as políticas públicas existentes poderiam ser potencializadas com fundos extras, e também novas políticas poderiam ser implementadas, melhorando, visivelmente, a qualidade de vida da população capixaba.

Interessante ressaltar que a camada pré-sal, antes mesmo de ser explorada comercialmente, já trouxe grande visibilidade para o Espírito Santo. Essa novidade inflamou diversas discussões² de cunho oficial no Congresso Brasileiro, o que impediu o avanço mais rápido da exploração. Essa expectativa centrada numa fonte

¹ Adotaremos a forma “Estado”, com a inicial maiúscula, todas as vezes que fizermos referência ao Estado do Espírito Santo.

² Essas discussões tinham como objetivo definir a real porcentagem dos *royalties* que seria distribuída aos estados produtores de petróleo, bem como àqueles que não o produzem, mas que são diretamente beneficiados graças ao repasse da União.

de riqueza e em sua exploração efetiva foi suficiente para situar o Estado no contexto brasileiro como uma promissora potência nacional que, embora ainda tímida, ganharia força para crescer. O estereótipo do Espírito Santo como “primo pobre” dos outros estados da região sudeste, sempre escondido sob a sombra dos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, o que não se deve a uma história recente, parecia estar mudando.

Do ponto de vista da identidade capixaba, esse sentimento de não-reconhecimento ou de invisibilidade na região sudeste e no cenário nacional afeta diretamente as maneiras de ser dos capixabas e nos leva a repensar nossa vida social: afinal que lugares ocupamos na região mais rica do Brasil? Quem somos nós? Qual é nossa identidade?

Nesse sentido, a possibilidade de ser reconhecido como um grande produtor de petróleo comparado aos “vizinhos ricos”, de poder realizar grandes obras e mudar a paisagem do Estado, ao mesmo tempo em que milhares de postos de trabalho são criados e prometidos, com a expectativa de geração de emprego e renda, é ter a esperança de que o Estado caminhe a passos largos rumo ao reconhecimento, não apenas pelos outros, mas, principalmente, pelo próprio capixaba.

Dentro desse contexto, interessa-nos, sobretudo, o papel da mídia capixaba, principalmente a mídia escrita representada por um dos maiores jornais do Espírito Santo – *A Gazeta* – na veiculação de discursos cujo tema central é o advento do petróleo no Estado. Ora, as mídias acham-se na contingência de dirigir-se a um grande número de pessoas, ao maior número (CHARAUDEAU, 2006), e para que isso aconteça, elas precisam despertar o interesse, veiculando um conteúdo que seja atrativo. Logo, no que tange ao Espírito Santo, fomentar um discurso de progresso e de riquezas para todos é garantia de sucesso imediato.

A imprensa capixaba, embora tenha surgido com atraso em relação aos outros estados, teve grande importância na constituição do Espírito Santo, na medida em que permitiu a circulação de informações, tornando-se, inclusive, um meio oficial na veiculação de decisões do Executivo (MATTEDI, 2010). O primeiro jornal – *O Estafeta* – surgiu por volta de 1840. No entanto, devido a problemas no maquinário e na tinta utilizados na impressão, essa publicação não foi além do primeiro número.

Para Mattedi (2010), dos pioneiros da imprensa capixaba, muitos pertenciam à classe dos militares, tendo um papel de destaque na sociedade local, ao longo do século XIX. O principal foco nesse período era a propaganda política.

Em 1849, surge o *Correio de Victória*, marcando efetivamente o início da imprensa no Espírito Santo. Assim, entre 1840 e 1908 – ano do centenário da imprensa no Brasil – são listados cerca de 140 publicações diferentes. Mattedi (2010) afirma que essa quantidade de periódicos é significativa, pois se tratava de uma época em que a impressão era difícil e trabalhosa, além de ser bastante custosa, visto a quantidade reduzida de tipografias.

O jornal *A Gazeta* surge pela primeira vez em 11 de setembro de 1928, diferenciando-se da maioria dos jornais da época, cuja sustentação era, sobretudo, política. Seu foco principal era a venda de lotes na área conhecida hoje como Jardim Camburi (LINDENBERG, 2010). O negócio com os lotes não teve futuro, porém o jornal, por já possuir um público cativo, não foi extinto, passando a representar oposição ao governo, fato que lhe custou o fechamento por alguns meses. Lindenberg (2010) destaca que, com a vitória da Revolução e Getúlio Vargas no poder, *A Gazeta* passa a representar o governo, firmando-se cada vez mais como um jornal de grande importância.

Em 1949, o jornal foi vendido para Alfredo Alcure que representava os interesses do PSD. Na época, o Governador e líder do PSD era Carlos Lindenberg que, decidindo investir nessa publicação, foi aos poucos comprando as ações de Alcure, tornando-se o maior acionista de *A Gazeta*. O controle acionário e administrativo tem sido até hoje da família Lindenberg.

Na década de 1960 começou a ser construída uma nova sede para o jornal, o que lhe renderia certa modernidade, sobretudo, no formato de impressão, passando a ser realizado pelo sistema *off-set*. Outro passo importante para o jornal foi dado em 1999, com a inauguração do seu novo parque gráfico, cujo investimento foi considerado o maior da história, atingindo a marca de 15 milhões de dólares. Em 2008, *A Gazeta* completou 80 anos inaugurando a primeira redação multimídia do Espírito Santo, o que possibilitou a reunião num mesmo espaço das equipes de jornalismo dos jornais *A Gazeta*, *Notícia Agora* – jornal criado em 2006 pelo grupo A

Gazeta – Oportunidades, Cursos e Concursos, a Rádio CBN e o portal Gazeta Online (LINDENBERG, 2010).

Atualmente o jornal *A Gazeta* é considerado um dos principais veículos de comunicação escrita no Espírito Santo, conseguindo chegar aos quatro cantos do Estado, o que lhe permite ser considerado grande formador de opinião. Outro periódico de grande importância no Estado é o jornal *A Tribuna*³.

1.1 CONTEXTO HISTÓRICO DO ESTADO

A história do Espírito Santo (por vezes aqui referido como ES) é marcada por uma estagnação econômica e social que tem forte influência na auto-estima do capixaba. Desde a colonização, a região enfrentou problemas para se afirmar no cenário nacional, seja pela resistência dos índios, que impediram os colonizadores de se fixarem no interior, seja pelo isolamento imposto à capitania pela monarquia portuguesa, logo após a descoberta de ouro na região conhecida hoje como Minas Gerais, transformando a capitania capixaba em “uma defesa natural contra a possível cobiça estrangeira das novas riquezas encontradas” (FRANKLIN LEAL, 2008, p. 517). Para este teórico, o ES passou a ser apenas uma trincheira de defesa do interior mineiro, sendo proibida qualquer ação colonizadora e fixação de habitantes em terras além do litoral. Com a queda na exploração de ouro, a capitania capixaba começou a perder território para Minas Gerais que desejava se expandir até o litoral. Foi graças ao “Auto de 1800”⁴, assinado pelo governador Silva Pontes, que essa expansão foi interrompida, preservando as terras capixabas.

Muitas foram as tentativas de povoar o território capixaba, sobretudo o interior, sem grande sucesso. No entanto, com a intensificação da cultura cafeeira, por volta de 1850, a região começou a crescer de forma visível, já que a melhora da economia passou a atrair os imigrantes para a região. Não demorou muito e a província se

³ Para maiores informações sobre este periódico, conferir Soprani (2010)

⁴ Essa lei demarcava os limites entre as capitanias do Espírito Santo e de Minas Gerais. De acordo com Oliveira “embora, posteriormente o documento viesse a ter importância maior, pelas informações lideiras que contém, na hora em que foi assinado visava, apenas, ‘os efeitos de se estabelecerem os registros e destacamentos respectivos segundo as reais ordens do Príncipe Regente Nosso Senhor, e a vantajosa comunicação de correios para os povos do interior com as regiões marítimas’” (2008, p.260-261, aspas no original).

tornou uma das maiores produtoras de café do território brasileiro. Assim, por um longo período, a economia da região esteve baseada exclusivamente na cultura cafeeira, fato que deixou o Estado numa grave situação econômica com a implantação do “Plano de Erradicação dos Cafezais” pelo governo durante os anos de 1965/1967, quando centenas de famílias se viram, então, sem emprego. Esse fato que obrigou o Estado a deslocar cerca de 180.000 pessoas, das quais 30.000 emigraram para outros Estados, 20.000 se marginalizaram como subempregados no meio rural e 10.000 no urbano (OLIVEIRA, 2008).

Frente a essa situação, surgiu a necessidade de expandir as potencialidades do Estado que não podia mais depender apenas da cultura cafeeira. Assim, grandes projetos voltados para o desenvolvimento industrial, no ramo da siderurgia e da celulose, foram aos poucos sendo implantados pelo governo, “modernizando a máquina administrativa do Estado, aparelhando-a para os novos tempos” (OLIVEIRA, 2008, p. 487).

Não se pode negar a importância dos imigrantes no Espírito Santo, seja na substituição da mão-de-obra escrava, seja na criação de pequenas propriedades rurais no interior, eles foram peças essenciais para o desenvolvimento econômico do Estado. Entre eles, destacam-se os imigrantes italianos, os prussianos, os pomeranos, os suíços, os poloneses, os holandeses, os belgas, os tirolezes, os luxemburgueses e os libaneses. Convém ressaltar, também, a presença de migrantes brasileiros no solo capixaba, que encontraram aqui terras férteis para cultivo e refúgio, bem como a contribuição africana (MORAES, 2004).

Assim, Moraes (2004) destaca que são vários os elementos que compõem o contexto histórico-social do capixaba: o grande isolamento que impediu o desenvolvimento do território, a crise econômica com a queda no preço do café, a chegada da mão-de-obra vinda de outras regiões do Brasil e do exterior e a implantação de grandes indústrias no Estado. Além disso, o território capixaba é cercado por outros Estados com maior representatividade política, econômica e cultural o que tende a minorar, de certa forma, a sua importância para a região mais rica e populosa do Brasil e da qual ele faz parte.

Se a valorização dos hábitos sócio-culturais de um determinado povo, o regionalismo, só faz sentido dentro de um cenário nacional, só se pode falar em identidade capixaba se se buscar compreendê-la em relação à nação brasileira. Comumente a constituição das identidades passa pelo processo de diferenciação e de afirmação destas diferenças no contexto de uma nação. Logo, as identidades se constituem e se reconstituem numa relação com o outro, ou seja, ao mostrar as características próprias do Espírito Santo no cenário nacional, o Estado se afirma como diferente. Para Hall:

As identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu *exterior constitutivo*, que o significado “positivo” de qualquer termo – e assim sua “identidade” – pode ser construído (2007, p. 110, grifo do autor).

É, pois, nesse contexto que esta pesquisa se insere. Nosso objetivo é verificar de que forma as estratégias discursivas presentes nos discursos do petróleo, veiculados pelo jornal *A Gazeta*, compartilham, de um lado, as representações de um Estado que procura se reposicionar e se reinserir no contexto nacional graças às grandes descobertas de petróleo no território, recrutando, assim, novos processos de (re)construção identitária; e, de outro, mobilizam recursos discursivos que ativam processos de reconhecimento, valorização e pertencimento, estabilizando e desestabilizando formas de representação identitária, remodelando-as e reposicionando-as em um processo contínuo de identificação.

Nesse sentido, ao veicular, hoje, discursos que enfatizam o crescimento econômico e social do Estado, os textos jornalísticos parecem querer romper com aquela imagem de “estado menor”, sem grande representatividade na região sudeste, que veio sendo construída ao longo dos anos.

O jornalismo pode ser visto como uma instância de produção e veiculação de representações sociais na medida em que torna compartilháveis formas de perceber e construir simbolicamente imagens do Estado e do capixaba. Consideramos assim que a identidade regional é vivida, produzida, compartilhada e transformada muito especialmente nas e pelas práticas discursivas (MORAES, 2004).

1.2 QUADRO TEÓRICO E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

O mundo social e as identidades não são fixos, estão sempre em construção e reconstrução, isto é, no processo contínuo de produzir representações sociais e torná-las inteligíveis e compartilháveis. Portanto, a ideia central deste trabalho se baseia na hipótese de que as identidades sociais estão sujeitas a mudanças, isto é, podem ser reposicionadas ou remodeladas. Nesse sentido, indagamos como o discurso jornalístico pode mobilizar recursos discursivos que ativam processos identitários, de valorização, reconhecimento e pertencimento a determinadas comunidades. Mais especificamente, interessa-nos pensar o discurso sobre o petróleo em *A Gazeta*, indagando como esses discursos estabilizam e desestabilizam formas de representação identitária, remodelam-nas e as reposicionam num processo contínuo.

A escolha do nosso *corpus*, reportagens do jornal *A Gazeta*, justifica-se na medida em que a história deste jornal está intimamente ligada à história de constituição do Estado. Além de ser, também, um dos mais importantes veículos de comunicação do Espírito Santo.

Ao propormos este trabalho, pensamos em investigar o conceito de identidade em várias áreas do conhecimento, uma vez que essa noção se constitui em um campo de trabalho multidisciplinar que, para ser eficazmente desvelado, exigiu o intercâmbio de diferentes enfoques e contribuições que apresentaremos ao longo dos capítulos. Assim, esta pesquisa vai buscar nas contribuições de Stuart Hall (2006, 2007) uma maior compreensão do conceito de identidade na pós-modernidade, notadamente no que tange às reflexões propostas por esse autor nos Estudos Culturais, bem como as contribuições de Zygmunt Bauman (2005) sobre a identidade na modernidade líquida. Apoiaremos-nos, também, nas considerações de Maura Penna (1992,1997) cujo recorte da noção de representação social e região muito próximas de Bourdieu (2000) permeará toda a nossa discussão. No âmbito da Análise do Discurso, fundamentaremos nossa pesquisa em autores, além de Maura Penna, como Eni Puccinelli Orlandi (1993) que nos apresenta o conceito de discurso fundador e a sua importância na instituição de identidades. Convocaremos também conceitos de Dominique Maingueneau (1996, 1997, 2005a, 2005b, 2008a, 2008b) tais como prática discursiva, *ethos* e cenas da enunciação. Interessa-nos, ainda,

entender o funcionamento da máquina midiática na construção de sentido e as relações que podem ser estabelecidas entre a mídia e o discurso, reflexões buscadas em Patrick Charaudeau (2006). Ao longo deste trabalho, autores de áreas afins serão convocados e contribuirão para a nossa fundamentação teórica.

Assim, levando-se em conta os objetivos deste estudo e a fundamentação teórica na qual ele se baseia, estabelecemos o nosso *corpus* constituído de 14 reportagens do jornal *A Gazeta* que fazem referência direta ao advento do pré-sal e aos assuntos relacionados a esse fato. Essas reportagens foram publicadas nos anos de 2008 e 2009. No entanto, não tivemos acesso ao jornal impresso, mas sim, à sua forma digitalizada disponível no banco de dados da biblioteca da Rede Gazeta de Comunicação. Faremos também referências a reportagens veiculadas nos anos de 2010 e 2011 que ganharam a primeira página do jornal e cuja temática esteja associado ao petróleo na camada pré-sal, uma vez que nos interessa perceber a continuidade desse debate e suas possíveis mudanças de foco.

O ano de 2008 nos é interessante, pois marca o descobrimento e o início da exploração do petróleo na camada pré-sal. Assim, deste período, selecionamos 11 reportagens veiculadas entre os dias 23 de março e 15 de dezembro. Em 2009, a temática principal das reportagens fazia referência às discussões, no Congresso Nacional, do projeto de lei que regulamentava a partilha dos *royalties* provenientes da exploração do pré-sal, bem como a reação dos estados produtores frente a uma possível perda no repasse desses benefícios, uma vez que os estados não produtores se manifestaram contrários ao projeto que beneficiava em maior grau os estados produtores. Para este período, selecionamos 10 reportagens.

Analisamos detalhadamente as reportagens ao longo desses dois anos, tentando mostrar, através de categorias tais como discurso fundador, representação, memória discursiva, cenas da enunciação, *ethos*, entre outras, como o discurso jornalístico, entendido como uma instância produtora de sentidos e representações, posiciona-se em relação às demandas do Estado por recursos, visibilidade, desenvolvimento e educação, e como discursivamente se volta à imagem do Espírito Santo e à identidade capixaba. As referências aos anos de 2010 e 2011 serão feitas de forma não sistemática, com o intuito de reforçar e/ou ilustrar alguma reflexão apresentada, além de retomar um debate que se mostra, até hoje, bastante polêmico.

Assim, a partir do quadro teórico proposto e do *corpus* a ser analisado, elencamos alguns questionamentos (outros virão ao longo dos capítulos) que esperamos conseguir responder na conclusão deste estudo. Assim, questionaremos qual o papel do jornal (fiscalizador, crítico, duplicador das instâncias políticas) ao veicular discursos sobre o petróleo? Quais posicionamentos dessa instância de produção esses textos apresentam? Qual o destaque é dado para as matérias sobre o petróleo e o que parecem indicar? Quais recursos retóricos, textuais e discursivos são ativados nessas representações do Estado e sua gente? Como esses discursos nomeiam, designam, definem e redefinem a população do Estado implicada nessa mudança? Ela é convocada a participar do processo e mesmo chamada a expor sua visão nos meios de comunicação? Existe um discurso consensual, otimista, que apresenta uma certa mudança ou estamos diante de discursos distintos, e mesmo paradoxais?

Tomando como base esses questionamentos, organizamos nosso trabalho em cinco capítulos. No segundo, apresentaremos algumas reflexões sobre identidade encontradas nos Estudos Culturais, na Sociologia, a fim de entendermos como esse conceito é visto e discutido por alguns teóricos dessas áreas. Nesse percurso, dialogamos principalmente com Stuart Hall, para quem a identidade está sempre em construção e reconstrução, e com Zygmunt Bauman, que caracteriza a modernidade como algo fluído e efêmero.

No terceiro capítulo, voltamos nossa atenção para as relações que podem ser estabelecidas entre linguagem, discurso e identidade na Sociolinguística, nas considerações da Linguística Crítica, nos estudos de linguagem e identidade de Ana de Fina. Apresentaremos, especialmente, a contribuição de Maura Penna aos estudos linguísticos e discursivos da identidade.

No quarto capítulo, apresentaremos algumas vertentes discursivas no tratamento das questões de identidade e discurso, no sentido de mobilizar noções para a delimitação de uma abordagem discursiva da identidade, que levará em conta conceitos como práticas discursivas, discurso fundador, cenas da enunciação e *ethos* discursivo, tomando como base os autores Eni Puccinelli Orlandi e Dominique Maingueneau.

No quinto capítulo, percorremos algumas reflexões propostas por Patrick Charaudeau notadamente aquelas relacionadas ao par discurso e mídia, com o intuito de entendermos o funcionamento da máquina midiática e os seus lugares na produção de sentidos. Levaremos em conta, também, conceitos como os de opinião pública, representação e discurso circulante.

No sexto capítulo, analisaremos as 14 reportagens veiculadas pelo jornal *A Gazeta* ao longo dos anos de 2008, 2009 e que apresentam como temática principal o advento do pré-sal no Espírito Santo e todos os impactos dessa descoberta no território capixaba. A maioria dessas reportagens é assinada pela jornalista Denise Zandonadi.

Finalmente, apresentaremos algumas considerações finais da pesquisa, no sétimo capítulo.

Esperamos que este trabalho contribua para uma maior compreensão da articulação identidade e discurso, pois se trata de uma relação importante que vem ganhando bastante notoriedade nas pesquisas atuais na Linguística e na Análise do Discurso, mas também nas Ciências Sociais. Propomos reflexões que levam em conta as relações que podem ser estabelecidas entre mídia, discurso e identidade, associados a um fato de grande relevância na sociedade atual e que é constantemente retomado nos embates políticos, a tematização do petróleo, constituindo-se, inclusive, como uma forte ferramenta política, como vimos ao longo da campanha presidencial de 2010, na qual o mote “o pré-sal é nosso” e a defesa da nacionalização dessa riqueza fomentaram discussões acaloradas entre os principais candidatos à presidência.

2 IDENTIDADE: PERSPECTIVAS INTERDISCIPLINARES

O conceito de identidade vem sendo bastante estudado nas últimas décadas nas Ciências Humanas e Sociais, com forte presença nos Estudos Culturais, na Sociologia, na Filosofia e, mais recentemente, na Linguística, tornando-se um dos mais importantes objetos de debates. Neste capítulo, percorreremos algumas noções de identidade encontradas nos Estudos Culturais e na Sociologia, destacando como esse construto é visto e entendido, sobretudo, por Stuart Hall e Zygmunt Bauman. Focaremos, ainda, o conceito de globalização, destacando algumas de suas características principais que têm forte influência nos processos de construção identitária, a partir de um diálogo entre autores que elucidaram particularidades de nossa atualidade social, econômica, tecnológica etc.

Um ponto em comum destacado nos diversos estudos sobre a identidade disponíveis na bibliografia consultada é a ideia de que as velhas identidades estão desaparecendo, dando origem a novas identidades e, assim, o indivíduo moderno, que por muito tempo foi visto como um sujeito unificado, experimenta uma crise de identidade, um processo amplo de mudança que vem deslocando as estruturas e os processos centrais das sociedades, abalando os pilares que sustentavam os indivíduos no mundo social. O fato é que a partir do século XX, as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade vêm se fragilizando e isso tem grande efeito nas identidades pessoais, abalando a ideia de sujeitos integrados, estáveis, racionais e donos do seu saber defendida pelo Iluminismo. O que se vê, hoje, é uma perda do “sentido de si”, que de acordo com Hall (2006), também pode ser entendida como um deslocamento ou uma descentração do sujeito.

Assim, no quadro que se configura nos séculos XX e XXI, nota-se um duplo deslocamento: o indivíduo é deslocado do seu lugar no mundo social e cultural e de si mesmo, daí a noção de “crise de identidade”. Esse processo de mudança, de fragmentação, vem transformando a própria modernidade. Bauman (2005) denomina o período em que vivemos de “modernidade líquida”, no qual a identidade está em constante processo de transformação, já que tudo é muito efêmero e fluido. Para Mercer (1990), a identidade só se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se acreditava fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da

dúvida e da incerteza, que caracteriza bem a sociedade contemporânea. Visto tratar-se de um conceito controverso, percebemos que diversos caminhos e terminologias para este termo são criados na tentativa de tentar entender ou definir de forma mais precisa esse conceito.

O interesse despertado por esse construto teórico se deu, sobretudo, com o advento das mudanças culturais, sociais, econômicas, políticas e tecnológicas que atravessam o mundo e que são experienciadas, em maior ou menor escala, em comunidades locais específicas (MOITA LOPES, 2003). Assim, no cenário político que se configura atualmente, percebemos que a reorganização político-geográfica da Europa, por exemplo, conduz a esforços teóricos de compreensão das novas identidades originadas a partir de alguns fenômenos como as migrações e o *status* das minorias étnicas em cada região (VIEIRA, 2009). No plano econômico, ressaltamos que, com o advento da globalização aliada ao capitalismo financeiro, os Estados nacionais viram a necessidade de se impor, tomando decisões baseadas em seus interesses próprios, o que muitas vezes é visto como egoísmo, gerando diversas críticas, como, por exemplo, os grandes incentivos financeiros oferecidos pelos países desenvolvidos à sua indústria e à sua agricultura, prejudicando, assim, a livre concorrência.

Outra característica forte da globalização diz respeito à evolução das tecnologias da informação, sobretudo à popularização da internet que permitiu uma nova forma de interação entre as pessoas. Além disso, o processo de globalização interferiu diretamente nas atividades econômicas, bem como permitiu o desenvolvimento de uma cultura virtual presente em todo o globo terrestre. Nessa perspectiva, Castells (2002) defende o termo “sociedade de rede” para a sociedade atual, marcada justamente por essa conectividade geral, onde o tempo e o espaço se imbricam.

Para este teórico:

Essa sociedade é caracterizada pela globalização das atividades econômicas decisivas do ponto de vista estratégico; por sua forma de organização em redes; pela flexibilidade e instabilidade do emprego e a individualização da mão-de-obra. Por uma cultura de virtualidade real construída a partir de um sistema de mídia onipresente, interligado e altamente diversificado. E pela transformação das bases materiais da vida – o tempo e o espaço – mediante a criação de um espaço de fluxos e de um tempo intemporal como expressões das atividades e elites dominantes (2002, p. 17).

Essa evolução da tecnologia da informação parece exercer forte influência nas noções de identidade, uma vez que a popularização da internet permitiu a criação de grandes redes sociais digitais que conectam pessoas com interesses em comuns. A comunicação praticamente instantânea em áudio e vídeo e o tráfego de grandes quantidades de informações deslocam a noção de fronteiras, já que novos territórios são criados e novas maneiras de ver e entender o mundo são constantemente reinventadas. Logo, no cenário mundial da pós-modernidade, os sujeitos não vivem mais delimitados nos próprios territórios, uma vez que as fronteiras vistas, antes, como obstáculos perderam esse caráter. Assim, os movimentos de desterritorialização e reterritorialização⁵ fazem parte desse novo momento, posicionando e reposicionando o indivíduo.

As mudanças que vêm ocorrendo, sobretudo nas últimas décadas, mudam a face do mundo, criando estilos, costumes de vida e novas formas de organização social (FRIDMAN, 2000). Assim, muito se tem questionado sobre as práticas sociais atuais e esses questionamentos têm grande efeito sobre a compreensão da classe social, do gênero, da sexualidade, da nacionalidade e da regionalidade. O fato de vivermos em um mundo multicultural – presenciamos isso ao ligar a televisão, ler o jornal, navegar na rede ou simplesmente sair na rua – ajuda-nos a entender alguns desses questionamentos. O que mostra “que essa multiculturalidade⁶ para a qual muitas vezes torcíamos/torcemos os narizes está em nossa própria vida local, atravessando os limites nacionais: os grupos *gays*, feministas, de *rastafáris*, de *hip hop*, de trabalhadores rurais sem terra etc.” (MOITA LOPES, 2003, p.15). Assim, não nos espanta que nossos valores, crenças e ideologias sejam constantemente e profundamente questionados.

Na sociedade contemporânea não se pode negar o papel exercido pela mulher, que de uma situação de submissão e silêncio, passa a ocupar novos espaços. Esse fato mudou consideravelmente o modo de vida em família, dando origem a uma nova

⁵ Sobre esses movimentos, conferir coletânea organizada por Milton Santos, Maria Adélia A. de Souza e Maria Laura Silveira (1996).

⁶ De acordo com Costa (2009, p.37), o multiculturalismo pode ser entendido tanto como um conceito empírico que expressa a existência, no interior de uma mesma comunidade política, de diferentes grupos socioculturais, que desenvolvem práticas, relações, tradições, valores e identidades culturais (individuais e coletivas) distintas e próprias, quanto como denominação de um campo de debates no interior da filosofia política e da política contemporânea.

organização familiar, na qual o homem também foi diretamente atingido. Temas voltados para a sexualidade começaram a ser discutidos de forma mais democrática e aberta, dando vozes àqueles que se viam mergulhados no silêncio. Essa abertura foi alcançada, sobretudo, por meio da mídia e da força que ela exerce na sociedade. Assim, ao focalizar de forma mais acentuada e com a maior frequência os movimentos e as organizações engajados na luta contra o preconceito e a intolerância, o discurso midiático afeta diretamente as políticas públicas dirigidas a essas minorias, ao mesmo tempo em que “naturaliza” certas práticas sociais. Dessa forma, ao nos depararmos com esses discursos, somos convidados a repensar nossas vidas sociais e nosso papel frente ao outro, ao diferente. Nessa perspectiva, o discurso tem papel central como força mediadora dos processos de construção de nossas identidades sociais, já que o que somos é construído a partir do papel que representamos uns para os outros em nossas interações (MOITA LOPES, 2003).

Como o estudo da identidade dialoga com diversas áreas do conhecimento, fato que nos mostra a importância desse construto na compreensão das nossas práticas sociais, faremos uma breve introdução aos debates interdisciplinares sobre essa noção. Por sua proximidade com certas questões discursivas, ressaltaremos, aqui, a importância das reflexões propostas por Stuart Hall e Zygmunt Bauman.

2.1 IDENTIDADES CULTURAIS EM CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO

Em *Identidade cultural na pós modernidade* (2006) Hall nos propõe pensar a questão da identidade a partir de três concepções históricas de sujeito que a fundamentam. A primeira concepção leva em conta o sujeito do Iluminismo, caracterizado como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo centro do “eu” era a identidade de uma pessoa. Este sujeito era sempre descrito como masculino.

A segunda concepção de identidade gira em torno do sujeito sociológico. Este sujeito refletia a complexidade do mundo moderno, sua consciência não era autônoma e auto-suficiente, mas se formava nas relações com o outro, os quais transmitem valores, significados e símbolos. A identidade era interativa, já que ela era formada na relação estabelecida entre o “eu” e a “sociedade”. Assim, observava-

se um “eu” que podia ser modificado no diálogo com mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. Dentro dessa perspectiva, o sujeito associa seus sentimentos aos lugares objetivos do mundo social e cultural. Logo, os sujeitos e os mundos se entendem, pois estão suturados uns aos outros, são reciprocamente mais unificados e predizíveis.

No entanto, dentro desse processo, algo vem mudando esse sujeito, fragilizando-o e, por consequência, a identidade que o compunha e o definia passa a não ser mais única, unificada, mas construída e reconstruída, levando-se em conta as relações que são estabelecidas pelos sistemas culturais que o rodeiam. Esse processo se dá na medida em que vêm operando nas sociedades contemporâneas mudanças estruturais e culturais, caracterizando o período denominado de pós-moderno. Fala-se, então, em *sujeito pós-moderno*.

Hall ressalta que esse descentramento do sujeito e conseqüente fragmentação da identidade estão ligados a cinco fatores principais. O primeiro reside no pensamento marxista⁷. Os escritos de Marx, redescobertos e reinterpretados no século XX, mudaram a concepção de sujeito como agente da história. Na verdade, as novas interpretações dadas a esses escritos, sobretudo por Louis Althusser deslocaram o sujeito da base teórica na qual ele era visto como o centro, dando às relações sociais esse lugar. Essa nova perspectiva abalou os pilares de muitas vertentes do pensamento moderno.

O segundo deslocamento está ligado à descoberta do inconsciente por Freud. Assim, uma vez que a sexualidade e a estrutura de nossos desejos têm origens em processos psíquicos e seguem determinações distintas à razão, a noção de sujeito racional, provido de uma identidade única e estável, é suprimida. Ao introduzir a existência da alteridade na interioridade – somos muitos – Freud pensa o “Ego” como um conjunto de identificações que cada sujeito vai fazendo no decorrer de sua vida. Assim, somos portadores de um conjunto de identificações. Nessa perspectiva, a noção de sujeito integrado, detentor de uma identidade única e fixa é abandonada.

Para Hall:

⁷ Os autores comentados a seguir foram trazidos a partir da discussão de Stuart Hall (2006), que apresenta a ambientação teórica e bibliográfica de cada um deles. Nossa apresentação procura apenas delinear os eixos desses descentramentos, sem referência às obras específicas.

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. [...] Ela permanece incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. [...] Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar em identificação, e vê-la como um processo em andamento (2006, p. 38-39).

Os trabalhos do linguista Ferdinand de Saussure marcam o terceiro deslocamento. Saussure defendia a importância da língua que preexiste a nós, como um sistema social do qual não podemos ser autores, já que pertence a todos. Assim, falar uma língua é dominar um conjunto de signos que, muito além de permitir a comunicação, também nos constitui como sujeitos. Os significados que são constituídos pela língua dependem, sobretudo, das relações estabelecidas entre os sujeitos, os objetos linguísticos e o mundo extralinguístico. Nesse sentido, a constituição da língua cruza com aquela da identidade, na medida em que sabemos quem somos na relação com o que não somos. Mas esse “nós” não pode ser fixo, ele vai se constituindo na relação com o outro. Da mesma forma, os significados na língua se constituem nas relações com outros e com nossos sistemas culturais.

O quarto descentramento toca o trabalho do filósofo e historiador Michel Foucault. Nos seus estudos, somos apresentados a um tipo de poder cuja origem remonta ao século XIX, estendendo-se também ao século XX. Trata-se do “poder disciplinar”. Este poder está diretamente ligado à noção de vigilância, em um primeiro momento, da sociedade em geral e, em um segundo momento, do próprio indivíduo. As instituições que foram criadas ao longo do século XIX, tais como oficinas, hospitais, prisões etc. servem de lugar para que esse poder possa se fazer notar, controlando e policiando o indivíduo. Assim, ele mantém o controle e a disciplina da sociedade baseados em regimes administrativos e em hierarquia de conhecimentos, docilizando o indivíduo ao mesmo tempo em que o individualiza.

O quinto descentramento diz respeito ao impacto dos movimentos sociais que ganharam força nos anos sessenta, destacando-se, dentre eles, o feminismo. Esses movimentos tiveram grande importância no questionamento do sujeito cartesiano, já que politizavam a subjetividade e a identidade.

Esses cinco descentramentos tiveram grande importância na constituição do sujeito da pós-modernidade. Hall (2007) destaca que não se tratou de abandonar o sujeito

cartesiano, mas sim de lhe dar uma reconceptualização. Para esse autor “é preciso pensá-lo [o sujeito] em sua nova posição – deslocada ou descentrada – no interior do paradigma” (p. 105). Assim, para Hall a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Para ele:

[...] à medida em que (*sic*) os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (2006, p.13).

Nos estudos contemporâneos de identidade, o termo “identidade” passa a ser substituído pelo seu plural “identidades”, tendo em vista que este último reflete uma sociedade na qual indivíduos e grupos têm acesso a repertórios de escolhas socialmente disponíveis. Há também quem defenda o termo “identificação”, para um processo não acabado, que está em constante mudança. Hall (2007, p. 105) destaca que o termo “identificação” surge numa rearticulação entre a relação entre os sujeitos e as práticas discursivas, levando-se em conta o processo de subjetivação e a política de exclusão que essa subjetivação parece implicar. Para ele, o conceito de “identificação”, sendo um dos menos estudados na teoria social, é tão complexo quanto o termo “identidade”. Mas ele deve ser entendido como uma construção, um processo nunca completado.

Outro aspecto abordado em *A identidade cultural na pós-modernidade* são as relações entre identidade e globalização. Hall nos convida a repensar o momento da pós-modernidade, levando-se em conta o processo de globalização que, na tentativa de homogeneizar o mundo e integrar comunidades, acabou por criar algumas contradições. Frente a essa homogeneidade, surge uma fascinação pela diferença, ou seja, há um interesse pelo “global”, mas também pelo “local”. Para Hall:

A globalização (na forma da especialização flexível e da estratégia de criação de “nichos” de mercado) na verdade, explora a diferenciação local. Assim, ao invés de pensar no global como “substituindo” o local seria mais acurado pensar numa nova articulação entre “o global” e o “local” (2006, p.77).

No diálogo entre o “local” e o “global”, de acordo com Hall (2006), são produzidas diversas identificações “locais” e “globais”. Não se trata, porém, de suprimir determinada identificação, enquanto outra se cria e ocupa o lugar da antecedente, mas sim de um diálogo entre essas identificações, sendo que em alguns momentos

uma certamente pode se sobrepor à outra. Nesse sentido, reafirmar o apelo a uma identidade nacional frente ao mundo globalizado, que tende a homogeneizar a cultura e as relações sociais, é também entrar em um terreno de negociações e movimentos de resistência em defesa de valores culturais particulares.

Hall destaca, ainda, o caráter desigual da distribuição da globalização ao redor do mundo: apesar de ser um fenômeno mundial, apresenta-se em escala diferente, com força desigual dependendo da região e da população. Temos, então, o que Doreen Massey (apud HALL, 2006, p. 78) nomeia de “geometria do poder”. Assim, outra contradição com relação à homogeneização pretendida com a globalização, de acordo com Hall (2006, p. 78), é saber quem é mais afetado por ela, já que, para ele, trata-se de um fenômeno de maior visibilidade no Ocidente.

Em texto intitulado *Identidade Cultural e Diáspora* (2007), Hall nos apresenta, por fim, dois modos de entendimento dos processos que ocorrem nas identidades culturais. O primeiro define-se em termos de cultura compartilhada, isto é, como um tipo de memória coletiva partilhada por aqueles que possuem uma história e ancestrais comuns, e que pode agir como uma força de dissipação de identidades impostas, superficiais e artificiais. De acordo com os termos dessa definição, nossas identidades culturais refletem as experiências históricas comuns e os códigos culturais compartilhados que nos fornecem – “nós” entendido como “um só povo” – quadros estáveis, imutáveis e contínuos de referência e de significação além das divisões e das vicissitudes da história real. Esta concepção de identidade cultural teve, por exemplo, um papel crítico nas lutas pós-coloniais que transformaram nosso mundo. Ela está no centro da visão dos poetas da “negritude” como Aimé Césaire e Léopold Senghor e, se retrocedermos um pouco no século, do projeto político pan-africano.

Com relação ao segundo aspecto das identidades culturais, Hall (2007) destaca os processos de diferença profunda e significativa que constituem o que somos, isto é, o que nós nos tornamos ao longo da história. Assim, não é mais possível evocar uma experiência, “uma identidade”, sem reconhecer seu outro aspecto: as descontinuidades e as rupturas que constituem efetivamente a singularidade. A identidade cultural, de acordo com esta segunda aceção, ressalta tanto o “ser” quanto o “tornar-se”. Ela pertence tanto ao futuro quanto ao passado. Não é algo

que já existe e que transcende o lugar, o tempo, a história e a cultura. As identidades culturais provêm de algum lugar, elas têm histórias. Entretanto, como tudo que é histórico, elas também são objetos de transformações constantes. Longe de serem fixadas pela eternidade em algum passado essencializado, elas estão sujeitas ao jogo contínuo da história, da cultura e do poder. Longe de serem fundadas sobre uma simples redescoberta do passado, as identidades são os nomes que damos às diversas formas de ser situadas em nós e nas histórias do passado.

Esse segundo aspecto ressaltado por Hall nos será bastante útil nas análises que proporemos, pois reforça o caráter não essencializado da identidade, destacando as transformações que atravessam esse conceito e que têm relação direta com as transformações que operam na sociedade e na história.

2.2 IDENTIDADES E INCERTEZAS EM UM MUNDO LÍQUIDO

Na sociologia atual, muito se têm destacado os trabalhos de Zygmunt Bauman, sociólogo polonês que possui uma ampla produção intelectual, destacando-se, em português, obras como: *O mal-estar da pós-modernidade* (1998), *Modernidade Líquida* (2001), *Comunidade* (2003), *Amor líquido* (2004) e *Identidade* (2005).

Para Bauman (2005), falar sobre identidade é entrar num terreno de graves inquietações e controvérsias. Ele destaca que as comunidades às quais as identidades se referem, e que são definidas por elas, constituem-se de dois tipos: as comunidades de vida e de destino, na qual os indivíduos estão ligados de forma absoluta; e aquelas, cujos membros se relacionam somente por ideias ou princípios. Nesse sentido, a identidade, como questão, aparece e se torna problemática ao ser exposta à segunda categoria, pois, no mundo moderno, com seu caráter diversificado e policultural, as ideias são constantemente questionadas, comparadas e reconsideradas. Assim, ao se impor um caminho a percorrer e se questionar, agindo de tal ou tal maneira, o indivíduo se coloca no mundo, deixa de pertencer ao mundo, no sentido passivo do termo, para afirmar a sua identidade. Ora, esse processo é repetido constantemente, e está na base da oposição proposta por Bauman entre “pertencimento” e “identidade”. Ele destaca, também, o caráter

moderno-líquido do mundo contemporâneo, para ele: “o mundo a nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados” (2005, p. 18-19). Assim, é praticamente impossível se manter em apenas uma comunidade de ideias, somos o tempo todo convidados a fazer parte de outras dessas comunidades.

Bauman entende que as nossas identidades estão sempre em movimento, “flutuando”, já que habitamos um mundo moderno líquido. Essa movimentação é necessária na medida em que precisamos nos juntar a grupos e, ao mesmo tempo, nos afastar deles, num ciclo constante e rápido. Nesse sentido, as identidades são constantemente buscadas:

O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem apoio num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente, “nem-um-nem-outro, torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade. Por outro lado, uma posição fixa dentro de uma infinidade de possibilidades também não é uma perspectiva atraente. Em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, “estar fixo” – ser identificado de modo inflexível e sem alternativas – é algo cada vez mais malvisto (2005, p.35).

Em sua visão, Bauman também destaca o termo identificação. Para ele, quando a identidade, que se pretende predeterminada, natural e inegociável, perde as âncoras sociais, a identificação se torna cada vez mais importante, na medida em que os indivíduos passam a buscar um “nós” a quem se identifiquem e a quem possam pedir acesso.

Dessa forma, o conceito de identidade defendido por Bauman leva em conta o caráter líquido do mundo moderno, com suas incertezas e suas inseguranças. Nesse sentido, nossas identidades sociais, culturais, profissionais, religiosas e sexuais tendem a fazer parte de um processo de modificação constante no intuito de se adaptarem a esse novo mundo líquido. Logo, a identidade não é vista como um conceito imutável, mas sim objeto de transformação constante, como já destacado por Hall (2007) no tópico anterior.

Outras perspectivas sobre a identidade também podem ser encontradas na Linguística. No Brasil, pesquisadores como Luiz Paulo da Moita Lopes, Inês Signorini, Kanavillil Rajagopalan, Ana de Fina, Maura Lucia Fernandes Penna, Eni Puccinelli Orlandi, Maria José Coracini têm se dedicado ao estudo da identidade em sua relação com a linguagem. Pretendemos a seguir abordar questões de linguagem e identidade, inicialmente em uma perspectiva mais ampla dos estudos da linguagem.

3 LINGUAGEM, DISCURSO E IDENTIDADE

As relações entre linguagem e identidade têm sido pensadas na linguística através de vários enfoques. Este é o momento para discutirmos as diversas abordagens da identidade a partir da perspectiva da linguística e, mais especificamente, do estudo das práticas discursivas. Iniciamos apresentando abordagens de identidade e linguagem, encontradas nas considerações da Sociolinguística, da Linguística Crítica, de Kanavillil Rajagopalan, e dos estudos de linguagem e identidade de Ana de Fina. Em seguida, apresentamos mais detalhadamente a perspectiva discursiva sobre identidade e representação de Maura Penna (1997).

Uma das primeiras abordagens da relação entre linguagem e identidade na Linguística deu-se na Sociolinguística, pois, ao analisar frases de locutores distintos, percebeu-se que as variedades de uso da língua ou dos dialetos estavam diretamente ligadas ao *background social* de cada indivíduo. Isto é, as escolhas linguísticas de cada falante o constituíam e o diferenciavam, criando um espaço identitário no qual ele se inseria. Nesta perspectiva, entendia-se que a diferenciação interna das sociedades se reflete no uso que elas fazem da linguagem, na medida em que grupos sociais diferentes usam variedades linguísticas diferentes, e como membros experientes de uma comunidade, esses falantes aprendem a classificar outros falantes (TRUDGILL, 1984). A língua, como um fenômeno social, está estreitamente ligada à estrutura social e aos sistemas de valor da sociedade. Logo, as práticas discursivas refletem esses sistemas e os indivíduos a eles ligados; falar, então, passa a ser visto com identificar-se, na medida em que, ao se expor por meio da palavra, cria-se uma imagem de si, uma identidade que vai orientar a interlocução. A noção de identidade social, então, estava ligada ao desempenho linguístico de cada indivíduo na interação. Ainda hoje, algumas pesquisas focadas na interação utilizam critérios ligados às marcas linguísticas e aos *backgrounds* culturais dos indivíduos nos processos de criação identitário.

Ainda fora do âmbito da análise do discurso, a identidade tem sido estudada por autores como Inês Signorini⁸ e Kanavillil Rajagopalan, pesquisadores engajados nas relações que podem ser estabelecidas entre identidade e a linguagem.

Kanavillil Rajagopalan, professor titular de Semântica e Linguística Aplicada na Unicamp, possui uma vasta produção acadêmica, tanto em inglês quanto em português, na qual encontramos alguns trabalhos voltados para a compreensão das relações entre identidade e linguagem. Assim, ao tomar como foco o mundo contemporâneo, marcado pelo estreitamento das interações entre os povos, resultado do processo de globalização, o autor reflete sobre as relações que podem ser estabelecidas entre as línguas e a formação de identidades, na medida em que as políticas de representação atuam sobre os sujeitos e os grupos sociais.

As identidades linguísticas seriam, então, constituídas no confronto do sujeito com o mundo, em lutas diárias. Os discursos passariam a não apenas refletir essas lutas, mas, sobretudo, ser o objeto pelo qual lutamos. Dessa forma, em *Por uma Linguística crítica* (2003), Rajagopalan destaca o papel do linguista como cientista social, que na tentativa de entender os processos de construção identitária, acaba por atingir diretamente os setores marginalizados da sociedade, contribuindo para uma melhoria das condições de vida.

Ao propor um panorama sobre como o conceito de identidade foi visto e entendido nos estudos linguísticos, Rajagopalan (2006) questiona a utilização dos conceitos “uma língua” e “um falante de uma língua”:

Os lingüistas, como leigos, frequentemente se referem a falantes da língua x como se não houvesse nenhum problema de qualquer espécie para decidir quem pertence e quem não pertence ao grupo que eles assim pretendem identificar e discriminar. Mas, como os contornos de “uma comunidade de fala” e conseqüentemente do que gostaríamos de ver sem ambigüidade pelo uso da expressão “uma língua”, o termo “um falante de uma língua” também se revela, num exame mais minucioso, extremamente problemático (RAJAGOPALAN, 2006, p. 25).

Nesse sentido, ele vê a necessidade de pensar numa relação tríade entre língua-identidade-falante, e destaca que a identidade de um sujeito é construída na e pela

⁸ Como a abordagem da autora, voltada para a linguística aplicada, distancia-se do que propomos neste trabalho, apenas a situamos nos debates sobre identidade. Alguns dos seus trabalhos podem ser encontrados em *Língua(gem) e identidade* (2006).

língua, pois o sujeito não tem uma mesma e única identidade anterior e fora dela, já que as identidades despertadas estarão sempre em relação com essa tríade (2006). A construção da identidade de um indivíduo na língua e através dela depende do fato de a própria língua em si ser uma atividade em evolução e vice-versa. Dessa forma, como essa atividade não opera de forma constante, as identidades passam a ser vistas em um estado de fluxo.

Rajagopalan (2006) critica a posição da linguística contemporânea que tende a minorar a importância de certos fenômenos linguísticos, como o multilinguismo, *pidgins* e crioulos, deixando-os à margem dos estudos mais centrais. Ao não enfatizar de forma plena esses fenômenos, os estudos linguísticos acabam por reforçar uma noção de identidade fixa, pura e íntegra de indivíduos auto-suficientes. Assim, ao levarmos em conta essa perspectiva, a compreensão desses fenômenos torna-se bastante limitada e deformada, sendo a construção de identidades uma operação totalmente ideológica. Nas palavras de Rajagopalan (2006, p. 42) “não é preciso dizer que qualquer impulso para repensar a identidade também terá uma resposta ideológica a uma ideologia existente e dominante”.

Outra abordagem sobre a identidade pode ser encontrada em Anna de Fina (2009), pesquisadora em linguística com uma larga produção acadêmica que tem dedicado alguns de seus trabalhos ao estudo da linguagem e identidades, sobretudo no tange à produção de narrativas, bem como às línguas em contato, ao bilinguismo e aos discursos de imigrantes. No que diz respeito à identidade, ela propõe duas tendências contemporâneas na definição desse termo, a primeira é oriunda da psicologia social e a segunda da linguística. No que diz respeito à primeira, temos a identidade como um conhecimento de si que o indivíduo possui, na medida em que ele se sente parte de um grupo, ou seja, ao se colocar como membro de um grupo ou de grupos, ele cria um conceito de si.

Comentando essa tendência, Kleiman (2006) afirma que esse construto esteve por muito tempo associado aos estudos sobre a autopercepção e personalidade do indivíduo, solitário e independente das relações sociais que estabelece e que o constituem. No entanto, para a autora, esse olhar vem mudando nos últimos anos, levando-se em conta a alteridade, ou seja, passou-se a definir a identidade na

relação com o outro, envolvendo a realidade subjetiva dialeticamente moldada na interação. Para ela:

[...] mesmo com a incorporação de uma dimensão social no construto, sob a forma de autopercepção de um ator social diante de outros atores sociais, permanece uma dimensão psicológica importante: é o processo psicológico do indivíduo – sua necessidade de filiação a grupos que identifica positivamente, e seu abandono da identificação quando emergem identificações negativas. [...] O conceito de si do indivíduo passa, então, a ser organizado em torno das características, crenças e traços da personalidade assumidos pelo grupo com quem se identifica e assim a individualidade se perde (2006, p. 272).

Com relação à segunda tendência, Fina (2009) observa definições com foco na linguagem em processo. De acordo com essa perspectiva, a linguagem é central na construção de identidade, já que a partir do seu uso são possíveis interações entre grupos sociais: “a identidade é uma construção linguística de um ou mais grupos sociais ou categorias” (KROSKRITY, apud FINA 2009, p.123). Temos então duas definições de identidade que se contrastam entre si, já que em uma observamos a ideia de conceito de si e em outra a de processo social:

Outro ponto do debate que aparece, então, a partir dessas duas definições, e que deixa claras duas perspectivas opostas na discussão contemporânea sobre a identidade, é o contraste entre um processo situado no indivíduo e outro formado a partir das interações e instituições sociais nas quais e com as quais cada indivíduo ou grupo se identifica ou se sente afiliado (FINA, 2009, p.123).

No que tange aos estudos do construtivismo social, Fina (2009) argumenta que para se estudar a identidade é necessário ter em mente que as realidades não são dadas, mas sim construídas através de trabalho social. Logo, a noção de identidade deixou de ser uma prerrogativa do sujeito, em função de suas crenças e sentimentos:

Os pesquisadores voltaram-se para a procura de caminhos nos quais as identidades fragmentadas e “polifônicas” coexistem, caminhos pelos quais as identidades mudam e se desenvolvem de acordo com as situações, os interlocutores e os contextos, caminhos pelos quais as identidades são criadas, impostas, encontradas ou reprimidas através de interações sociais. (FINA, 2009, p. 124).

Assim, nessa percepção, os significados são compreendidos como o resultado dos processos sociointeracionais, nos quais nos inserimos cotidianamente, com intuito de entender a vida que nos rodeia.

3.1 POR UM CONCEITO DE IDENTIDADE NO CAMPO DA LINGUÍSTICA

Embora se reconheça a necessidade de uma abordagem interdisciplinar para estudos da identidade, um esforço de explicitação de um recorte teórico para tratamento das relações entre discurso e identidade vem sendo feito e o encontramos especialmente em Maura Penna, em sua tese de doutoramento intitulada *Identidade social, Linguagem e Discurso* (1997) e em sua obra intitulada *O que faz ser nordestino – Identidades sociais, interesse e o “escândalo” Erundina* (1992).

Para Penna (1997), o problema básico comum a várias abordagens sobre a identidade, seja na Linguística ou nas Ciências Sociais, é a ausência de explicitação do conceito de identidade. Para ela, a identidade vem sendo abordada sob múltiplos enfoques, tomando sentidos distintos. Não sendo explicitada, a noção de identidade funciona como um *a priori* cognitivo, cujo quadro de significações é pressuposto em sua imprecisão. Ela destaca, ainda, que as questões relativas à identidade social são complexas, envolvendo processos psicológicos, cognitivos e sociais (1992). A autora parte, então, do conceito de identidade social, para assim explicitar um tratamento da noção no campo da Linguística.

É por meio do papel que ocupamos na sociedade que nos constituímos, ou seja, são as atribuições de identidade social que nos definem. Nesse sentido, Penna (1997) afirma que frente a realidades muitas vezes consideradas objetivas, o processo de representação simbólica e sua relação com o mundo social é ocultado. Assim, os sujeitos são conhecidos pelos nomes que ostentam, e são esses nomes que orientam a percepção da realidade, demarcando os espaços que ocupam, o comportamento que adotam e a relação social que estabelecem com os seus pares. Assim, as diferenças peculiares a cada indivíduo são “naturalizadas, vistas como fazendo parte da natureza das coisas” (1997, p. 2). Ora, essa naturalização apresenta aos indivíduos uma falsa realidade, na qual categorias são criadas e identidades são atribuídas a esses indivíduos, estabelecendo um cenário de desigualdade e dominação. Nesse sentido, Penna questiona o senso comum, que naturaliza as diferenças, e procura adotar em seu trabalho uma perspectiva que se distancia do senso comum. Seu intuito é, então, compreender “os mecanismos que

atuam no cotidiano construindo a significação do mundo social” (1997, p. 2) e definindo quem é quem.

No intuito de estabelecer e questionar alguns conceitos de identidade na Linguística, Penna analisa duas obras da área da Sociolinguística Interativa que versam sobre a noção de identidade. O intuito da pesquisadora é apresentar os pontos centrais que orientam as discussões apresentadas nesses trabalhos, entrecruzando-os com aqueles adotados em sua pesquisa, destacando, sobretudo, os pontos de divergência entre essas perspectivas de análises. Penna discute a noção de identidade de John Gumperz, considerado uma referência nos estudos relacionados à identidade sob o olhar da Sociolinguística Interativa, a partir de suas obras *Discourse Strategies* (1982a) e *Language and Social Identity* (1982b), coletânea que apresenta trabalhos de Gumperz bem como de outros colaboradores.

Assim como para Gumperz, Penna situa sua pesquisa na sociedade atual, uma sociedade que se moderniza a cada dia, demonstrando um rápido processo de diversificação social. Nesse sentido, os indivíduos passam a usufruir de um repertório de escolhas diverso, interagindo com grupos distintos que ocupam espaços sociais também distintos. No entanto, ao mesmo tempo em que os grupos se diversificam a vivência comunitária se torna cada vez mais difícil (PENNA, 1992).

Em meio ao desaparecimento das fronteiras sociais, que marcavam justamente até onde determinado grupo deveria atuar, a comunicação verbal vem se mostrando cada vez mais forte nas atribuições de identidade. No processo de compreensão da noção de identidade social, a Linguística surge, então, com ferramentas que podem auxiliar esse estudo.

[...] as representações de identidade cumprem funções organizacionais no grupo: demarcam seus limites (nós/eles), estabelecem uma ‘comunhão’ por sobre possíveis elementos de ruptura, criando simbolicamente uma unidade em torno de interesses (materiais e/ou simbólicos) ou mesmo de um projeto comum (PENNA, 1992, p. 157).

Dessa forma, a identidade passa a ser vista não mais como uma condição, mas sim como uma marca simbólica que caracteriza os indivíduos como pertencentes a um certo grupo. São, pois, os atos de pensamento e linguagem que vão orientar o

processo de apreensão do mundo social, uma vez que eles surgem na própria sociedade e são também moldados por ela.

Penna destaca, também, outro ponto em comum entre a sua abordagem e a de Gumperz. Trata-se da concepção de identidade enquanto construção simbólica e da noção de maleabilidade e multiplicidade de identidades possíveis. No que diz respeito à noção de construção simbólica, Penna afirma que Gumperz confere muita importância aos processos simbólicos na constituição da realidade social ao afirmar que “os processos sociais são processos simbólicos” (1997, p. 18). Nas ciências sociais muito se discute essa relação, o que vai levar em conta o conceito de social defendido por cada autor. Penna, posicionando-se de forma “prudente”, acredita que o mais adequado seja afirmar que os processos sociais são *também* simbólicos e que a perspectiva adotada em seu trabalho entende as questões de identidade social como representação, já que parte de processos simbólicos para a organização das práticas sociais, valendo-se, para tanto, de dois componentes: o ideal (simbólico) que se liga ao propriamente material.

Penna critica o posicionamento de Gumperz que entende a realidade social como estável, modificando-se apenas em um contexto marcado por diferenças culturais, pois estas afetam diretamente o processo comunicativo.

[...] em se tratando de sociedades urbano-industriais modernas, dificilmente é possível supor a homogeneidade interna e qualquer grupo, mesmo que compartilhe de uma [...] identidade comum. Desta forma, acreditamos que tampouco é possível pressupor uma homogeneidade em termos das práticas interativas/comunicativas dos membros do grupo, uma vez que, mesmo quando as convenções básicas são partilhadas, essas convenções são diferentemente apropriadas pelos indivíduos (PENNA 1997, p. 20).

No que se refere à relação entre linguagem e identidade, Gumperz (1982b) afirma que “a identidade social e a etnicidade são em grande parte estabelecidas e mantidas através da linguagem”. Penna se opõe a essa afirmação na medida em que ela entende que a identidade étnica é uma forma particular de identidade social, assim como existem outros tipos de identidade, como a regional, de gênero etc. Vale ressaltar, no entanto, que tanto para Penna quanto para Gumperz, as identidades estão diretamente ligadas aos processos de apreensão do mundo social, constituídos por meio da linguagem. Nesse sentido, deve-se, então, adotar uma

perspectiva mais ampla de linguagem que leve em conta a sua importância “no tratamento simbólico da realidade” (PENNA 1997, p. 22).

Penna defende, ainda, que não podemos limitar a pesquisa identitária apenas a traços culturais que marcam determinados grupos, sob o risco de que, na ausência de alguns desses traços, a identidade desapareça. Essa busca deve envolver elementos que se situam além da simples prática cultural, sobretudo quando entram em cena as duas direções do jogo do reconhecimento: o auto-reconhecimento e a alter-atribuição de identidade, ambas articulando-se de forma dinâmica, podendo ou não coincidir. Como em cada uma dessas direções as práticas culturais podem ser apreendidas, interpretadas e valoradas de forma diferente, a atribuição de identidade pode não encontrar fundamento.

Um outro ponto apontado como problemático por Penna na abordagem de Gumperz e colaboradores é a ausência dos aspectos históricos e coletivos das questões de identidade nas análises propostas. O fato é que os traços identitários, bem como a própria representação da identidade, são construídos historicamente, logo, ao não levar em conta essa noção, Gumperz ignora o processo histórico envolvido nas questões de identidade, enfatizando apenas o caráter individual, já que trabalha com a interação verbal. Assim, aliado ao processo histórico e ao individual, o social também se constitui como um nível de análise, e esses três níveis, estando intimamente articulados, não podem ser tomados isoladamente. Assim, para ela, a abordagem de Gumperz apresenta “uma concepção estreita de linguagem, restrita à prática comunicativa e à enunciação” (Penna, 1997, p. 38-39).

A partir desses comentários a Gumperz, Maura Penna delimita sua própria noção de identidade em uma abordagem discursivo-pragmática desse conceito. Ela destaca que as questões que envolvem o conceito de identidade estão entre os fenômenos simbólicos do mundo social e que a concepção de identidade social concebida em seu trabalho está ligada à noção de representação e a uma forma de classificação.

Essa noção de representação, defendida por Penna, é encontrada em Bourdieu (2000). Para esse teórico, podem ser representações mentais (percepções e apreciações, conhecimentos e reconhecimentos, objetos de investimentos dos interesses e pressupostos dos agentes sociais) ou representações objectais (em

coisas como emblemas, bandeiras ou ações estratégicas de manipulação simbólica cujo objetivo é determinar a representação mental que os outros podem ter destas propriedades e dos seus portadores). Nas palavras de Barbalho “as representações operam de forma a fazer “ver e crer, conhecer e reconhecer, e na luta em torno delas, da capacidade de elaborá-las e impô-las ao coletivo, está em jogo a capacidade de impor um sentido consensual ao grupo, seu sentimento de unidade e de identidade” (2004, p.156).

Nesse sentido, o discurso produzido por uma determinada região pode adquirir um caráter performativo, na medida em que visa impor como legítima uma nova percepção, uma nova maneira de dizer e ver as suas singularidades, fazendo com que uma região, antes delimitada e desconhecida, possa remodelar suas representações, posicionando-se contra uma definição dominante, portanto, reconhecida e legítima, que a ignora (BOURDIEU, 2000, p. 116). O discurso performativo será tanto mais eficaz, quanto maior for a importância daquele que o enuncia. No entanto, para Bourdieu,

O efeito de conhecimento que o facto da objetivação no discurso exerce não depende apenas do reconhecimento consentido àquele que o detém; ele depende também do grau em que o discurso, que anuncia ao grupo a sua identidade, está fundamentado na objetividade do grupo a que ele se dirige, isto é, no reconhecimento e na crença que lhe concedem os membros deste grupo assim como nas propriedades econômicas ou culturais que eles têm em comum, pois é somente em função de um princípio determinado de pertinência que pode aparecer a relação entre estas propriedades (2000, p. 117).

Nessa perspectiva, Penna (1997) enfatiza o caráter estruturante das representações, já que elas contribuem para a organização das práticas sociais sem, no entanto, estarem ligadas a uma instância específica da vida social. Essas representações, que organizam as práticas sociais, constituem-se na própria sociedade, ao longo da história, sendo moldadas de acordo com as características culturais de cada povo. Logo, essa atividade estruturante depende das relações entre os indivíduos dentro dos limites culturalmente estabelecidos. Nesse sentido, a identidade, como representação, passa a ser uma construção simbólica, sendo direcionada de acordo com os interesses, valores e referenciais sociais disponíveis. De acordo com a autora (1997, p. 5), “as condições para a construção das identidades e os elementos nela articulados estão intimamente vinculados às

condições de existência, à cultura e às relações sociais em que o indivíduo ou o grupo se encontra inserido”.

Ao falarmos em identidades sociais estamos, também, nos referindo a uma forma de classificação, que delimita grupos, criando espaços específicos, ao mesmo tempo em que orienta a compreensão do mundo social. Ora, essa compreensão leva em conta o elemento de coesão, que constitui um “nós” e o elemento de diferenciação, que demarca os limites do grupo, distanciando-se do “eles”. Logo, observamos um cenário de múltiplas identidades sociais, tantas quanto maiores forem os referenciais disponíveis.

Nesse cenário, percebemos um jogo de reconhecimento social, que muitas vezes é entendido como um jogo de poder, que leva em conta o valor que é atribuído a uma determinada classe ou grupo e o caminho para se fazer parte deles. As representações de identidade social favorecem a criação ou a extinção de grupos, ao mesmo tempo em que a força das práticas cotidianas os aproxima ou os coloca em confronto, quando percebemos uma busca simbólica de reconhecimento dos limites no mundo social. Penna (1997, p. 23) salienta que esse jogo de reconhecimento se constitui seguindo duas direções articuladas entre si: a) a auto-atribuição de identidade, o auto-reconhecimento; b) a alter-atribuição, a identidade que é atribuída pelo outro. Assim, temos um conceito de identidade que leva em conta duas definições: a externa e a interna.

Nessa perspectiva, a identidade social deixa de ser algo dado, afastando-se do conceito de “essência”. Não é vista, pois, como característica própria de certo indivíduo ou grupo, mas sim como construções que levam em conta aspectos que refletem indivíduos ou grupos.

Assim, levando-se em conta as diversas perspectivas aqui apresentadas sobre a noção de identidade, percebemos que em praticamente todas elas encontramos um conceito de identidade relacionado à noção de processo, ou seja, de algo que está sempre em movimento, adaptando-se às transformações da sociedade, do mundo líquido. O sujeito detentor de uma identidade única não tem mais lugar no mundo contemporâneo, nossa identidade se desdobra em várias outras que, por sua vez, também são transformadas e ajustadas. Neste trabalho adotaremos essa

perspectiva por entendermos que representações, imagens e sentido, mais estáveis ou mais desestabilizados, que se produzem no Estado no discurso da imprensa são vetores potenciais de processos identitários de manutenção e/ou reconstrução de identidades capixabas.

4. DISCURSOS E CENAS (REGIONAIS) DE ENUNCIÇÃO

No que tange às relações existentes entre discurso e identidade, algumas obras e textos importantes foram publicados no Brasil ao longo das duas últimas décadas, como a coletânea organizada por Orlandi (1993) *O Discurso Fundador: a formação de um país e a construção da identidade nacional*, as duas obras já anteriormente referidas de Maura Penna (1992, 1997) e outras colaborações de autores por vezes de fora da AD, como Moita Lopes. Autores da Análise do Discurso francesa tais como Charaudeau (2006) e Maingueneau (2008a, 2008b) têm também se voltado para as questões de identidade, propondo categorias discursivas que iniciam uma abordagem discursiva da questão. Neste capítulo apresentaremos um panorama das discussões desses autores sobre identidade e discurso, iniciando com considerações de Moita Lopes (2006).

As abordagens da identidade nos estudos textuais e discursivos partem da ideia de que os discursos são produzidos por alguém cujas marcas identitárias inserem-no na vida social e o localizam no discurso, bem como a seus interlocutores (MOITA LOPES, 2006). Logo, ao utilizarmos a linguagem a fim de nos relacionarmos com o mundo, não o fazemos apenas como um usuário da língua, conhecedor das regras que permitem uma comunicação clara e objetiva, mas também como um homem branco/mulher branca, jovem/adulto, professor/aluno, brasileiro/estrangeiro, de classe média/rico, traços identitários que nos constituem como tal. Esses traços nos permitem efetivar certas práticas discursivas, sendo que alguns deles podem ser atenuados ou destacados, dependendo do contexto interacional. Assim, a maneira como se é reconhecido em um determinado ambiente pode mudar em um outro contexto de interação.

Os processos de construção identitária, aos quais estamos submetidos constantemente, não nos permitem ostentar uma identidade social única, como vimos anteriormente, é, assim, pois, que convivemos com identidades múltiplas, por vezes contraditórias. Dessa forma, na chamada pós-modernidade, ou modernidade tardia⁹ as práticas discursivas têm grande importância na compreensão da vida social e da construção identitária, notadamente como instrumento de reflexão e

⁹ Termo utilizado por Giddens (1991)

interpretação das nossas atitudes frente a um mundo que se mostra cada vez mais semiotizado, cujo centro das relações se baseia no intercâmbio de informações. O discurso é considerado como algo capital na produção da existência dos indivíduos. Assim, estudá-lo é compreender a própria sociedade.

A identidade, seja ela nacional, cultural, regional ou subjetiva é produzida ou construída socialmente, por meio, entre outros fatores, de discursos que, ao serem produzidos e veiculados constroem a memória discursiva de uma comunidade. Os sentidos produzidos são construídos numa relação de envolvimento entre os interlocutores, levando-se em conta aspectos culturais, históricos e institucionais. As identidades sociais vão surgir justamente nesse processo de interação, os indivíduos vão construindo suas identidades na relação com outro, ao agir no mundo, utilizando a linguagem para essa interação.

O discurso passa, então, a ser entendido como um processo de construção social na medida em que os significados são negociados pelos participantes. Esses significados estão situados social e historicamente, tendo como fio condutor as práticas discursivas específicas pelas quais os indivíduos marcam suas posições nas relações de poder:

O discurso como uma construção social é, portanto, percebido como uma forma de ação no mundo. Investigar o discurso a partir desta perspectiva é analisar como os participantes envolvidos na construção do significado estão agindo no mundo através da linguagem e estão, deste modo, construindo a sua realidade e a si mesmo (MOITA LOPES, 2006, p. 305).

Como os sentidos são situados cultural, institucional e historicamente e os interlocutores interagem discursivamente em condições sócio-históricas, o conceito de identidade social passa a ser entendido como um processo de produção de sentidos e representações. Como as relações entre os indivíduos mudam constantemente, já que as condições sócio-históricas também variam, as identidades que surgirão dessas interações não serão nunca fixas, mas ligadas a um processo de reposicionamento contínuo. Nessa perspectiva, a Análise do Discurso se destaca, pois pode mostrar os sentidos e as representações identitárias que se constroem e se reconstroem nas práticas discursivas.

4.1 DISCURSO FUNDADOR E IDENTIDADE NACIONAL

Os estudos voltados para as relações que podem ser estabelecidas entre identidade nacional e discurso no âmbito da Análise do Discurso francesa no Brasil ainda são bastante tímidos, já que falar sobre identidade nacional é pisar em um terreno de grande complexidade, uma vez que é preciso ter em mente o conceito complexo de nação. Isso implica pensar numa geopolítica das relações identitárias, na medida em que, ao propor divisões de ordem político-administrativa do território, o Estado contribui para que as identidades locais se formem e se afirmem:

Do espaço físico (geográfico) imediato de ação do indivíduo até a entidade global da nação, demarcações territoriais hierarquizadas “organizam” e “dão sentido” ao espaço, ao mesmo tempo em que se tornam referenciais disponíveis para a construção de identidades (PENNA, 1997, p. 31).

Ora, nessa relação hierarquizada, as identidades mais unificadas e abrangentes tendem a assimilar outras mais exclusivas. A identidade nacional seria a última nessa escala, englobando todas as demais, numa tentativa de unificar o país em meio às diversas outras fontes de diferenciação que caracterizam as comunidades locais. No entanto, esse caminho exige a instauração de complexos processos de elaboração, envolvendo, de um lado o Estado que, por meio de práticas discursivas instauradas em todo o território brasileiro, fomenta um sentimento de unicidade no seu povo e, de outro, dos “especialistas da produção simbólica”¹⁰, que investigam os diferentes processos de construção da identidade brasileira por meio dos discursos. Assim, o estudo da identidade não deve estar relacionado apenas à materialidade linguística do discurso ou às estratégias discursivas utilizadas pelo autor, deve, sobretudo se interessar pela relação estabelecida entre os sentidos produzidos textualmente e o processo histórico que os origina.

Nesta mesma perspectiva, Souza (2007) afirma que o Estado procura unificar, em torno de determinada construção do que significa “nação”, os vários segmentos que ocupam seu território. Logo, no intuito de atingir esse objetivo, ele elabora políticas culturais universalizantes que valorizam e procuram imprimir em todos os habitantes aqueles referenciais simbólicos e materiais escolhidos por serem mais adequados ao projeto hegemônico unificador. Nesse sentido, esta pesquisadora, ao analisar as

¹⁰ Termo utilizado por Penna (1997, p.32)

propagandas publicitárias veiculadas no Brasil em 2005, cujo mote era “sou brasileiro e não desisto nunca”, objetiva perceber como se manifesta o *ethos* (personalidade/espírito do brasileiro) nas narrativas desses textos. Para ela, essas propagandas, veiculadas na mídia televisiva, vinham de encontro ao sentimento de inferioridade que pairava na atmosfera brasileira. Assim, ela propõe alguns questionamentos que estão justamente relacionados à noção de identidade nacional e discurso, nesse caso, o publicitário. Sua pesquisa é guiada, então, pelo desejo de perceber como um discurso elaborado pelo Estado interfere nos processos de reconstrução identitária do povo brasileiro. Ao final do artigo, ela conclui que o Governo Federal Brasileiro, na produção e veiculação desses discursos, que exaltavam o caráter simples, mas honesto do povo brasileiro, desenvolveu uma grande manobra política que beneficiava seus interesses políticos, sobretudo aqueles voltados para a reeleição, atingindo toda a população brasileira e interferindo na construção dos processos simbólicos de identidade do país.

Eni Puccinelli Orlandi, em 1993, organiza *O Discurso Fundador: a formação de um país e a construção da identidade nacional*, uma coletânea de textos que objetiva discutir as questões relacionadas ao conceito de identidade e suas relações na construção de uma identidade nacional. No seu capítulo de abertura, a autora nos convida a refletir sobre a capacidade de os sentidos transformarem-se em outros, construindo história. O que deve ser destacado não é a história dos fatos, mas sim o processo simbólico que se articula também com o inconsciente. Assim, na relação com a linguagem e os sentidos, construímos nosso imaginário social e passamos a “fazer parte de um país, de um Estado, de uma história e de uma formação social determinada” (1993, p. 13).

Nesse processo de construção simbólica, os sentidos despertados são muitas vezes resultados de uma ruptura com aqueles já instalados. Assim, uma nova ordem de sentidos é estabelecida, e uma nova tradição é criada. Temos, então, o que Orlandi nomeia de discurso fundador, pois ele ressignifica os sentidos anteriores, instituindo uma outra memória. Logo, o discurso fundador é entendido em sua historicidade e por sua relação com o processo de produção dominante de sentidos, pois está na base de uma “ruptura que cria uma filiação de memória, com uma tradição de sentidos e estabelece um novo sítio de significância” (1993, p. 23-24).

Ao refletir sobre a busca pelo Eldorado implementada pelos colonizadores do Brasil, o que vemos é o desbravamento de um novo mundo, do desconhecido. Esse fato exigia a criação de sentidos, partindo da realidade apresentada e vivida, uma vez que não se reconhecer no caminho era perder as referências de identidade, e essas referências seriam tanto mais fortes quanto mais fortes fossem as relações com esse novo mundo. O discurso fundador surge desse processo, da necessidade de criar sentidos, da delimitação de uma região, de um país. Nesse sentido, para Orlandi, a lenda das Amazonas¹¹ pode ser vista como um discurso fundador, na medida em que ela faz parte da origem do país, constituindo-o.

Esse mito, que exerceu certa influência nos conquistadores, ajuda-nos a entender o mecanismo ideológico de construção imaginária da realidade, na medida em que ele nos dá pistas discursivas para conhecermos a relação com o imaginário na construção do país. Essa é a marca do discurso fundador: construir o imaginário para dar uma “cara” a um país em formação, para constituí-lo em sua especificidade como objeto simbólico (ORLANDI, 1993, p.17).

O discurso fundador também se relaciona com a noção de identidade na medida em que certos discursos produzem determinados sentidos que ligam a formação do país à formação de uma ordem do discurso, a partir da qual se observa o surgimento de uma identidade. Orlandi mostra, por meio de análises de textos do *Diálogo da conversão do gentio*, do padre Manoel da Nóbrega, escrito em 1558, como a formação de um país interfere nos processos de reconstrução de identidades, já que as regras impostas aos índios, numa tentativa de apagamento dos seus hábitos culturais, e o convívio de trabalhadores portugueses no Brasil, que acabaram por esquecer suas raízes, refletiram na própria formação do país.

Orlandi (1993) nos mostra, assim, o papel do discurso fundador na formação de um país, destacando que é esse discurso que instala as condições de formação de outros, filiando-se à sua própria possibilidade, instituindo em seu conjunto um

¹¹ Sobre a lenda das Amazonas, Orlandi nos diz: “O imaginário europeu, aficionado ao maravilhoso, ‘viu’ nas Amazonas um traço que marcava ao mesmo tempo uma distância e uma familiaridade. A partir da notícia dessas índias guerreiras em algum lugar do ‘Maragnan’, [...] eles aproximaram essa presença do mito grego das mulheres guerreiras que se batiam com a mesma bravura que os homens. Seres excepcionais, belíssimas, ricas em metais” (ORLANDI, 1993, p. 16-17).

complexo de formações discursivas, uma região de sentidos, um sítio de significância que configura um processo de identificação para uma cultura, uma raça, uma nacionalidade.

Embora, nesse primeiro momento, o foco da autora tenha sido o discurso fundador, sua definição e seu entendimento, as questões envolvendo a identidade nacional parecem ter ficado em segundo plano. Para Penna (1997, p. 30), não fica evidenciada nesse texto, bem como em todos aqueles que compõem a coletânea, a concepção de identidade adotada, o que seria um dos grandes problemas dos trabalhos que versam sobre a relação entre discurso e identidade: a falta de clareza na construção do objeto de estudo. Para a autora, as análises limitam-se a relacionar a construção de uma identidade nacional à constituição do próprio Estado Nacional, não levando em conta diversos outros aspectos que operam diretamente nesse processo. Daí, a necessidade de se pensar o conceito de identidade nacional numa abordagem interdisciplinar que implique também o estudo das identidades sociais

4.2 PRÁTICAS DISCURSIVAS E IDENTIDADE REGIONAL

A Análise do Discurso Francesa (doravante ADF) compreende o sujeito como um ser social, disperso, heterogêneo, podendo ocupar diferentes posições sociais que estão relacionadas a determinadas formações discursivas, isto é, àquilo que pode ser dito em uma sociedade e em momentos definidos. Cada formação discursiva é atravessada por várias formações ideológicas e pode ser relacionada a interdiscursos e a outras práticas sociais. O discurso, nesta perspectiva, é tanto um modo de ação, que permite ao indivíduo agir no mundo, quanto um modo de representação e não pode ser pensado de forma isolada. Nesse sentido, torna-se interessante compreender as articulações que podem ser estabelecidas entre o discurso e suas condições de produção.

Para Maingueneau (1997), a noção de condições de produção assinala bem mais o lugar de uma dificuldade do que a conceitualização de um domínio. Essa noção retoma normalmente o contexto social que envolve o *corpus* e inclui as representações que os indivíduos fazem de sua própria identidade, o que implica

pensar que a situação extraverbal não age apenas no exterior do enunciado, pelo contrário, ela atravessa-o como um constituinte necessário à sua carga semântica.

Maingueneau (1997) argumenta que muitos dos trabalhos produzidos na ADF optam por esquemas de “estratificação”, do tipo estrutura/superestrutura, não explorando de forma profunda as relações estabelecidas entre o discursivo e o extradiscursivo. Dessa forma, ele propõe o estudo das comunidades como instâncias de enunciação pressupostas em toda formação discursiva, que é vista, então, como lugar de discursividade das aspirações de grupos ou classes.

Deve-se levar em conta, segundo Maingueneau, que “o próprio espaço de enunciação supõe a presença de um *grupo específico* sociologicamente caracterizável, o qual não é um agrupamento fortuito de porta-vozes” (1997, p. 54, grifo do autor). Assim, o grupo associado ao discurso deixa de ser considerado como um intermediário “transparente”, mas exige uma análise que leve em conta o modo de existência desses grupos e não apenas a associação entre discurso e classe social. Não há, para Maingueneau, uma relação de exterioridade entre o funcionamento do grupo e o de seu discurso, é preciso pensar numa imbricação deste com aquele, na medida em que as coerções que possibilitam a formação discursiva devem estar articuladas com aquelas que possibilitam o grupo, uma vez que essas duas instâncias compartilham a mesma lógica. Em outras palavras, as práticas discursivas são inseparáveis das práticas sociais. Surge, assim, a noção de instituição discursiva que vai apresentar duas faces: uma voltada para o social e outra para a linguagem. Desta forma, “as formações discursivas concorrentes em uma determinada área também se opõem pelo modo de funcionamento dos grupos que lhes estão associados” (MAINGUENEAU, 1997, p. 55).

Maingueneau (1997) nos propõe o termo “prática discursiva” para designar a reversibilidade essencial entre as faces social e textual do discurso. Assim, a noção de formação discursiva proposta por Michel Foucault é reformulada, levando em conta o processo que estrutura ao mesmo tempo as duas vertentes do discurso. Para Maingueneau:

A noção de “prática discursiva” integra, pois, estes dois elementos: por um lado, a formação discursiva, por outro, o que chamamos de **comunidade discursiva**, isto é, o grupo ou a organização de grupos no interior dos quais

são produzidos, gerados os textos que dependem da formação discursiva. (1997, p. 56, grifo do autor).

Nesse contexto, a noção de prática discursiva, ao levar em conta as relações estabelecidas entre o textual e o social, passa a ostentar o caráter intersemiótico, já que abarca não apenas as unidades de um conjunto de enunciados, mas também as condições de produção que lhe tornaram possível e que estão associadas a outros domínios semióticos. Nesta perspectiva, Mussalim (2008) argumenta que a noção de prática discursiva proposta por Maingueneau, ao ser considerada também uma prática intersemiótica, supõe que qualquer manifestação simbólica de uma sociedade está inserida e é condicionada pelas mesmas condições de produção histórico-ideológicas, daí a possibilidade de se estabelecer relação entre os diversos domínios de produção discursiva, que incluem o linguístico, bem como as outras semioses.

No entanto, nem sempre é fácil associar um texto ao contexto no qual ele foi produzido, já que ao levar em conta os aspectos textuais e discursivos, que demandam uma análise linguística, e o contexto sociocultural, que exige um olhar mais interpretativo, voltado para as ciências sociais, estamos conduzindo análises separadas para um mesmo objeto. Assim, é necessário pensar numa relação de imbricação entre o texto e suas marcas textuais, e a sociedade, com suas características próprias, ou seja, tomar as duas faces do discurso e a prática discursiva como mediadores desses processos.

Os discursos cumprem papel fundamental na produção, reprodução ou transformação das representações, das relações e das identidades sociais. Não apenas refletem o mundo, mas constroem e veiculam sentidos e formas de inscrição na sociedade a partir das quais as pessoas se reposicionam como sujeitos sociais e, neste posicionamento discursivo, os sujeitos vivenciam as suas identidades. (MORAES, 2004).

Nesse sentido, ao estudar a identidade capixaba nos jornais *A Gazeta* e *A Tribuna*, Moraes (2004), apresenta-nos um recorte teórico que parte de Maingueneau e das noções de condições de produção e de prática discursiva. Para ele, é na busca pelas marcas textuais e discursivas deixadas no texto ao longo de sua produção que se compreende como e através de quais condições ocorreu a cena enunciativa. A

identidade seria, então, delimitada a partir dessas condições de produção que possibilitam uma vasta construção de sentidos possíveis, já que levam em conta a individualização das práticas discursivas e suas referências ao contexto em que ocorrem e ao texto produzido.

É, então, nessa perspectiva, que este trabalho se insere, ou seja, buscamos pensar a identidade social de forma discursiva, construída e reconstruída no discurso. Compreendemos que o discurso é uma prática social, portanto ele se institui através das relações sociais. No entanto, nosso estudo vai um pouco além do que foi proposto anteriormente por Moraes (2004), pois queremos perceber como um dos maiores jornais do Espírito Santo produz e compartilha (novas) representações, (novos) sentidos sobre os modos de ser dos capixabas a partir da descoberta e da exploração do petróleo presente na camada pré-sal no Estado. Ora, ao voltarmos nossa atenção para os discursos do petróleo veiculados por *A Gazeta*, devemos nos ater não apenas à superfície textual, mas também às condições de produção e à cena enunciativa que contribuíram para a elaboração desses discursos, ao mesmo tempo que confere ao enunciador autoridade para falar em nome dos capixabas e para eles. Passemos, então, a uma revisão da noção de cenas de enunciação nos baseando em Maingueneau.

4.3 CENAS DA ENUNCIAÇÃO E CENOGRAFIAS

O conceito de cena de enunciação presente em Maingueneau (2005a, 2008a) já havia sido abordado em *Gênese do Discurso* (2005b), publicado como *dêixis enunciativa*, que constituiria a dimensão espacial do aqui e a dimensão temporal do agora. Nesse momento, temos o aparecimento da situação de enunciação caracterizada por apresentar um tempo, um espaço, um enunciador e um destinatário. Em *Novas tendências para a análise do discurso* (1997), esse conceito é empregado com o rótulo de cena enunciativa.

Maingueneau (2005a), ao definir texto, afirma que não se trata de um conjunto de signos inertes, mas sim de um rastro deixado por um discurso em que a fala é encenada. Nesse sentido, o enunciador, ao produzir um discurso, encenará sua fala na tentativa de envolver a si e a seu coenunciador que negociam num espaço-tempo

discursivo. Essas cenas são divididas em cena englobante, cena genérica e cenografia.

A cena englobante diz respeito ao tipo de discurso e delimita o espaço de origem de uma fala, marcando o seu lugar social e a instituição na qual esse discurso é originado, atribuindo-lhe um estatuto pragmático. Dessa forma, ao reconhecer a cena englobante, situamos o discurso dentro de um certo tipo, seja político, jornalístico, publicitário ou outro, fato que nos permite compreendê-lo e interpretá-lo, levando-se em conta a sua finalidade e a sua função. No entanto, a cena englobante apresenta algumas limitações, não sendo suficiente para especificar as atividades discursivas nas quais os sujeitos se encontram envolvidos. Surgem, então, os gêneros e os subgêneros de discurso que vão caracterizar as cenas genéricas, conferindo-lhes características composicionais, temáticas e estilísticas, bem como uma forma textual:

O gênero de discurso implica um contexto específico: papéis, circunstâncias [...], um suporte material, uma finalidade etc. Cada gênero ou subgênero de discurso define o papel de seus participantes. [...] Na medida em que os gêneros são instituições de fala sócio-historicamente definidas, sua instabilidade é grande, e eles não se deixam apreender em taxonomias compactas (MAINGUENEAU, 2008b, p. 116).

Esses dois tipos de cenas destacados por Maingueneau, “englobante” e “genérica”, definem o quadro cênico do texto, ou seja, o espaço estável no qual o enunciado ganha sentido. No entanto, em muitos casos, a cena de enunciação não se reduz às cenas englobante e genérica, mas delimita uma cenografia que excede as determinações de rotina do gênero: um anúncio publicitário enunciado por meio de um texto poético se apresenta ao leitor, primeiramente, como uma poesia, graças à cenografia construída, que serve para captar melhor o imaginário do leitor. Assim, para Maingueneau (2008b) a escolha da cenografia não é indiferente, já que o discurso, desenvolvendo-se a partir de sua cenografia, tem por objetivo convencer, instituindo a cena da enunciação que o legitima. O autor destaca, ainda, que a cenografia não é tão-somente um quadro ou um cenário, como se o discurso aparecesse de repente no interior de um espaço já construído e independente dele, mas é sim a enunciação que, ao se desenvolver, constitui progressivamente o seu próprio dispositivo de fala, sendo validada aos poucos ao longo da própria enunciação. Logo a cenografia é “ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que

ele engendra” (2005a, p.87), ou seja, passa a ser a origem e o produto do discurso, legitimando um enunciado que, ao mesmo tempo, deve legitimá-la, dando-lhe características e permitindo que essa cenografia seja realmente aquela que se deseja para se enunciar algo. Para Maingueneau (2005a, p. 70), há gêneros de discurso que se atêm à sua cena genérica, não permitindo a criação de cenografias diversas, como a lista telefônica, as receitas médicas etc. No entanto, outros gêneros possuem a capacidade de serem apresentados em cenografias diferentes, como os gêneros publicitários, literários e filosóficos. Não é raro vermos uma propaganda sendo apresentada como uma conversa ou uma poesia.

Muitas vezes para que a cenografia seja construída de forma coerente, ela pode se apoiar nas “cenas validadas”, isto é, cenas já instaladas na memória coletiva, que fazem parte do cotidiano. Assim, ao anunciar um determinado produto, um texto publicitário pode se apoiar em situações reais vividas pelos possíveis consumidores, contribuindo para a composição da cenografia.

Maingueneau (2005a, p. 91-92), ao apresentar o conceito de cenas validadas, estuda uma propaganda política francesa em formato de carta, na qual o candidato se dirige aos seus eleitores convidando-os para uma “reflexão em comum, como acontece quando a família se reúne à noite, em volta da lareira”. Ora, reunir-se à noite próximo à lareira é um hábito tipicamente francês e consolidado nos hábitos desse povo, o leitor não deve apenas ler a carta, mas também deve participar desse momento de reflexão, no qual o candidato exerce o papel de pai que convida os filhos para o jantar e os acolhe ao redor da mesa. Essa conversa é um exemplo claro de cena validada, na qual a cenografia se apoiou para se constituir como uma correspondência particular, distanciando-se da cena englobante, o discurso político, e a cena genérica, publicações voltadas para campanhas políticas. Assim:

Todo discurso pretende convencer fazendo reconhecer a cena de enunciação que ele impõe e por intermédio da qual se legitima: o homem político que apresenta sua enunciação por intermédio de uma cenografia de correspondência privada, e não por intermédio de um relato de perito ou de uma conversa diante da lareira, pressupõe pragmaticamente que tal cenografia não é um simples vetor, mas algo que define um lugar de discurso comum para seus co-enunciadores, um lugar de discurso condizente com o sentido a ser enunciado (MAINGUENEAU, 2008b, p. 125).

É na cenografia que podemos depreender uma imagem do falante, que será construída levando-se em conta a cena englobante e a cena genérica, respectivamente, as condições para se dizer e os lugares sociais de onde se diz. Isso significa que é na cenografia que o *ethos* pode ser depreendido, conferindo um tom ao discurso.

4.4 *ETHOS* DISCURSIVO E IDENTIDADE

O estudo do *ethos* tem ganhado força nos últimos anos, sobretudo em trabalhos relacionados ao meio jornalístico e publicitário. Sua retomada se deu na medida em que se observa uma evolução das condições do exercício da palavra proferida, particularmente com a pressão das mídias audiovisuais e da publicidade. Dessa forma, o foco dos analistas do discurso passou das doutrinas e dos aparelhos aos quais relacionavam a uma apresentação de si para o “*look*” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 11). Esse movimento, para Maingueneau:

Acompanha o enraizamento de qualquer convicção em certa determinação do corpo em movimento; testemunha-o a transformação da “propaganda” de antes em “publicidade”: uma propunha argumentos para valorizar o produto, a outra elabora em seu discurso o corpo imaginário da marca que supostamente está na origem do enunciado publicitário (2008a, p. 56, aspas do autor).

Um dos maiores expoentes atuais no estudo do *ethos* discursivo tem sido justamente Dominique Maingueneau, cujas primeiras reflexões sobre essa noção datam do início dos anos 1980. No entanto, no que tange ao *ethos* da *Retórica* aristotélica, os estudos são mais antigos e marcam as obras fundadoras de Ch. Perelman e de S. Toulmin, na década de cinquenta. Convém destacar, também, a contribuição de Oswald Ducrot que aliou o *ethos* a uma conceituação enunciativa nos anos oitenta, cabendo a Maingueneau a elaboração de uma teoria voltada para o *ethos* dentro da análise do discurso, feito que caracteriza seus trabalhos a partir de 1984, mas que continua ainda em construção.

As primeiras abordagens do *ethos* têm origem na *Retórica* de Aristóteles, cujo interesse era estabelecer técnicas de persuasão direcionadas a um tipo de indivíduo. Nesse sentido, o discurso devia ser elaborado de maneira a causar boa impressão, permitindo a criação de uma imagem de si capaz de convencer o

auditório e, finalmente, ganhar sua confiança. Nesse processo, tudo o que contribui para a criação da imagem do orador pelo auditório – gestos, escolha do léxico, postura, tom de voz etc. – está associado ao *ethos*. Para Maingueneau (2008a, p. 13) “esse *ethos* [retórico] está ligado à própria enunciação, e não a um saber extra-discursivo sobre o locutor”. Assim, persuade-se pelo caráter moral quando um discurso é construído de forma a tornar o orador digno de fé, já que um indivíduo ético garante uma maior eficácia do discurso. Essa conquista só vai ser possível se o orador demonstrar confiança e segurança naquilo que enuncia, no entanto, esses traços não precisam ser necessariamente reais, mas devem ser mostrados e reafirmados no discurso.

Oswald Ducrot (1984) apresenta uma distinção, não encontrada na *Retórica*, entre o “locutor-L” (enunciador) e o “locutor-lambda” (o ser empírico) que salienta a distinção entre mostrar e dizer, já que o *ethos* se mostra no ato de enunciação, não é dito no enunciado. Ao permanecer no segundo plano da enunciação, ele deve ser percebido, não constituindo, então, um objeto do discurso.

Assim, apesar de o *ethos* ser associado a um locutor empírico, os traços que lhe são atribuídos pelo coenunciador são, na realidade, discursivos, já que se relacionam a uma forma de dizer e de agir no discurso. Nesse sentido, o *ethos* não é considerado uma representação estática e bem delimitada, mas sim dinâmica, sendo construída pelo destinatário através do movimento da própria fala do locutor (MAINGUENEAU, 2008a, p. 14). Essas representações feitas pelos interlocutores têm uma relação direta com identidades e estereótipos reconhecidos. Segundo Maingueneau “cada tomada da palavra implica, ao mesmo tempo, levar em conta representações que os parceiros fazem um do outro e a estratégia de fala de um locutor que orienta o discurso de forma a sugerir através dele certa identidade” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 59-60).

O conceito de *ethos* em Maingueneau reformula, assim, em um quadro da análise do discurso, a noção de *ethos* presente na *Retórica* de Aristóteles:

O *ethos* é uma noção discursiva, ele se constitui por meio do discurso, não é uma “imagem” do locutor exterior a sua fala; O *ethos* é fundamentalmente um processo *iterativo* de influência sobre o outro. [...] É uma noção fundamentalmente híbrida (sócio-discursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de

comunicação precisa, ela própria integrada a uma conjuntura sócio-histórica determinada (2008b, p.63, aspas e grifos do autor).

Indo além da persuasão, através de argumentos, Maingueneau defende uma noção de *ethos* que possibilite refletir sobre o processo mais geral de adesão dos sujeitos aos discursos (publicitários, filosóficos, políticos etc.). Logo, o discurso passa a ser visto como possuidor de uma vocalidade que nos permite remetê-lo a uma fonte enunciativa que dá autoridade ao que é dito, isto é, a uma instância que desempenha o papel de fiador, uma representação que o leitor faz do enunciador a partir de índices de diversas ordens (MUSSALIM, 2008a, p.71). Maingueneau (2008b, p.64) destaca que essa vocalidade caracteriza o enunciador, o fiador que por meio de um “tom” atesta o que é dito. Nesse sentido, o *ethos* deixa de ser estritamente verbal, mas incorpora o conjunto de determinações físicas, psíquicas, morais e éticas relacionadas a esse fiador por meio das representações coletivas. Dessa forma, confere-se ao fiador um caráter e uma corporalidade, que variam segundo os textos:

O *ethos* implica uma forma de mover-se no espaço social, uma disciplina tácita do corpo, apreendida por meio de um comportamento. O destinatário o identifica apoiando-se em um conjunto difuso de representações sociais, avaliadas positiva e negativamente, de estereótipos, que a enunciação contribui para reforçar ou transformar (MAINGUENEAU, 2008b, p. 65).

Essa incorporação por parte do leitor vai além da simples identificação com o fiador, ela abarca também a noção de “mundo ético”, no qual o fiador se insere, sendo ativado por meio da leitura. Esse mundo é um estereótipo cultural que se aplica a um determinado número de situações estereotipadas associadas a comportamentos. O termo incorporação, utilizado por Maingueneau (2008b) designa a maneira pela qual o destinatário se apropria do *ethos*. O teórico elenca três registros nos quais a incorporação pode atuar:

1. A enunciação da obra confere uma “corporalidade” ao fiador, ela lhe *dá corpo*;
2. O destinatário *incorpora*, assimila um conjunto de esquemas que correspondem a uma maneira específica de relacionar-se com o mundo habitando seu próprio corpo;
3. Essas duas primeiras incorporações permitem a constituição de um *corpo*, da comunidade imaginária daqueles que aderem ao mesmo discurso.

Os discursos publicitários mantêm uma relação muito próxima com o *ethos*, pois procuram persuadir o leitor/consumidor, associando o produto a um corpo em movimento, a uma maneira de habitar esse mundo. É por meio de sua própria enunciação que uma propaganda, ao apoiar-se em estereótipos, encarna o que ela prescreve (MAINGUENEAU, 2008b, p. 66). Nesse sentido, o autor analisa um texto publicitário de uma câmera fotográfica no qual o fiador não é explicitado, no entanto, ele é mostrado no texto devido à sua construção, sua maneira de dizer, levando o leitor a fazer parte desse mundo tecnológico, caracterizado pelo espírito de aventura, presente no anúncio.

No entanto, não se pode pensar o *ethos* da mesma forma em qualquer texto, já que, segundo Maingueneau, “a incorporação não é um processo uniforme; ela se modula em função dos gêneros e dos tipos de discursos. O *ethos*, em um texto escrito não implica necessariamente uma relação com o fiador encarnado, socialmente determinável” (2008b, p. 67). Muitas vezes esse *ethos* não faz referência a um estereótipo social delimitado, mas sim a um *ethos* jornalístico impreciso, que pode atingir categorias sociais muito diferentes.

Para que se tenha a construção de um *ethos* efetivo, ou seja o *ethos* real, é necessário levar em conta alguns elementos: o *ethos* pré-discursivo, uma imagem extradiscursiva pré-concebida do enunciador que pode ou não ser ratificado; o *ethos* discursivo que se subdivide em mostrado, o que ele mostra ser, a partir de indícios linguísticos e extralinguísticos, tais como o caráter e a corporalidade, e o *ethos* dito, aquele que o locutor diz, na expressão linguística, ser algo (MAINGUENEAU, 2008b). De forma geral, as especificidades de um *ethos* constituído remetem sempre à figura do enunciador que, ao falar, constrói uma identidade de acordo com o mundo que ele supostamente constitui. Para Maingueneau:

Tal problemática do *ethos* leva a contestar a redução da interpretação a uma simples decodificação; alguma coisa da ordem da experiência sensível funciona no processo de comunicação verbal. As “ideias” suscitam a adesão do leitor por meio de uma *maneira de dizer* que é também uma *maneira de ser*. Tomado pela leitura em um *ethos* envolvente e invisível, participa-se do mundo configurado pela enunciação, acede-se a uma identidade de certa forma encarnada. O poder de persuasão de um discurso decorre em parte do fato de que ele leva o destinatário a identificar-se com o movimento de um corpo, por mais esquemático que seja, investido de valores historicamente especificados (2008b, p.72, grifos do autor).

O Espírito Santo vem ao longo dos anos atravessando diversos momentos importantes que parecem contribuir para uma maior valorização do Estado, no âmbito econômico, mas também nas questões voltadas para a cultura e o social. Nesse sentido, interessa-nos entender como o discurso jornalístico vem retratando esse momento, construindo cenas enunciativas nas quais representações do Estado podem ser apreendidas através de um *ethos* que se produz de maneiras distintas, levando-se em conta as cenografias construídas.

5 MÍDIA E DISCURSO

Informação, comunicação e mídias são as palavras de ordem do discurso da modernidade. No entanto, apesar de funcionarem como um emblema da atualidade, o que se percebe é uma confusão no entendimento desses termos, sobretudo na distinção entre um e outro. Para Charaudeau (2006, p. 15), os termos “informação” e “comunicação” são compreendidos como noções que remetem a fenômenos sociais; já no que tange às mídias, elas são vistas como o suporte organizacional que acolhe os textos da comunicação, integrando-os em suas diversas lógicas, seja ela econômica, tecnológica e/ou simbólica.

Nesse sentido, o autor postula que as mídias despertam a atenção de vários “mundos”: *do mundo político*, que as utiliza para manter a própria presença social, construindo um discurso articulado, o que implica um maior envolvimento na elaboração desses discursos, sob o risco de não se atingirem os objetivos pretendidos; *do mundo financeiro*, que enxerga nas mídias uma grande fonte de lucros, alcançando um grande número de pessoas, muitas vezes, consumidores em potencial para determinados produtos; *do mundo das ciências e da tecnologia*, preocupado sempre em aperfeiçoar as tecnologias de transmissão de sinais; *do mundo das ciências humanas*, destacando-se a sociologia e a comunicação social, cujo interesse se volta para o impacto das mídias na opinião pública, a semiologia que se interessa nos jogos de *mise-en-scène* da informação, a filosofia e a antropologia social que questionam os vínculos sociais presentes nas comunidades modernas sob a influência das mídias, e, diríamos, a linguística, que cada vez mais toma os textos da comunicação como objeto de pesquisa; *do mundo educativo*, que se interroga sobre o lugar que as mídias devem ocupar no processo de ensino/aprendizagem e na formação de um cidadão consciente e crítico; e do próprio *mundo midiático* que, ao refletir o espaço e ser refletido por ele, deve, também, observar-se, estudar-se e autojustificar-se.

Mas é a lógica simbólica que, na criação e manipulação de signos, vai regular as trocas entre os indivíduos, construindo representações do mundo e produzindo sentidos. Nesta perspectiva, um estudo que toma como base o funcionamento da comunicação deve levar em conta a complexidade envolvida nesse processo, já que

somos constantemente inundados por uma pluralidade de signos cujos sentidos se desdobram em sua circulação social.

Uma ideia do senso-comum que paira sobre o conceito de mídia é que ela luta contra o poder e contra a manipulação, pois atinge um grande número de pessoas, levando-lhes informações que prezam pela veracidade. Mas, ao mesmo tempo, ela é considerada como um quarto poder, pois ao veicular certas informações e, levando-se em conta sua abrangência territorial, acaba por ditar regras e modelos a serem seguidos. Nesse sentido, o discurso midiático é frequentemente visto como um meio de manipulação da opinião pública, e o cidadão muitas vezes é percebido como refém da própria mídia, seja pela maneira como ele é representado, seja pelos efeitos persuasivos provocados pelo discurso midiático que se distancia em muito do ato de informar (CHARAUDEAU, 2006). Nessa perspectiva, estudar o discurso midiático seria buscar, muito além da lógica tecnológica e econômica, a lógica simbólica e os mecanismos que a organizam, no intuito de não se deixar enganar pelo jogo de aparências presente nesse meio.

É nesse debate que Charaudeau intervém e questiona algumas ideias preconcebidas sobre as mídias. A primeira delas contradiz a noção de mídia como uma instância de poder. Ora, para que haja poder é preciso que essa instância seja capaz de ditar regras e comportamentos. Embora se acredite que as mídias detêm esse poder e o exercem, para Charaudeau não existe nas mídias o desejo de orientar, nem de impor nada, tampouco de influenciar as atitudes dos indivíduos, restringindo-lhes certos comportamentos, como há, por exemplo, na Igreja. As mídias seriam, então, uma instância de denúncia do poder.

A segunda ideia preconcebida e questionada por Charaudeau (2006, p. 18-19) consiste no caráter manipulador das mídias. Para ele, elas manipulam tanto quanto são manipuladas, isso se dá na medida em que para se manipular é preciso um agente preparado e uma tática bem definida, além do manipulado. Para Charaudeau:

As mídias acham-se, pois na contingência de dirigir-se a um grande número de pessoas, ao maior número, a um número planetário, se possível. Como fazê-lo a não ser despertando o interesse e tocando a afetividade do destinatário da informação? A não ser distribuindo “no mundo inteiro as mesmas simplificações e os mesmos clichês?” As mídias estariam se violentando e, sem se darem conta disso, tornando-se manipuladoras. Daí

que, num efeito de retorno, tornam-se automanipuladas, formando um círculo vicioso (2006, p. 19).

A terceira ideia rebatida por Charaudeau é a de que as mídias são transmissoras da realidade social, constituindo o espelho do mundo, sem deformações. Para o teórico, a informação é essencialmente uma questão de linguagem, sendo assim, não se pode falar em transparência da informação, uma vez que a linguagem não é transparente, e na tentativa de reproduzir o mundo, ela acaba por criar uma visão própria, um sentido particular dele, que muda constantemente. Assim, é possível perceber certas seleções do que acontece no mundo, seguindo a lógica do que é mais surpreendente e do que pode ser mais interessante. Logo, não temos um retrato fiel da realidade, mas apenas fragmentos dela. Para Charaudeau:

Se são um espelho, as mídias não são mais do que um espelho deformante, ou mais ainda, são vários espelhos deformantes ao mesmo tempo, daqueles que se encontram nos parques de diversões e que mesmo deformando, mostram, cada um à sua maneira, um fragmento amplificado, simplificado, estereotipado do mundo (2006, p. 20).

Assim, o espaço público, no qual as mídias intervêm, desdobra-se em diversas práticas, algumas de linguagem, outras de ação e até mesmo de trocas e organização em grupos de influência. Isso se dá na medida em que se observam as interferências das três esferas que constituem as sociedades democráticas: a do político, a do civil e a das mídias. É, pois, na dinâmica estabelecida entre essas esferas que as realidades são construídas, já que os atores de cada uma toma para si sua própria visão do espaço público.

5.1 MÁQUINA MIDIÁTICA E CONSTRUÇÃO DE SENTIDO

Em *Discurso das Mídias* (2006), Charaudeau nos propõe um quadro teórico sobre as instâncias e as operações em processo que o autor chama de máquina midiática. Este quadro baseia-se no funcionamento do ato de comunicação e leva em conta a troca entre as instâncias de produção e de recepção. O sentido produzido nesse ato comunicativo está, então, diretamente ligado à relação de intencionalidade presente. A primeira instância é representada pelo produtor da informação, a segunda, pelo consumidor da informação e o produto final pelo texto como acontecimento construído entre as duas instâncias de comunicação.

No que tange à instância de produção, Charaudeau (2006) observa dois espaços: o externo-externo e o externo-interno. O espaço externo-externo está ligado às práticas sociais e econômicas que regulam a máquina midiática, isto é, a empresa e os atores nela envolvidos e que são, de certa forma, institucionalizadas. Esses atores “precisam pensar e justificar suas práticas, produzindo discursos de representação que circunscrevem uma intencionalidade orientada por efeitos econômicos” (2006, p. 24). Assim, a lógica que orienta esses discursos está voltada, sobretudo, para a questão financeira.

Enquanto o espaço externo-externo compreende as condições socioeconômicas da máquina midiática, no espaço externo-interno vamos encontrar as condições discursivas e semiológicas de produção. Isto não significa apenas pensar nas informações que possam interessar aos indivíduos, mas, sobretudo, se é possível determinar o desejo do consumidor de acordo com a razão ou com a afetividade. Charaudeau entende esse segundo lugar como aquele que compreende as condições semiológicas da produção, ou seja, condições que presidem à própria realização do produto midiático. Nesse sentido, é preciso saber o que vai incitar os indivíduos a se interessar pelas informações difundidas pelas mídias. Logo, deve ser um espaço pensado e justificado pelo jornalista, pelo diretor e pelo chefe de redação no intuito de se compreender o “como fazer em função de qual visada” (CHARAUDEAU, 2006, p. 25), isto é, o que se quer passar e a quem. Nesse sentido, a análise das condições de produção desse espaço externo-interno vai depender de uma análise sociodiscursiva que permita estudar as práticas da instância de produção da informação, relacionando-as aos discursos que as justificam, em outras palavras, o que interessa para a instância de produção não são os efeitos realmente percebidos pelo receptor, nem os efeitos possíveis da construção do produto, mas sim os efeitos esperados por ela.

No que diz respeito ao lugar das condições de recepção, Charaudeau (2006) também o divide em dois espaços: “interno-externo” e “externo-externo”. No primeiro, encontra-se no destinatário ideal, ou seja, o alvo da informação. É esse alvo que é levado em conta pela máquina midiática como suscetível de perceber os efeitos desejados por ela. É nesse espaço que se operam os efeitos esperados. No segundo, encontra-se o receptor real, aquele que consome a informação midiática e que, baseado em conhecimentos próprios, vai interpretar as mensagens, dando-lhes

os sentidos que lhe parecem corretos. Para entender como o receptor real recebe a mensagem e a interpreta, a máquina midiática se vale de estudos sobre o comportamento dessa instância, bem como de pesquisas de opinião pública: as sondagens. Sendo assim, as mídias acabam tornando-se reféns desses recursos, pois são elas que os patrocinam, os veiculam e, às vezes, os denegam. Para Charaudeau, “esse é um dos efeitos de circularidade da máquina midiática: estar condenada a fabricar informação inclusive sobre si própria” (2006, p.27).

Charaudeau (2006) comenta, ainda, o lugar das restrições na construção do discurso. Para ele, é esse o lugar em que todo discurso se configura como texto, valendo-se para isso de sua organização semiodiscursiva que mistura signos verbais e não-verbais. Os sentidos produzidos pelo receptor vão depender das relações estabelecidas entre esses signos e são resultados de uma cointencionalidade. A instância produtora da informação toma sempre esse receptor como o destinatário ideal, no entanto os efeitos de sentido pretendidos podem ou não ser percebidos. Da mesma forma, a instância de recepção elabora seus próprios efeitos de sentido, partindo de suas condições de interpretação, assim, para Charaudeau “o texto produzido é portador de efeitos de sentido possíveis, que surgem dos efeitos visados pela instância de enunciação e dos efeitos produzidos pela instância de recepção” (2006, p. 28). Logo, o texto midiático está carregado de efeitos possíveis, sendo que uma parte deles corresponderá às intenções dos atores do organismo da informação e a outra ao sentido construído pelo receptor.

Nesse contexto, a análise deve levar em conta a problemática semiodiscursiva e examinar os sentidos provenientes da estruturação do texto e dos discursos de representação, sejam aqueles presentes no lugar de produção, sejam aqueles que caracterizam o lugar das condições de recepção. Charaudeau (2006, p. 28) reitera que são esses dois tipos de discursos de representação que constituem os imaginários sociodiscursivos, alimentando e tornando possível o funcionamento da máquina midiática.

5.2 OS DISPOSITIVOS DE ENCENAÇÃO

A imprensa se constitui como uma instância de informação, cujo ato de comunicação se efetiva a partir de um certo ambiente físico que serve de dispositivo tecnológico

para esse ato. Assim, cada situação de comunicação materializa-se em um dispositivo próprio que não apenas organiza e formata esse ato de comunicação como também contribui para o sentido. O dispositivo seria, assim, um componente do contrato de comunicação que permite a articulação e a combinação dos diversos elementos a fim de torná-los portadores de sentidos para a interpretação. Trata-se, pois, do ambiente, do suporte físico da mensagem, não simplesmente um vetor indiferente ao que veicula. Seu papel nesse contexto é essencial, pois o conteúdo liga-se diretamente à forma, não podendo ser pensado de modo diferente.

Para Charaudeau (2006, p. 105), o dispositivo compreende um ou vários tipos de materiais e se constitui como suporte ao ser auxiliado por uma certa tecnologia. É, então, nesses materiais que se forma, ganha corpo e se manifesta, mesmo que de forma codificada, o sistema de significantes, isto é, características ligadas à vibração da voz, à pigmentação das cores ou à tipografia permitem a configuração das unidades de sentido através de sistemas organizados, tais como o fônico, o gráfico, o mimogestual e o icônico. O suporte, pensado por esse viés, torna-se um elemento material, funcionando como um canal de transmissão fixo ou móvel, e a tecnologia, vista como o conjunto de maquinárias, medeia a relação entre o material e o suporte, ao combinar oralidade, escrituralidade, gestualidade e iconicidade, ao mesmo tempo em que localiza os elementos sobre os suportes. Assim, no que tange ao contrato midiático, esses componentes permitem caracterizar e distinguir os três grandes suportes da mídia: o rádio, a televisão e a imprensa. As diferenças de materialidade presentes em cada um deles “têm forte incidência sobre as representações do tempo, do espaço e das condições de recepção construídas por cada uma dessas três mídias” (CHARAUDEAU, 2006, p. 106). Como neste trabalho, nosso foco é o discurso jornalístico, privilegiaremos o suporte “imprensa”.

Falar de imprensa é levar em conta seu aspecto escritural, ou seja, a sua constituição em que se misturam palavras, gráficos e imagens fixas sobre um suporte de papel. Embora o desenvolvimento de novas tecnologias tenha expandido o acesso à informação, permitindo, inclusive, a interação entre as instâncias produtoras, as instâncias receptoras e o produto, situação possível graças ao advento da internet e do hipertexto, a imprensa ainda é reconhecida como uma mídia de grande tradição e com forte presença na sociedade. Ela é caracterizada pela relação distanciada estabelecida entre aquele que escreve e aquele que lê;

pela atividade de conceitualização do mundo pelas duas instâncias envolvidas, produzindo lógicas de produção e de compreensão específicas a cada uma delas; pela possibilidade de voltar ao texto, seja pelo seu produtor, no intuito de retificá-lo ou apagá-lo, seja pelo seu leitor, a fim de rememorá-lo ou recompô-lo. Para Charaudeau (2006, p. 113): “a relação de distância e de ausência física entre as instâncias da troca faz com que a imprensa seja uma mídia que, por definição, não pode fazer coincidir tempo e acontecimento, tempo da escritura, tempo de produção da informação e tempo de leitura”. Esse fato está ligado justamente à existência de um tempo entre a elaboração do produto, sua distribuição e sua leitura. Assim, entre o surgimento do acontecimento e sua apreensão pelo leitor, observamos certo intervalo, entendido também como “defasagem”. Na imprensa, a atividade de conceitualização é mais analítica se comparada à atividade oral, o que leva a um maior aprofundamento da informação, podendo, inclusive, se valer de gráficos e fotos.

Em nossa pesquisa de textos jornalísticos sobre o petróleo no jornal *A Gazeta*, encontramos diversas reportagens que parecem estar diretamente ligadas a essa característica de aprofundamento da informação que a imprensa possibilita. A informação nesses textos é construída utilizando-se de diferentes partes e temáticas menores, com quadros e elementos iconográficos, podendo avaliar mais amplamente uma situação, a fim de discuti-la e aprofundá-la.

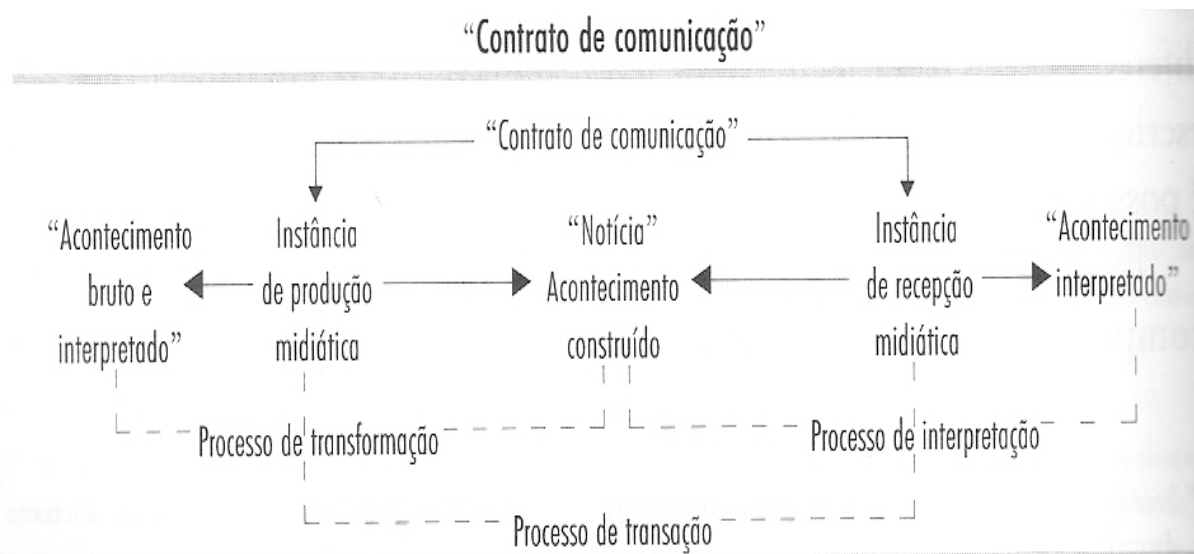
Ao estudar o gênero reportagem jornalística, Charaudeau (2006) afirma que o objetivo desse gênero é tratar de um fenômeno social ou político na tentativa de explicá-lo, daí a necessidade de se construir a informação de maneira a permitir que as respostas para as possíveis questões apresentadas sejam encontradas. Para isso:

A reportagem deve adotar um ponto de vista distanciado e global (princípio de objetivação) e deve propor ao mesmo tempo um questionamento sobre o fenômeno tratado (princípio de inteligibilidade). É por isso que recorre a diversos tipos de roteirizações, utilizando os recursos designativos, figurativos e visualizantes da imagem, para, por um lado, satisfazer às condições de credibilidade da finalidade de informação (com formatos de investigação, de testemunho, de reconstituição detalhada trazendo a prova da existência dos fatos e da validade da explicação, por outro, satisfazer às condições de sedução da finalidade de captação (dramatizações destinadas a tocar a afetividade do espectador) (CHARAUDEAU, 2006, p. 221-222).

Logo, o jornalista deve se posicionar o mais próximo possível do acontecimento, já que não se trata de ficção, ao mesmo tempo em que se espera dele imparcialidade, não influenciando com suas perguntas, nem se deixando influenciar pelo acontecimento. No entanto, o autor acredita que, na construção da informação, é impossível para o jornalista abster-se de mostrar seu ponto de vista. Daí a recorrência à técnica da “gangorra”, construindo a informação propondo pontos de vista diferentes, por vezes contrários. O ponto negativo dessa técnica é que ela tem um franco poder explicativo, desperta no leitor a curiosidade, a expectativa, mas não lhe propõe nenhum modo de pensamento, para que ele seja capaz de formar sua própria opinião (CHARAUDEAU, 2006).

5.3 DISCURSO, REPRESENTAÇÃO E OPINIÃO PÚBLICA

O contrato midiático pensado por Charaudeau (2006) leva em conta o seu caráter formador do espaço público e da opinião pública. Para ele, a comunicação midiática está baseada em um duplo ou processo: de transformação e de transação. Uma notícia seria resultante de um processo de transformação, pela instância midiática, do fato acontecido em acontecimento construído e do processo de transação que relaciona as instâncias de produção e recepção e que permite que se construa uma interpretação da notícia. Para Charaudeau (2006, p.112), “esse duplo processo se inscreve, então, num contrato que determina as condições de encenação da informação, orientando as operações que devem efetuar-se em cada um desses processos.” Vejamos o quadro abaixo, apresentado pelo autor, para ilustrar sua concepção:



(Charaudeau, 2006, p.112)

Assim, no “mundo a descrever” temos o acontecimento bruto, a instância midiática toma esse acontecimento e transforma-o em notícia, ou seja, ao estado de mundo midiático, temos aí, o processo de transformação. No entanto, um outro processo se faz notar, pois ao construir a notícia, a instância de produção leva em conta seu público alvo, ou seja a instância de recepção e a maneira como ele interpretará a notícia, que nem sempre é aquela imaginada pela instância de produção. Logo, o processo de transformação vai estar sob a dependência do processo de transação, sendo os dois essenciais para que as condições de encenação da informação sejam determinadas.

O contrato midiático é o responsável por gerar um espaço público de informação, a partir do qual a opinião pública é construída, como um lugar de representação, de compartilhamento e de discussão de valores sociais. Para Charaudeau (2006, p.116) todo grupo social precisa se reconhecer como tal, regulando suas trocas de acordo com regras existentes. Ele deve, também, julgar seus próprios comportamentos, a fim de produzir discursos de avaliação que farão circular as representações que caracterizarão esse grupo:

As representações têm essencialmente três funções sociais intimamente ligadas umas às outras: a de *organização coletiva* dos sistemas de valores, que constituem esquemas de pensamento normatizados próprios a um grupo; a de *exibição*, diante de sua própria coletividade, das características comportamentais do grupo (rituais e lugares-comuns) com fins de visibilidade, pois os membros do grupo têm necessidade de conhecer o que compartilham e o que os diferencia dos outros grupos para construir sua

identidade; a de *encarnação* dos valores dominantes do grupo em figuras (indivíduos, instituição, objeto simbólico) que desempenham o papel de representantes da identidade coletiva (p. 116-117, grifos do autor).

Nesse sentido, vislumbramos a relação que se pode estabelecer entre mídia e representações na produção da identidade de determinados grupos, através da constituição de um espaço público de valoração das especificidades culturais, que são veiculadas através do discurso midiático. Charaudeau se vale também da noção de “discurso circulante”, que seria uma “soma empírica de enunciados com visada definicional sobre o que são os seres, as ações, os acontecimentos, suas características, seus comportamentos e os julgamentos a eles ligados” (2006, p.118). Ele é constituído de forma discursiva e veicula discursos que permitem aos membros de uma comunidade se reconhecerem.

Charaudeau (2006) atribui, ainda, três funções ao discurso circulante, ligadas à noção de representação. A primeira diz respeito à função de instituição do poder/contra poder, ou seja, trata-se de discursos que exercem certa autoridade sobre as massas, devido à sua posição de supremacia, como o discurso político. No entanto, frente a esses discursos, surgem outros, cujo intuito é reivindicar, contestar a ordem imposta. Eles agem como um contra-poder, representando a força civil, o discurso da sociedade cidadã.

Outra função ligada ao discurso circulante consiste na organização do cotidiano social, isto é, discursos voltados para a sociedade em geral, no intuito de regulamentar seus hábitos comportamentais cotidianos, determinar o que é certo e errado, o bem e o mal. A terceira e última função do discurso circulante liga-se à noção de dramatização, ou seja, esses discursos veiculam os problemas da vida do homem, os conflitos diários presentes no imaginário. Ele é constituído por relatos ficcionais, mitos, entre outros discursos.

Charaudeau (2006) afirma que essas funções se cruzam permanentemente e que nesse encontro constroem o espaço público. Logo, ele não pode ser visto como um lugar homogêneo, mas sim numa interação dialética entre: as práticas sociais, que constituem o motor das representações; e as representações que possibilitam a existência dessas práticas, numa dinâmica que cria e recria esse espaço, conferindo-lhe movimento. Assim, ao dizer que as mídias se apoderam do espaço

público, incorre-se num grande erro, pois elas são “apenas uma forma de publicização [...]. Sua ação é participar do que constitui, desconstitui, transforma o espaço público, no quadro do contrato de informação midiático” (2006, p.120).

A opinião pública é vista por Charaudeau (2006) na relação que se estabelece entre a instância de produção e a instância de recepção, como imaginários sociais a partir dos quais os sujeitos exercem seu julgamento. Os discursos que circulam entre as duas instâncias integram esses imaginários sociais em sua constituição. A relação estabelecida entre essas duas instâncias é sem troca, pois a informação é dada para o consumo já pronta e como o seu objetivo é atingir o maior número possível de leitores, vale-se de diversos recursos. Sendo assim, estamos diante de uma relação unilateral, em que as mídias têm o poder de influenciar o fazer saber, o fazer pensar, e o fazer sentir (CHARAUDEAU, 2006). No entanto, a instância de produção midiática é poderosa se tomada em seu conjunto, pois seus atores, pensados individualmente, não exercem poder algum. A partir das considerações de Charaudeau sobre mídia e discurso e de outros teóricos sobre linguagem, discurso e identidade é chegado o momento de nos aproximarmos do nosso *corpus* de pesquisa, as reportagens sobre o petróleo veiculadas por *A Gazeta* entre 2008 e 2009.

6 OS DISCURSOS DE A GAZETA SOBRE O PETRÓLEO NO ESPÍRITO SANTO: DAS CONTRADIÇÕES ÀS CERTEZAS

Os capítulos anteriores apresentaram um rastreamento teórico-conceitual de noções e ideias cuja explicitação é imprescindível para um trabalho sobre identidade regional. Percorremos, na busca de uma ampla fundamentação para a pesquisa, estudos sobre identidade, discurso e mídia, as três noções implicadas neste trabalho. Sendo assim, é chegada a hora de iniciarmos nossa análise, apresentando o *corpus* da pesquisa, a partir do qual questionaremos como o Estado e a identidade capixaba vêm sendo representados por meio do discurso sobre o petróleo.

Nosso *corpus* inicial foi constituído a partir de uma busca no banco de dados da Rede Gazeta, localizado na biblioteca da empresa. Utilizamos, inicialmente, como referência o ano de 2008, de janeiro a dezembro, ano no qual foi feita a descoberta e o início da exploração da camada de petróleo no pré-sal em bacias do ES, RJ e SP. Nesse período, encontramos 07 reportagens, que ocuparam 18 páginas do jornal, todas rendendo primeira página, entre os dias 23 de março e 15 de dezembro. Porém, ao iniciar a análise, sentimos a necessidade de ampliar e atualizar o *corpus* em função das necessidades da pesquisa que passou a incorporar 07 textos de 2009, incluindo o debate nacional sobre a destinação dos *royalties* para todos os Estados da Federação.

Para conduzirmos nossas análises, estudaremos separadamente os dois períodos já destacados, isto é, em um primeiro momento, nossa atenção se voltará para o ano de 2008, em seguida abordaremos o ano de 2009.

Os textos pertencentes a esses períodos serão agrupados, inicialmente em tabelas, nas quais destacamos o título principal da reportagem, o caderno do qual faz parte, a página correspondente no interior do jornal e o anexo correspondente. As reportagens utilizadas neste trabalho podem ser encontradas nos Anexos. Aquelas que forem apenas citadas, mas não analisadas, terão a referência completa em Referências.

6.1 PARA ONDE VAI (E NÃO VAI) O DINHEIRO: DISCURSOS CONTRADITÓRIOS

Uma análise panorâmica dos textos de 2008 parece indicar que se contrapõem duas perspectivas nas abordagens de temas relacionados ao petróleo e que podem ser explicitadas por meio de estratégias discursivas recorrentes nesses textos. Iniciamos, assim, a análise procurando puxar os fios desses discursos a partir de uma hipótese inicial de que os discursos mais representativos de uma visão otimista da chegada do petróleo para população capixaba ganham fôlego com o início da atividade exploratória na camada pré-sal que ocorre em agosto de 2008. Consideramos como texto marco de uma ênfase positiva aquele publicado em 12 de agosto que anuncia o início da perfuração do primeiro poço na camada pré-sal. Assim, as reportagens desse ano podem ser divididas em dois blocos. No primeiro, agrupamos as reportagens veiculadas antes da descoberta do petróleo na camada pré-sal e, no segundo, as reportagens que foram publicadas após essa descoberta:

Reportagens de 2008: primeiro bloco			
Dia	Reportagem	Página	Anexo
23/03	<i>Onde está (e não está) o dinheiro do petróleo</i>	Primeira página	01
23/03	<i>Ouro negro – Linhares: Para onde vai (e não vai) o dinheiro do petróleo</i>	16	02
23/03	<i>Ouro negro – Presidente Kennedy: Para onde vai (e não vai) o dinheiro do petróleo</i>	17	03
23/03	<i>Ouro negro – Presidente Kennedy: Jaqueira se torna canteiro de obras</i>	18	04
30/03	<i>Ouro negro – Aracruz: Transparência no uso do dinheiro do petróleo</i>	24	05
30/03	<i>Ouro negro- São Mateus: Desafio é gerar novos postos de trabalho para a população</i>	25	06
30/06	<i>Cidades com verba do petróleo tiram nota baixa na Educação</i>	Primeira página	07
30/06	<i>Sobra dinheiro e o ensino é pobre: Riqueza do petróleo ainda não conseguiu melhorar a Educação</i>	03	08
30/06	<i>Doze municípios já foram</i>	04	09

	<i>visitados pelo Ministério Público</i>		
--	------------------------------------------	--	--

Reportagens de 2008: segundo bloco			
Dia	Reportagem	Página	Anexo
06/08	<i>A riqueza que o petróleo já traz para o Estado</i>	Primeira página	10
06/08	<i>O petróleo que está gerando receita e empregos no Estado</i>	13	11
12/08	<i>Petróleo: Novo ciclo começa hoje com poço no Litoral Sul</i>	Primeira página	12
12/08	<i>Espírito Santo dá início a novo marco na extração de petróleo</i>	15	13
02/09	<i>Espírito Santo inicia nova era do petróleo no Brasil: Extração do pré-sal tem importância mundial</i>	Primeira página	14
02/09	<i>ES marca história mundial da Exploração do petróleo</i>	13	15
22/11	<i>A maior descoberta de petróleo no Estado</i>	Primeira página	16
22/11	<i>Descoberta histórica de petróleo no Estado</i>	17	17

Iniciamos nossa análise com uma breve contextualização sobre a extração de petróleo no Espírito Santo. A história do petróleo no ES não é recente, a primeira ocorrência desse óleo no Estado foi em 1967, no município de São Mateus. Após esse ano, muitas outras descobertas de poços foram feitas, mas nenhuma delas se compara a do pré-sal.

O Espírito Santo, então, beneficiado com essas descobertas começou a se destacar cada vez mais na produção de petróleo e gás natural, com isso várias cidades capixabas passaram a receber os *royalties* relativos à exploração do óleo e do gás em seus territórios. Esses recursos, de acordo com o Governo do Espírito Santo, em texto disponível no site oficial do governo na internet:

Só podem ser gastos em saneamento básico, destinação final de resíduos sólidos, universalização do ensino fundamental e atendimento à educação infantil, atendimento à saúde, construção de habitação para população de baixa renda, drenagem e pavimentação das vias urbanas e construção de centros integrados de assistência social. (SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO DO ESPÍRITO SANTO, 2010).

Nesse sentido, com a atividade exploratória, as cidades beneficiadas tendem a apresentar um maior desenvolvimento no que toca às questões sociais, já que o dinheiro chega e deve ser investido. No entanto, nem sempre é assim. No dia 23 de março de 2008, o jornal *A Gazeta* veiculou a reportagem de capa *Onde está (e não está) o dinheiro do petróleo* (Anexo 1; primeira página, abaixo). O objetivo dessa reportagem é mostrar como as cidades campeãs de repasses de *royalties* no ES – Presidente Kennedy e Linhares – gastavam esse dinheiro. Logo na capa desta edição do jornal, percebemos duas perspectivas que se opõem na construção da reportagem, pela contraposição que fazem os elementos verbais e não verbais. Enquanto o subtítulo da matéria nos orienta em direção a um discurso positivo – *Caixa cheio: Riqueza do ouro negro chega a Presidente Kennedy e a Linhares* –, na foto que ilustra a manchete esse discurso segue uma direção completamente diferente: já que no primeiro plano, vemos uma criança sentada no chão e descalça e, no segundo, nos deparamos com uma casa cujas paredes são feitas de palha, sendo desprovida, inclusive, de vaso sanitário, como informa a legenda da foto O segundo plano também é marcado pela presença da mãe da criança, uma jovem de 18 anos, grávida, e de uma amiga.

empregos AG

Carreira

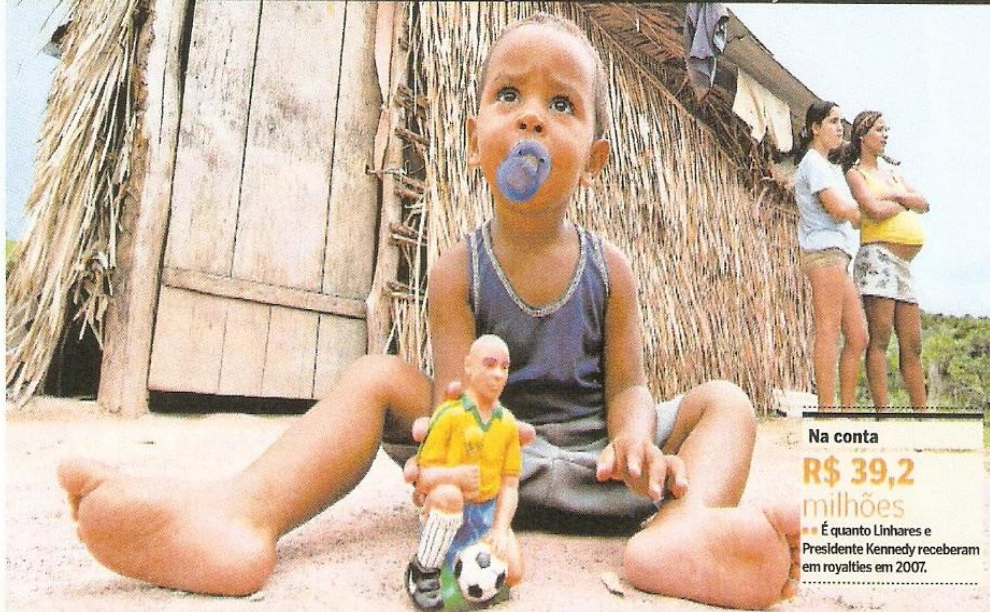
10 mitos
profissionais

A GAZETA

80
anos

Caixa cheio. Riqueza do ouro negro chega a Presidente Kennedy e a Linhares

GABRIEL LORDÉLLO



Na conta

R\$ 39,2
milhões

É quanto Linhares e
Presidente Kennedy receberam
em royalties em 2007.

SEM ASSISTÊNCIA. Na casa do menino Joaquim, morador da comunidade de São Paulinho, em Presidente Kennedy, a parede é de palha e não há vaso sanitário

Onde está (e não está) o dinheiro do petróleo

Como municípios campeões em repasses aplicam os royalties. Cidades onde convivem a pobreza extrema, a fatura oficial e o investimento em transporte e educação.

PÁGS. 16 A 19

Deportada

FOLHA IMAGEM



EMIM A capixaba chegou a São Paulo ontem pela manhã

Andréia Schwartz:
"Vou contar toda a verdade"

■ A capixaba Andréia Schwartz, que ajudou nas investigações que culminaram com a renúncia do governador de Nova York, Eliot Spitzer, desembarcou ontem em Guarulhos, São Paulo. Ela deu apenas uma declaração: "Vou esclarecer toda a verdade. Vou mostrar. Vou provar. Eu amo todos vocês". Até às 21h, ela não havia chegado a Vitória. ■ PÁG. 10

Entrevista

**50% off pode?
E delivery'?"**

■ O gramático Evanildo Bechara diz que os estrangeirismos enriquecem a língua. ■ PÁG. 16

(A Gazeta, primeira página, 23 de março de 2008).

Essa foto, que cobre boa parte da primeira página do jornal, causa certo impacto, ao mostrar a falta de recursos de uma cidade que, sendo uma das maiores receptoras dos recursos oriundos da exploração do petróleo no seu território, apresenta um nível de infraestrutura incompatível com essa riqueza. Ora, a instância produtora, ao optar por essa dupla direção, marcadamente contraditória, assume o papel de investigadora dessa discrepância, fato que pode ser depreendido da própria manchete, que instaura um ambiente investigativo e de denúncia. O jornal, assim,

assume a responsabilidade de descobrir, mostrar e refletir a realidade quando propõe uma reportagem que apresenta os caminhos tomados pelo dinheiro do petróleo, além de indagar o porquê de, nessas cidades, ainda existir esse tipo de discrepância social.

Nessa imagem, percebemos algumas marcas textuais e discursivas que contribuem para os efeitos pretendidos pela instância de produção. Notamos, por exemplo, que o advérbio de lugar “onde” é seguido de um verbo e, na sequência, para mostrar que o dinheiro pode estar escondido em um lugar fechado e não acessível a todos, utiliza-se os parênteses, ressaltando, em seu interior, o advérbio de negação, o que imprime à frase certo distanciamento, sugerindo ao leitor que o dinheiro não foi repassado da maneira como deveria.

Os personagens desta foto estão posicionados de forma bastante emblemática, seja de pé e com os braços cruzados numa referência a uma longa espera, como as duas jovens do segundo plano, seja sentado no chão, com os pés descalços e agarrado a um possível sonho para o futuro, representado pela criança segurando um brinquedo, cujo formato lembra um jogador de futebol da seleção brasileira, esses personagens constroem uma comunidade em Presidente Kennedy esquecida pelo poder público e que anseia por melhorias.

Logo, percebemos que a instância de produção deixa entrever, por meio dessas marcas textuais e discursivas um *ethos* investigativo e reivindicatório, preocupada com a má utilização do dinheiro público. Esse fato também pode ser associado à falta do ponto de interrogação na manchete, o que nos leva a deduzir que a reportagem não apresentará suposições ou hipóteses do provável destino do dinheiro, mas sim conclusões definitivas.

No interior do jornal (Anexos 2 e 3), essas duas perspectivas de leitura são mantidas e reforçadas, já que o texto é dividido estrategicamente em duas páginas, contrapondo-se as abordagens. O título “*Para onde vai (e não vai) o dinheiro do petróleo*” reafirma as construções contraditórias, do tipo “*está e não está*” e “*vai e não vai*”, abrindo-se quatro linhas investigativas que serão desenvolvidas ao longo do texto jornalístico:

- (1) *“Onde está o dinheiro do petróleo”*
- (2) *“Onde não está o dinheiro do petróleo”*
- (3) *“Para onde vai o dinheiro do petróleo”*
- (4) *“Para onde não vai dinheiro do petróleo”*

Em (1) e (3), percebemos uma linha investigativa que visa mostrar a localização e o destino dos recursos provenientes do petróleo. Partindo do fato de que o Governo Estadual já delimitou em lei a destinação desses recursos, a reportagem pretende, então, comprovar a aplicação correta desse dinheiro, no entanto em (2) e (4), esse fato se inverte, pois a construção desses enunciados nos mostra que os recursos existem, mas que eles não estão presentes onde deveriam estar, ou seja, são desviados.

Esse discurso de contraposição é reafirmando pelo conteúdo da matéria dividido em duas partes principais, com fotos ilustrando cada uma delas. Na página da esquerda, vemos um homem, sorridente, com as mãos molhadas pelo óleo negro. Ao longo do texto, conhecemos a história de Linhares, um município que foi marcado pelo autoritarismo dos grandes proprietários de terra.

Com relação à construção do texto, percebemos que o intuito da instância produtora é apresentar uma Linhares que cresce e se desenvolve, fato devido, principalmente, ao petróleo:

(5) *“o cacau ajudou o crescimento [...], assim como a fruticultura, a cafeicultura e a indústria moveleira. **Mas** o que está mudando a cara do município, **sem dúvida**, é o petróleo”* (Anexo 2, grifo nosso)

(6) *“Linhares é hoje o município que mais recebe royalties no Espírito Santo [...] e considerando-se que o pico da produção está longe de ser atingido [...] **pode-se prever** que o volume dos royalties será bem maior nos próximos anos.”* (Anexo 2, grifo nosso)

No fragmento (5), percebemos que a ocorrência do marcador discursivo-argumentativo “*mas*” confere ao petróleo, fonte de riqueza bem recente, o poder de mudar a “cara” do município para melhor, contrapondo-se à longa relação do município com a fruticultura, a cafeicultura e a indústria moveleira, que são minoradas nesse processo. Essa ideia é reforçada com a presença do modalizador

epistêmico “*sem-dúvida*”. Daí, observamos a força que esse ouro negro possui, marcando um claro processo de ruptura com a Linhares do passado.

Em (6), temos a comprovação do progresso conferido a Linhares pelo petróleo (fato que pode ser, também, associado à foto), ao mesmo tempo em que a instância produtora, levando em conta as condições de produção desse discurso, prevê ganhos maiores para o município, já que a exploração do óleo nessa região estava apenas começando.

Assim, Linhares investe em infraestrutura, em educação e saneamento básico e boa parte desse progresso está ligada diretamente ao petróleo. Nesse sentido, os *royalties* do petróleo estão sendo bem aplicados, indo direto para os setores onde deveriam estar. Logo, *A Gazeta*, ao mostrar onde está e para onde vai esse dinheiro se coloca como uma instância preocupada com a utilização dos recursos públicos.

Na página da direita (Anexo 3), a reportagem se volta para o município de Presidente Kennedy. A foto principal da reportagem mostra a mesma criança e a mesma jovem grávida que estamparam a capa do jornal, no entanto, a perspectiva agora é de dentro do barraco de palha, sem banheiro, nem sanitário, onde moram. Percebemos que essa foto, ao mostrar a pobreza e a gravidez na adolescência, relaciona intimamente esses fatos e constitui uma outra imagem do Estado.

Os vários subtítulos que constituem a reportagem situam bem o “tom” adotado pela instância de produção:

- (7) Exploração de óleo e gás no Estado, estão gastando seus *royalties*
- (8) *Dinheiro enche os cofres públicos, mas não chega à população* (grifo nosso)
- (9) *Prefeitura gasta quase um milhão em festas;*
- (10) *Na sede do município, obras em ritmo lento;*
- (11) *Moradores querem mais investimentos.*

Assim, percebemos que a instância se posiciona no discurso de diversas formas, seja demonstrando as relações de contrajunção (8), na medida em que afirma que os recursos existem, no entanto não são utilizados, permanecendo nos cofres

públicos; seja apontando problemas ligados diretamente à administração pública, numa crítica evidente ao poder executivo (9,10); seja representando a população, abrindo espaço para que ela se manifeste, mesmo que de forma indireta (11).

Além disso, observamos um recurso muito recorrente nos textos que compõem essa reportagem, sobretudo, quando se associa o petróleo e os recursos ligados a ele à população. Trata-se das relações de oposição, marcando segmentos orientados em sentido contrário:

- (12) “*Neide, Andréia e Maura não sabem o que são royalties, mas já ouviram dizer que em Kennedy ‘corre muito dinheiro’.*”
- (13) “*A descoberta de petróleo nos mares de Presidente Kennedy criou uma expectativa de progresso e de fim do ciclo de estagnação econômico [...]. Mas a prosperidade ainda não chegou para boa parte dos cidadãos kennedenses.*”
- (14) “*Tanto dinheiro [...] tem ajudado a melhorar as estradas, o atendimento na saúde e o funcionamento das escolas. Mas ainda não conseguiu reverter o quadro de pobreza extrema em que vivem muitas famílias. Tampouco minimizar a falta de infraestrutura em localidades como São Paulino.*”

(grifos nossos)

Assim, mesmo sendo um fato comprovado, o repasse dos *royalties* para o município de Presidente Kennedy ainda não é de total conhecimento da população que apenas “ouviu dizer” que no município há muito dinheiro (12), sendo excluída desse processo de desenvolvimento, que *a priori* deveria chegar a todos, sobretudo às comunidades que mais precisam (13,14). Logo, observamos uma perspectiva de continuidade das práticas sociais, pois o petróleo ainda não foi suficientemente forte para instaurar um processo de ruptura, como visto em Linhares, capaz de remodelar essas práticas, inserindo o cidadão kennedense num contexto de progresso e riqueza.

Levando-se em conta as duas páginas que compõem parte dessa reportagem, percebemos duas representações do Estado, dois retratos muito distintos no que tange às questões sociais e políticas e à constituição de uma identidade do capixaba. Logo, em um primeiro momento, temos a imagem do desenvolvimento no

discurso positivo de “onde o dinheiro está”, e num segundo momento, é mostrado “onde o dinheiro não está”, mas deveria estar. Os elementos icônicos (homem com as mãos sujas de petróleo, criança, gravidez na adolescência, barraco de palha), associados ao texto verbal, reforçam a mobilização de recursos identitários, pois caracterizam as comunidades locais, conferindo-lhes traços que distanciam as duas realidades.

No espaço discursivo instaurado por esse contrato, representações distintas do Espírito Santo parecem ser produzidas e compartilhadas, impedindo, no entanto, um sentido de unidade para a população capixaba. Assim, se as representações tendem a organizar coletivamente os valores e crenças que constituem os grupos sociais, ao mesmo tempo em que o tornam visível a outros grupos, aqui temos duas possibilidades de identificação. Somos apresentados a dois grupos diferentes: aquele que é beneficiado pelos grandes investimentos oriundos dos *royalties* da exploração do petróleo e aquele que, mesmo recebendo parte desses *royalties*, desconhece sua utilização. A *Gazeta* parece, assim, potencializar um discurso reivindicatório pela igualdade de condições para a população do Estado, mas a imagem de Estados que se contrapõem é mantida em vários textos e até mesmo, mais recentemente, na série de reportagens *Retratos do Espírito Santo*¹². De um lado, vários exemplos de cidades que crescem e se desenvolvem com a ajuda do petróleo, construindo um texto de tom otimista, cujo fiador compartilha com o leitor um Espírito Santo forte e rico e, de outro, também vários exemplos de cidades que recebem os mesmos recursos, mas não apresentam o mesmo desenvolvimento, em que o tom dado ao texto é de revolta, sendo o fiador aquele que dá voz à população dessas localidades. Ora, os membros desses grupos tendem a se reconhecer e a se ver como diferentes, posicionando-se como aqueles que são beneficiados ou aqueles que não têm a mesma sorte.

Nessa perspectiva, entendemos vários textos sobre o petróleo deste período como expressando um tom reivindicatório. Dessa forma, o jornal passa a exercer um papel

¹² As reportagens que compõem esta série foram veiculadas com os seguintes títulos: *O outro lado do Espírito Santo*, de 15 de maio, assinada por Vilmara Fernandes; *A cidade de Luiz tem futuro. A de Helder nem tanto*, de 22 de maio, assinada por Abdo Filho; *Progresso? Eles não conhecem, nunca viram*, de 29 de maio, assinada por Vitor Vogas.

de fiscalizador, que investiga o repasse dos *royalties*, destacando sua boa ou má utilização pelos órgãos públicos.

Passemos à reportagem do dia 30 de março (Anexos 5 e 6) em que o interior do Estado volta a ser retomado por *A Gazeta*. Dessa vez as cidades visitadas são Aracruz e São Mateus, sobre elas o discurso de progresso prevalece, ressaltando o bom uso do dinheiro oriundo do petróleo:

(15) *Transparência no uso do dinheiro público – Aracruz*

(16) *Desafios é gerar novos postos de trabalho para a população – São Mateus*

Em 30 de junho (Anexos 7, 8 e 9), observamos uma relação nada assimétrica entre os *royalties* do petróleo e os investimentos em educação nas cidades de Itapemirim e Anchieta:

(17) *Cidades com verba do petróleo tiram nota baixa na educação;*

(18) *Riqueza do petróleo **ainda não** conseguiu melhorar a educação.*

(grifo nosso)

Mesmo com essa situação desfavorável para a educação, notamos uma certa esperança em (18) na utilização do advérbio “ainda”. A instância de produção parece acreditar que o desenvolvimento vai chegar para essa região. Esse discurso é marcado também por criar representações opondo riqueza e falta de investimento.

Nessas duas abordagens, fica-nos claro que o jornal *A Gazeta* se interessa pelo interior do Estado, sobretudo, no que se relaciona ao seu desenvolvimento ligado ao petróleo. Encontramos, também, uma cobrança ao Governo e à administração pública, que são objetos de uma pressão implícita nesses textos.

6.1.1 O DISCURSO DA MUDANÇA: O MARCO DO PRÉ-SAL

Percebemos, a partir da divulgação do marco do descobrimento do petróleo na camada pré-sal, em agosto de 2008 e, conseqüentemente, da sua exploração, um discurso positivo de valorização do Espírito Santo, enquanto Estado que passa a

ocupar o segundo lugar no Brasil na exploração do petróleo. Esse discurso parece remodelar as incertezas identitárias dos capixabas em torno de uma grande mudança decorrente do dinheiro desse óleo e de todos os benefícios que ele pode trazer. Ao ser veiculado, esse discurso de riqueza e de desenvolvimento propõe uma perspectiva de mudança contextual que convoca a população a uma valorização do capixaba como pertencente a uma comunidade promissora.

Ao referir-se a esse momento com enunciados do tipo “*Espírito Santo dá início a novo marco na extração de petróleo*” (Anexo 13), “*Espírito Santo inicia nova era do petróleo no Brasil*” (Anexo 14), “*A maior descoberta de petróleo no Estado*” (Anexo 16), “*A extração do pré-sal tem importância mundial*” (Anexo 16), esses discursos projetam um novo ES, anunciam uma nova era para o Estado. Ademais, nos textos analisados deste segundo bloco, percebemos uma grande repetição de vocábulos ligados ao progresso: *riqueza, prioridade, novo ciclo, novas chances, nova era, a maior descoberta, descoberta histórica, empregos, receita, novo marco, história mundial*.

Assim, a partir de agosto de 2008, os discursos sobre o petróleo mudam o foco da abordagem contraditória ou ambivalente que os caracterizava e passam a produzir e veicular representações de um Estado que se desenvolve, criando uma matriz discursiva de reinserção positiva do Espírito Santo no contexto nacional. Não se privilegia mais a diversidade das cenas locais e a contraposição das imagens do Estado, mas reforça-se um sentido convergente com o qual a população é convidada a se identificar, compartilhando das promessas desse novo momento. Assim, em 06 de agosto de 2008 (Anexo 10), a uma semana do início da exploração da camada pré-sal, o discurso presente em *A Gazeta* mostra que essa nova era, apesar de ainda não ter começado, já enriquece o Estado:

(19) *A riqueza que o petróleo **já traz** para o Estado;*

(20) *O petróleo que **está gerando** receita e empregos no Estado.*

(grifos nossos)

Encontramos, nessa reportagem, os dados numéricos que comprovam o crescimento da participação da Petrobras no Espírito Santo. Ao citar como marco a exploração da camada pré-sal, que ocorreria dentro de alguns dias, esse discurso

reforça o caráter demarcatório dessa exploração, mas reitera, também, a importância das descobertas feitas anteriormente no Estado. Logo, essa nova fonte de riqueza vem potencializar aquela que “já existe” e que “já está” trazendo benefícios para o Estado.

Orlandi (1993), ao estudar o discurso fundador, destaca o seu papel na formação de um país, pois é esse discurso que instala as condições de formação de outros, filiando-se à sua própria possibilidade e instituindo em seu conjunto um complexo de formações discursivas, que configura um processo de identificação para uma cultura, uma raça, uma nacionalidade. Assim, os sentidos produzidos por esses discursos são muitas vezes resultados de uma ruptura com aqueles já instalados, estabelecendo uma nova ordem de sentidos. Acreditamos que as reportagens veiculadas após o início da exploração da camada pré-sal, a maior descoberta de petróleo no Estado, propõem uma ruptura com os sentidos já estabelecidos e enraizados no imaginário de identidade da população capixaba. Assim, esses discursos produzem uma nova imagem do Estado potencialmente fundadora de elementos de identificação para a identidade capixaba que pode ser então reconstruída, levando-se em conta esse novo momento e as representações que lhe são associadas.

(21) *Petróleo: **novo ciclo** começa hoje com poço no Litoral Sul – 12 de agosto* (Primeira Página)

(22) *Espírito Santo dá início a **novo marco** na extração de petróleo – 12 de agosto* (p.15)

(23) *Espírito Santo inicia **nova era** do petróleo no Brasil – extração do pré-sal tem **importância mundial** – 02 de setembro* (Primeira Página)

(24) *ES **marca histórica mundial** da exploração do petróleo – 02 de setembro* (p. 13)

(25) ***A maior descoberta** de petróleo no Estado – 22 de novembro* (Primeira Página)

(26) ***Descoberta histórica** de petróleo no Estado – 22 de novembro* (p.17)

(grifos nossos)

Percebemos que o Espírito Santo é marcado por representações positivas, que vem de encontro a toda uma história de exclusão e esquecimento. O caráter subalterno do Estado parece, assim, ser transformado: trata-se agora de uma região cuja importância econômica lhe permitiria, por exemplo, passar pela crise internacional¹³ sem ser muito afetado por ela, fato que não poderia ser percebido nos outros estados do Brasil, sobretudo nos vizinhos da Região Sudeste. A presença de expressões e representações de uma nova era funda um discurso de riqueza e de desenvolvimento e está presente em todas as reportagens analisadas deste segundo bloco.

Nas reportagens que compõem este bloco, percebe-se que a instância de produção dos discursos sobre petróleo constrói-se como um enunciador que se apresenta preocupado com as questões que envolvem a retomada do desenvolvimento pelo Espírito Santo e vai, portanto, veicular discursos que permitam ao capixaba se reconhecer em um novo momento, em um processo de reconstrução identitária. Os sentidos e as representações veiculadas recriam um *ethos* coletivo de desenvolvimento e riqueza para o Estado, que passa a ser repetido nesses discursos, especialmente pós advento do pré-sal. O Estado passa a ser representado num ambiente de reconhecimento nacional e internacional, ocupando o segundo lugar na exploração de petróleo no Brasil, que se enriquece e enriquece seu povo. Os sentidos ressignificados de um Estado promissor convocam o capixaba a tomar parte de uma mudança na história e na trajetória social do Espírito Santo.

6.2 A LUTA PELO PRÉ-SAL EM 2009: METÁFORAS BÉLICAS EM AÇÃO

Vimos, ao longo do ano de 2008, uma clara mudança nos discursos sobre o petróleo veiculados pelo jornal *A Gazeta*. A ênfase dada a partir de agosto daquele ano foi justamente nos benefícios que o pré-sal poderia trazer para o Estado e conseqüentemente para sua população, revitalizando uma imagem positiva do Espírito Santo. O discurso da ambivalência das cenas locais tende a ser enfraquecido em função de uma maior valorização do regional, isto é, o Espírito

¹³ Crise de 1998 deflagrada pela falência de vários bancos norte-americanos o que provocou uma recessão econômica no mundo todo.

Santo pensado como um todo que se beneficia de maneira igualitária. Fala-se, então, da união do Estado em torno de um bem comum: a riqueza do pré-sal. Os discursos exploram a ideia de progresso e de desenvolvimento próximos, e a discussão sobre os *royalties* na mídia nacional retrata o Espírito Santo com voz para defender seus interesses, como uma peça importante na constituição do trio de Estados contra as perdas consideráveis propostas nos projetos enviados ao Congresso Nacional para mudar as regras de distribuição dos *royalties* entre os Estados produtores. Consolida-se, em 2009, a luta das lideranças políticas que, representando a população capixaba e vendo ameaçada a certeza de riqueza e progresso, unem-se em defesa do Estado.

Para estudarmos esse momento, selecionamos um *corpus* constituído de 07 reportagens, que ocuparam 09 páginas do jornal, veiculadas por *A Gazeta* entre 28 de agosto a 24 de novembro de 2009, período em que as discussões sobre os projetos de partilha dos *royalties* do pré-sal ganharam maior visibilidade. Este *corpus* está representado no quadro abaixo:

Reportagens de 2009				
Dia	Reportagem	Caderno	Página	Anexo
28/08	<i>Lula convoca Hartung para discutir pré-sal</i>	Economia	22	18
01/09	<i>Estado Garante o dinheiro do pré-sal</i>	Capa	01	19
01/09	<i>Estado garante verba que virá com o pré-sal</i>	Economia	13	20
02/09	<i>Lula diz que o congresso não vai reduzir royalties</i>	Economia	13	21
05/09	<i>Estado se arma para brigar pelo dinheiro do pré-sal</i>	Capa	01	22
05/09	<i>Estado se arma para a batalha pelo pré-sal no Congresso</i>	Economia	13	23
28/10	<i>Relatório propõe redução da verba do pré-sal para produtor</i>	Últimas Notícias	12	24
05/11	<i>Estados elevam a pressão na briga pelo dinheiro do pré-sal</i>	Economia	15	25
24/11	<i>Capixabas vão travar</i>	Economia	15	26

	<i>batalha na Câmara pelo pré-sal</i>			
--	-------------------------------------------	--	--	--

As análises propostas para esse período estão divididas em dois sub-tópicos. No primeiro, a temática principal gira em torno da convocação do Presidente Lula ao Governador do ES, Paulo Hartung. Na ocasião, ambos discutiriam assuntos ligados à divisão e à exploração do pré-sal. São, pois, os resultados dessas discussões que nos levam ao segundo sub-tópico, que retrata justamente a reação do ES frente a uma possível perda de parte dos *royalties* do pré-sal.

6.2.1 A CONVOCAÇÃO PARA O DEBATE

Começamos nossas análises desse período com o texto veiculado em 28 de agosto de 2009 (Anexo 18) que anunciava a convocação do então Presidente Luiz Inácio Lula da Silva para uma reunião entre ele e os Governadores do Espírito Santo, Paulo Hartung, do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, e de São Paulo, José Serra, a fim de discutirem questões ligadas ao pré-sal, sobretudo à nova lei de partilha dos *royalties*. Nessa nova lei, elaborada pela comissão nomeada pelo Presidente Lula e composta por representantes dos ministérios, órgãos e empresas estatais, os estados produtores seriam prejudicados, pois a maior parte do dinheiro proveniente da exploração do óleo iria para a União e, conseqüentemente, seria distribuída para todos os estados da Federação, numa tentativa de descentralizar a riqueza do pré-sal. Mas, como a exploração realizar-se-ia utilizando recursos dos estados produtores, tais como os portos e as rodovias, o argumento principal contra o projeto é que tal partilha não era justa, pois esses estados receberiam uma receita que não compensaria os possíveis danos causados pela exploração, sobretudo os ecológicos, e nem seria suficiente para a conservação das rodovias e portos, utilizados na atividade exploratória. Uma das partes desse texto reproduz a postura do Governador Paulo Hartung frente à nova lei de partilha:

- (1) *Defendo que essa distribuição continue, mas que se mantenha, também, o pagamento dos royalties diferenciados para os Estados produtores. Afinal, recebemos os impactos econômicos e sociais da atividade e, ainda, precisamos pensar no futuro sem petróleo. É justa nossa reivindicação (Anexo 18).*

Os principais representantes políticos dos Estados do Espírito Santo, do Rio de Janeiro e de São Paulo, não satisfeitos com essa nova lei de partilha, demonstram publicamente esse sentimento. Ao convocá-los para a reunião, o Presidente Lula tinha por objetivo “apaziguar os ânimos dos governadores descontentes com a forma de condução das discussões sobre a proposta da nova legislação” (Anexo 18). O artigo relata, também, a proposta do Presidente de criar um fundo voltado para a educação, ciência e tecnologia e para o combate à pobreza, o que implicaria a manutenção da proposta polêmica.

O artigo apresenta diversas referências aos governadores dos estados diretamente envolvidos com os impactos dessa nova lei, que por vezes são apresentados pelos nomes, outras pelo cargo que ocupam no poder legislativo, no entanto, o Governador Paulo Hartung do Espírito Santo e o Governador Sérgio Cabral do Rio de Janeiro são os mais citados. Importantes também se constituem as citações do Presidente Lula, inseridas ao longo do texto por meio do discurso relatado, que nos mostram a postura adotada pelo Presidente da República frente a esse debate. Ao comentar o discurso relatado, Charaudeau ressalta que ele se constrói em um processo de dupla operação de reconstrução/desconstrução:

De reconstrução, porque se trata de tomar um dito para reintegrá-lo a um novo ato de enunciação, passando esse dito a depender do locutor-relator. Assim, o discurso relatado opera uma transformação enunciativa do já dito e, ao mesmo tempo, aponta para uma apropriação ou rejeição deste último pelo locutor-relator. De desconstrução porque o discurso relatado mostra que se trata realmente de um dito tirado de outro ato de enunciação, distinguindo o dito relatado do dito de origem e operando uma reificação deste último, que serve para provar a autenticidade do discurso do relator. Assim, o discurso relatado funciona estrategicamente como um *discurso de prova*, tanto em relação ao outro quanto a si mesmo (2006, p. 163, grifos do autor).

Charaudeau afirma ainda que a escolha do discurso relatado pela instância midiática pode ter como objetivo provocar certo efeito valorativo ao conteúdo veiculado, esse efeito pode ser de *decisão*, com valor performativo; de *saber*, quando a declaração emana de uma autoridade em determinada área; de *opinião*, quando a declaração surge de um locutor que expressa uma opinião ou uma apreciação dos fatos; e de *testemunho*, quando o locutor relata o que viu ou ouviu. Para Charaudeau essa maneira de relatar integra parcialmente o dito de origem ao dizer daquele que retrata, o que leva, então, a modificações no dito de origem, sobretudo nos tempos

verbais e nos pronomes. Faremos uma análise das principais ocorrências de citações de Lula neste texto.

Logo no título, *Lula convoca Hartung para discutir o pré-sal*, percebemos um discurso relatado que “narrativiza”, na definição de Charaudeau (2006, p. 165), o dito de origem; para o autor, esse tipo de construção é muito empregado em títulos de jornais e resumem uma longa declaração. Nesse processo, o dito de origem sofre uma dupla transformação morfológica: a modalidade da enunciação é retomada ou explicitada por um verbo de modalidade (“convoca”), e o dito de origem é resumido, quase sempre, por um nome (“o pré-sal”) e/ou um verbo no infinitivo (“discutir”). Para Charaudeau:

O modo de citação “narrativizada” tende a um efeito de actancialização, isto é, o locutor de origem não é mais apresentado como o locutor de um dito, mas como o agente de um fazer que seria então descrito como um fato relatado; o locutor de origem é praticamente fagocitado pela instância midiática (2006, p. 172).

Assim, o autor afirma que, ao se valer desse tipo de discurso a instância midiática produz um efeito de dramatização ao enunciado.

Esse título apresenta, ainda, um “tom” que desvela preocupação com o destino dos *royalties* do pré-sal, pois não se tratava apenas de “falar sobre o pré-sal”, mas sim de “discuti-lo”. Esse “tom” parece dar autoridade ao que é dito, permitindo ao leitor construir uma representação do corpo do enunciador, ou seja, da instância de produção, desdobrada em dois locutores: *A Gazeta*, que passa a ser o responsável pelo que é dito, locutor-relator; e o próprio Presidente, o locutor de origem, cujo ato de fala é reconstruído no título. Assim, o que vai ser dito ganha seriedade e urgência.

Destacamos, também, que a utilização do verbo “convocar” parece iniciar um discurso que encontrará nas expressões de defesa e guerra seu fundamento, mas esse “tom” é suavizado no primeiro parágrafo do texto quando o verbo “convocar” é substituído por “convidar”. No entanto, essa atmosfera vai ser constantemente retomada ao longo desse período. Interessante se constitui essa troca de verbos no discurso relatado que parece ter sido estrategicamente usada.

Ao longo do texto, ao serem utilizados os verbos *dicendi*, “dizer”, “reafirmar” e “descartar”, todos introduzindo o discurso relatado indireto do Presidente, a instância de produção parece acentuar certas partes do discurso, contribuindo para a construção argumentativa da reportagem:

- (2) *Em meio a queixas de empresários e de governadores, o presidente **disse** ontem [...]. (Anexo 18)*
- (3) *O presidente **reafirmou** que a proposta do pré sal inclui a criação de um fundo [...]. (Anexo 18)*
- (4) *Ele **descartou** pedidos para repassar parte do dinheiro para outras áreas. (Anexo 18)*

(grifos nossos)

O verbo “dizer”, por exemplo, marca o primeiro trecho relatado do presidente, iniciando a sequência de declarações. Com relação ao verbo “reafirmar”, somos convidados a partilhar de um contexto anterior a essa enunciação, marcando justamente o caráter contínuo desse debate. Já a escolha do verbo “descartar” pela instância de produção decorre da autoridade política de um presidente que tem o poder de “descartar” certos pedidos, como aqueles que defendiam a repasse do dinheiro do pré-sal para áreas que não estivessem ligadas à ciência, à educação e ao combate à pobreza.

O texto apresenta, ainda, a opinião da instância produtora da informação, *A Gazeta*, sobre a lei de partilha, no pequeno quadro intitulado “Nossa Opinião” (*Anexo 17*), cujo título define a particularidade desse texto opinativo inserido no gênero maior, a reportagem. Para o enunciador, trata-se de “um pacote obscuro”, afirmando que o Espírito Santo sempre foi “o patinho feio da distribuição de verbas federais” e que essa lei prejudicaria o avanço que o pré-sal representa para o Estado:

- (5) *Pois agora, quando o destino nos presenteou com a descoberta de enorme bacia de petróleo na camada pré-sal, o presidente Lula quer entregar para os Estados produtores um pacote pronto, cuja principal consequência é retirar dinheiro desses Estados e colocá-lo na mão da União (Anexo 18).*

Levando-se em conta a noção de *ethos* já estudada e que não diz respeito ao que o sujeito enunciador diz de si, mas sim à imagem que o leitor faz desse enunciador, ou seja, um efeito do dizer sem ser necessariamente dito, o leitor do artigo em análise é levado a identificar-se com a fala do enunciador, pois como capixaba quer ver seu estado enriquecer, logo uma lei que impede esse desenvolvimento deve ser rejeitada e criticada. O enunciador é, assim, autorizado a falar em nome dos capixabas, pois defende interesses em comum, propondo uma ruptura no paradigma de distribuição de verbas no Brasil, de modo a beneficiar o Espírito Santo. Esse discurso é enunciado em um tom forte, de defesa, construindo-se discursivamente um fiador que deseja também convocar o leitor a uma “luta” em nome dos capixabas, em nome do Estado. Essa tomada de posição se coloca tão explícita graças ao contrato genérico do texto que, em um espaço de opinião, garante ao enunciador a explicitação de seu ponto de vista. Ao se manifestar, o enunciador suaviza seu posicionamento recorrendo à técnica de “gangorra” que lhe permite apresentar pontos de vista diferenciados, a fim de contribuir com o debate. Não raro, essa estratégia vai ser utilizada ao longo das reportagens sobre o pré-sal, já que se trata de um assunto bastante polêmico que divide as opiniões. Nesse sentido, Charaudeau (2006, p. 222) afirma que essa técnica é muito adotada por autores de reportagens na medida em que propõem pontos de vista diferentes, ou até mesmo contrários, sem arriscar-se a operar uma hierarquia, cuja conclusão se resume a uma série de novas questões, sobretudo daqueles que não ousam tomar partido.

6.2.2 O ESPÍRITO SANTO SE “ARMA” PARA O COMBATE

Em 1º de setembro, três dias após a veiculação da reportagem anteriormente analisada, a matéria de capa de *A Gazeta* anunciava: *Estado garante dinheiro do pré-sal* (Anexo 19; cf. Figura 2 abaixo). Essa reportagem, que ocupa mais da metade da primeira página do jornal, é constituída por um título bastante visível, por um pequeno texto que resume o conteúdo da reportagem, por duas citações – uma do Presidente da República e a outra do Senador pelo Espírito Santo, Renato Casagrande – por chamadas que apresentam outros pontos ligados ao assunto principal, além de uma foto na qual temos o Presidente Lula, o presidente do Senado, José Sarney, e a pré-candidata à Presidência e chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, três figuras das mais importantes na cena política brasileira. Pouco acima

desses políticos, mas ainda compondo a foto, vemos o enunciado “Futuro do Brasil” que faz parte de um enunciado maior, no entanto, não aparecendo em sua totalidade na imagem:

Estado garante o dinheiro do pré-sal

Projetos do marco regulatório, enviados por Lula ontem ao Congresso, não mudam a regra de distribuição de royalties

“Vamos criar um fundo com três vertentes básicas: cuidar da educação, da ciência e da tecnologia e da pobreza”

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
PRESIDENTE, ONTEM

“Para os capixabas, a nova lei dá garantias de investimentos. Mas, se o Estado for prejudicado, vamos brigar”

SENATO CASARABANDE
SENADOR, APROVANDO O MARCO REGULATÓRIO

Futuro do Brasil.

FUTURO? Pré-candidata à Presidência, Dilma apresentou os projetos ao lado de Sarney e de Lula. FOTO: RODRIGUES POZZEBOMBA/BR

(A Gazeta, primeira página, 1º de setembro de 2009)

Esse recorte parece ter sido pensado propositalmente, com o intuito de se criar um ambiente de dúvida, já que logo abaixo da foto, a legenda explicativa é introduzida com uma interrogação:

(6) **Futuro?** Pré-candidata à Presidência, Dilma apresentou os projetos ao lado de Sarney e de Lula (grifo nosso).

Ao definir a imagem-sintoma, Charaudeau (2006) afirma que se trata de uma imagem que remete a outras imagens, seja por analogia formal, seja por meio do discurso verbal. Para ele, todas as imagens têm sentido, mas nem todas têm um efeito sintoma, para que isso aconteça, é preciso que elas toquem os indivíduos, remetendo a imaginários profundos da vida social. No entanto, deve ser uma imagem simples, com poucos traços dominantes. Acreditamos que a imagem da reportagem em análise possua características que a tornem uma imagem-sintoma,

na medida em coloca em cena dois indivíduos cujas histórias de vida fazem parte do imaginário do povo brasileiro, José Sarney, atual senador e ex-presidente, e o atual presidente Lula. Além disso, a imagem está associada à ideia de futuro, de desenvolvimento baseado no dinheiro do pré-sal, já que foi feita durante “a festa” de comemoração da assinatura do marco regulatório do pré-sal pelo presidente, garantindo o repasse das verbas para os estados produtores, tal como eles reivindicavam. Assim, essa imagem parece construir um quadro de significância que nos remete tanto ao passado quanto ao futuro, que se apresenta, assim, bastante promissor.

Quanto ao título da reportagem, *Estado garante o dinheiro do pré-sal*, percebemos que essa notícia, festejada pelos líderes políticos e pela população em geral, não colocava fim ao debate, mas afirmava que caso o Espírito Santo fosse prejudicado com a distribuição do dinheiro estaria pronto para o combate, como reitera o então senador Renato Casagrande, em frase citada na primeira página:

(7) *Para os capixabas, a nova lei dá garantias de investimentos. Mas, se o Estado for prejudicado, **vamos brigar** (Anexo 19).*

Dessa forma, instaura-se no Estado um ambiente de comemoração com a possível garantia do repasse de 60% dos *royalties* aos estados produtores, mas também de tensão, já que os projetos que regulamentavam a lei da partilha ainda não haviam sido aprovados no Congresso Nacional. Mas uma vez metáforas de lutas são utilizadas para caracterizar esse momento, como a expressão “vamos brigar”, usada pelo senador em (7), que remete não apenas aos políticos que defendem o Estado, mas também a toda a população, pois o senador é autorizado a falar em nome dos capixabas – pelo uso da forma plural do verbo em primeira pessoa – na defesa de um bem comum. O discurso do senador pode ser entendido na perspectiva do discurso circulante, tal como definido por Charaudeau (2006), pois permite aos membros de uma comunidade se identificarem, na medida em que toma uma forma discursiva que pode, às vezes, estar fixada em fragmentos textuais e em maneiras de falar próprios a uma categoria social particular – os socioletos. Nesse sentido, acreditamos que o Senador Casagrande se impõe como autoridade, “uma autoridade que procede de sua posição de supremacia ou de posição acima das massas, e que, por isso, confere sentido à ação social, a orienta, lhe serve de guia e

fundamenta sua potência” (CHARAUDEAU, 2006, p. 118). Assim, o capixaba é convocado a participar efetivamente de uma possível “briga”.

No texto, notamos também o fato de o Presidente “recuar” e não mudar as regras de distribuição dos *royalties*. Esse fato é nomeado pelo enunciador como “uma vitória” para o Espírito Santo, o que nos remete, mais uma vez, ao ambiente de guerra já anteriormente retratado e que vai se potencializar ao longo do mês de setembro. Os estados produtores “se armariam” para lutar e reivindicar uma partilha justa.

A reportagem no interior do jornal (Anexo 20) se vale dos mesmos mecanismos de construção encontrados na manchete, incluindo a utilização da foto onde vemos as três autoridades políticas já retratadas na primeira página, a única diferença é a presença da esposa do Presidente Lula, do seu lado esquerdo. Nesta foto, as quatro personalidades estão aplaudindo a divulgação do marco regulatório do pré-sal, que manteve as garantias para os estados produtores. Convém ressaltar, também, que nessa reportagem a instância produtora apresenta um texto denominado “E eu com isso”, no qual o capixaba pode entender efetivamente os impactos dessa nova lei na sua vida cotidiana, pois de forma bastante didática, somos apresentados aos principais benefícios que o pré-sal poderá trazer para o Estado.

Com os projetos que regulamentavam a partilha dos *royalties* enviados ao congresso para votação, os governadores dos estados produtores dão início a um movimento que visava mobilizar a bancada de parlamentares para que o texto defendido pelo Presidente, garantindo uma partilha justa, não fosse mudado. Nesse sentido, o jornal veicula em 2 de setembro, compondo a reportagem sobre a visita do Presidente a Vitória, o artigo: *Lula diz que o Congresso não vai reduzir royalties* (Anexo 21). A foto do Presidente em conversa quase “ao pé do ouvido” com o Governador Paulo Hartung é inserida bem no meio do texto, demonstrando a relação de proximidade entre essas duas autoridades políticas. O título do artigo se apropria do discurso relatado para reportar uma “possível” fala do presidente que na realidade se mostra, ao longo do texto, não ser exatamente essa, pois de um enunciado que expressa certeza, com a utilização do verbo “garantir” numa frase afirmativa, passou-se a um expediente de crença, criado com o verbo “acreditar”:

- (8) *O Presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou ontem, em Vitória, **acreditar** que o Congresso Nacional não vai reduzir os ganhos dos Estados produtores de petróleo na cobiçada camada de pré-sal.* (Anexo 21, grifo nosso)

Assim, ao utilizar verbos diferentes, *A Gazeta* apresenta um posicionamento ambíguo, pois a escolha de verbos distintos para o mesmo relato revela ora a adesão e a hipervalorização que faz o locutor-relator aos propósitos do locutor de origem, ora sua não adesão ao contestar o conteúdo de verdade do dito, por vezes distanciando-se dele, como afirma Charaudeau (2006, p. 164-165).

Outro aspecto que podemos destacar com relação ao verbo “garantir” é a sua força argumentativa em face ao verbo “acreditar”. Dessa forma, o título da reportagem tende a apresentar um maior poder de envolvimento do leitor, sobretudo porque se trata de algo que lhe diz respeito diretamente, fomentando certa expectativa.

Importante ressaltar que, uma vez no Congresso, os projetos que regulamentavam a partilha dos *royalties* poderiam ser mudados, a fim de beneficiar todos os estados da mesma forma, sobretudo aqueles não produtores. Esse fato teve rápida repercussão nos quatro estados diretamente implicados, e seus respectivos governadores, na iminência de grandes perdas financeiras advindas de possíveis mudanças nos projetos, partiram para a “batalha”, mobilizando cada um sua bancada de parlamentares. Assim, nessa matéria, a instância produtora da informação construiu seu discurso de modo a acentuar ou atenuar a importância do Presidente da República e o seu papel nas discussões sobre o pré-sal, visto que nesse momento era no Congresso Nacional a arena de debates, ao mesmo tempo em que se veiculavam discursos de certeza e crença.

A reportagem apresenta, ainda, quatro citações do Presidente, que não estão inseridas ao longo do texto principal, mas em uma pequena chamada na parte inferior da página, cujo título “*O discurso do presidente – o que Lula disse ontem, durante visita ao Estado*” assevera certa autoridade ao que é dito. Ao assim fazer, a instância produtora demonstra certo distanciamento da fala do outro, demarcando as fronteiras entre aquele que fala e aquele que cita. Esse discurso relatado é apresentado de forma aspeada sem verbo introdutório, o que nos mostra que a

instância produtora não assume nenhum posicionamento, colocado-se como aquela que apenas reproduz o discurso.

Em 5 de setembro a reportagem de capa de *A Gazeta* anuncia a preparação do Espírito Santo para brigar pelo pré-sal:

(9) *Estado se arma para brigar pelo dinheiro do pré-sal.* (Anexo 22, grifo nosso)

A atmosfera bélica é reforçada com a utilização de expressões próprias a este domínio: “nas trincheiras”, “[...] montaram uma frente para brigar” (anexo 21). No interior do jornal, a reportagem se divide em vários textos cujo título principal retoma a manchete de capa, diferenciando-se apenas na troca do verbo “brigar” pelo substantivo “batalha”, reforçando o caráter bélico desse momento.

Na foto que acompanha a reportagem, no interior do jornal, notamos um grupo de deputados federais e senadores em um café oferecido pelo Governador Paulo Hartung, na sede do Governo. De acordo com a reportagem, as diferenças políticas foram deixadas de lado em prol de um objetivo em comum: a defesa do Espírito Santo junto ao Congresso Nacional.

(10) *Deixando de lado as diferenças políticas, os deputados federais e senadores da bancada capixaba fecharam posição com o governo do Estado em relação aos quatro projetos do novo marco regulatório do pré-sal, que está tramitando no Congresso Nacional.* (Anexo 23)

Percebemos, assim, a união dos representantes do povo capixaba na defesa do Estado, como em um quartel general, planejando as possíveis ações a serem empreendidas. No entanto, manter-se sozinho nessa “batalha” pode não ser uma boa estratégia. Logo, para potencializar a força da reivindicação, o governador defende uma atitude conjunta entre o Espírito Santo e os Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, estes dois últimos por serem reconhecidamente mais fortes e mais visíveis poderiam influenciar as decisões no Congresso Nacional. O governador demonstra, assim, uma grande capacidade em articular os setores envolvidos nessa “briga”, com o intuito de ver o Espírito Santo beneficiado. A instância produtora da

informação, ao veicular esse discurso, parece demarcar de forma clara o papel do Estado na luta pelo pré-sal, propondo uma “comunhão” com Rio de Janeiro e São Paulo e criando uma unidade em torno de interesses materiais e também simbólicos que, nas palavras de Penna (1992), passam a ser visto como um “projeto comum”.

Marcando justamente o caráter bélico do momento, o enunciador dá voz a uma afirmação do governador, por meio do discurso relatado:

(11) ***A primeira batalha***, que foi incluir o artigo para manter o pagamento de royalties e de participações especiais como é feito atualmente, ***nós ganhamos***. (Anexo 23, grifo nosso).

Comumente se diz que em uma guerra há muitas batalhas, alguns ganham, outros perdem, o que realmente marca o final de uma guerra é a ausência de adversário. Nesse sentido, o enunciador em (11) demonstra que o ES já venceu a “*primeira batalha*”, numa clara alusão à “segunda batalha” que o Estado estava prestes a enfrentar. Assim o ES, atendo aos desdobramentos das discussões do pré-sal, aguarda o próximo combate. A “guerra” ainda não terminara.

Ao longo das discussões no Congresso Nacional, os projetos de lei foram estudados pelas bancadas de parlamentares, sendo bem recebidos por alguns, mas criticados por outros. Nesse sentido, surge no debate, um relatório, proposto pelo Deputado Henrique Eduardo Alves, do Rio Grande do Norte, que ampliava a participação dos Estados na distribuição dos *royalties* do pré-sal, beneficiando diretamente a União, em detrimento dos estados produtores: Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo (Anexo 24). Frente a essa nova ameaça, os estados e municípios que produzem petróleo e gás reagem elevando a pressão e reivindicação, como mostrado pelo título da reportagem: *Estados elevam a pressão na briga pelo dinheiro*, do dia 5 de novembro (Anexo 25). Os integrantes do Estado na bancada federal manifestaram seu repúdio ao relatório apresentado à Comissão Especial e alegaram que o ES sairia mais uma vez prejudicado:

(12) *O Estado tem tido suas oportunidades de desenvolvimento periodicamente prejudicadas pela ganância do governo federal.* (Anexo 25)

Este enunciado reitera o sentimento de que o Espírito Santo nem sempre está na pauta de investimentos do Governo Federal, sendo, constantemente esquecido. Mas, a instância produtora da informação reproduz o discurso de alguns parlamentares capixabas que, mesmo sem uma resposta definitiva sobre o relatório, afirmam estar otimistas, como o Senador Renato Casagrande:

(13) *Tenho o sentimento de que vamos conseguir recuperar um pouco da perda dos Estados produtores.* (Anexo 25)

A reportagem apresenta, ainda, o quadro *Repercussão – o que eles disseram ontem sobre o marco regulatório do pré-sal* espaço no qual a instância reproduz o discurso de quatro autoridades políticas, acompanhado de suas respectivas fotografias. Esse tipo de construção, de acordo com Charaudeau (2006, p. 163) visa produzir diferentes tipos de prova: de *autenticidade* do dito de origem; de *responsabilidade* daquele que disse; de *verdade* do que foi dito, que serve para sustentar, justificar ou fundamentar os propósitos do locutor-relator. Essa construção contribui para o caráter argumentativo e informativo da reportagem.

Em 24 de novembro, a reportagem veiculada se vale de uma construção metonímica em seu título: *Capixabas vão travar batalha na Câmara pelo pré-sal* (Anexo 26). De fato, trata-se de alguns capixabas, os parlamentares, mas não de todos. No entanto, como são políticos eleitos por meio do sufrágio direto representam todos os capixabas e podem falar por eles. O expediente bélico é mais uma vez retomado. O texto ainda apresenta um resumo desde as primeiras negociações sobre a partilha do pré-sal, passando pela pressão exercida pelos Estados produtores que temiam perder receita, pelo início do movimento de contestação, encabeçado por alguns governadores do Nordeste com o apoio dos parlamentares nordestinos e de Estados da Região Sul, insatisfeitos com a distribuição dos *royalties* sugerida no projeto a ser votado. Esses parlamentares pleiteavam um maior repasse para a União, diminuindo a participação dos Estados produtores. Assim, eles também seriam beneficiados diretamente com a distribuição das verbas para todos os Estados da Federação.

Ao resumir todo o processo, a instância parece querer situar o leitor dentro do contexto das discussões do pré-sal que vinham se arrastando já há alguns meses, para que ele pudesse se dar conta, caso ainda não o tivesse feito, “do que está em

jogo” e que atinge diretamente o capixaba. Assim, no intuito de também resumir todo esse processo, reproduzimos esse quadro apresentado pelo jornal:

O que está em jogo

■ **NEGOCIAÇÃO.** Os Estados produtores negociaram com o governo federal uma forma de não perderem participação na distribuição de royalties do pré-sal. A negociação só aconteceu depois que os produtores fizeram pressão para não perder os benefícios.

■ **ÍNDICES.** Depois de muita pressão, inclusive com a atuação das bancadas na Câmara e no Senado, os Estados produtores conseguiram negociar ganhos maiores para as áreas do pré-sal,

apesar de não garantirem a manutenção das participações especiais.

■ **REVIRAVOLTA.** Os governadores do Nordeste, liderados por Eduardo Campos (PSB), de Pernambuco, iniciaram um movimento de contestação dos índices que foram acertados no acordo fechado entre o presidente Lula e os governadores do Rio, Sérgio Cabral, e do Espírito Santo, Paulo Hartung. Pelo menos 300 parlamentares

nordestinos e de Estados do Sul também questionam os índices definidos na reunião do dia 10 de novembro.

■ **VOTAÇÃO.** A reviravolta pode comprometer a votação, do projeto de lei, marcada para hoje. Os índices já negociados são: 22% dos royalties para os Estados e municípios não produtores; 25% para Estados produtores, 6% para municípios produtores; 3% para municípios com instalações e 22% para a União.

(A *Gazeta*, Economia, 24 de novembro de 2009, p. 15)

Ao longo desses meses, percebemos que a instância de produção da informação parece estabelecer uma relação bastante próxima com a instância de recepção na medida em que veicula discursos cuja temática tem impacto direto na vida do capixaba, construindo a opinião pública. Charaudeau (2006) define a opinião pública como pertencente ao vasto domínio do crer, ao que não está em relação direta com a ação, mas com o imaginário de saber no qual o sujeito pode exercer seu julgamento, sendo o resultado de uma atividade que consiste em reunir elementos heterogêneos e associá-los ou compô-los segundo a lógica do necessário ou do verossímil. Nesse sentido:

A instância de produção e a instância de recepção se acham engajadas num processo de transação, no qual a primeira instância desempenha um duplo papel de testemunha do mundo e de interpelador de um público-cidadão, e a segunda, um papel reativo de espelho deformante, pois o discurso que circula entre os dois depende de imaginários sociais (CHARAUDEAU, 2006, p. 124).

São, pois, esses imaginários sociais que estão na base da opinião pública, a partir da qual os sujeitos podem adotar certo posicionamento. Assim, ao retratar de forma contínua os discursos do petróleo, *A Gazeta* parece criar um ambiente simbólico de discussão sobre o pré-sal e seu impacto direto no Espírito Santo, na medida em que

constrói e veicula representações do Estado, de seus representantes potencialmente capazes de afetar as formas de pensar e sentir do capixaba nesse novo contexto que se apresenta com a descoberta e a exploração do petróleo na camada pré-sal, ao mesmo tempo em que parece inscrever o Estado em um contexto maior de reconhecimento e de valorização.

Entendemos a imprensa capixaba como uma fonte de circulação de discursos e representações sobre o capixaba, sua condição, seus modos de vida, suas transformações ao longo do tempo. Muitas vezes, esses discursos questionam formas de identidade tradicionais ou apontam as incertezas identitárias de uma população, como mostra Moraes (2003) em sua dissertação sobre a formação da identidade capixaba por meio do discurso jornalístico. Nesse trabalho, o pesquisador apresenta um texto jornalístico veiculado pelo jornal *A Gazeta* do dia 15 de dezembro de 2002, que mostrava dados de uma pesquisa sobre a identidade cultural do capixaba. De acordo com a reportagem, o “capixaba não tem identidade cultural”, já que a grande maioria não conhecia o “congo” e não percebia os traços característicos do capixaba que o diferenciavam dos mineiros ou dos baianos. A identidade cultural do capixaba pretendida estava, então, ligada à noção de particularidades culturais que deveriam constituir-lo em sua diferença aos demais brasileiros. No entanto, ao não ser percebida, essa diferença não influenciava os processos identitários do capixaba.

Nesse sentido, podemos falar de *A Gazeta* como essa instância que constrói e veicula representações do Estado e de sua população, que pode intervir, estabilizando ou remodelando as formas de saber, pensar e sentir do capixaba em sua maneira de se inscrever no país. As representações são assim partilhadas pelas duas instâncias:

A parceria definida pelo contrato de comunicação midiático baseia-se numa relação de ressonância: cada um dos parceiros só pode sintonizar provisoriamente com um outro pelo viés de representações supostamente compartilhadas, as quais, levadas pelos discursos, circulam entre os membros de uma determinada comunidade cultural (CHARAUDEAU, 2006, p.125).

Assim, acreditamos que a produção discursiva de representações da identidade do capixaba não estaria associada apenas ao viés da valorização das particularidades

culturais de sua população. As afirmações nos jornais sobre o recente enriquecimento do Estado com o petróleo e o advento do pré-sal parecem criar um reposicionamento (por semelhança) do Espírito Santo ao contexto do desenvolvimento dos outros estados da região sudeste. Logo, os discursos circulantes veiculariam representações do capixaba que poderiam ser, inicialmente, organizadas em dois grupos: aquelas que reforçam características próprias do Estado e, conseqüentemente, do capixaba; e aquelas que valorizam aspectos desejáveis presentes também no Espírito Santo.

Nesse sentido, ao longo de 2009, percebemos que os discursos veiculados sobre o petróleo na camada pré-sal e os desdobramentos das discussões sobre a partilha dos *royalties* tendem a inserir o Estado em um ambiente de reivindicação coletiva, na medida em que compartilham com os capixabas cada etapa desse processo, contribuindo com o debate, ao mesmo tempo em que parece construir uma cenografia de guerra, na qual o Estado parece conduzir uma luta armada em favor do seu desenvolvimento, defendendo uma partilha justa dos *royalties* do petróleo. Como já mostramos ao longo das análises de 2009, essa defesa se faz notar em diversos momentos, sobretudo quando a instância de produção se manifesta de forma bastante direta, como na tentativa de instaurar um diálogo com o interlocutor, compartilhando com ele sua opinião.

Essa cenografia, que remete a um ambiente de guerra, situando o Espírito Santo em um campo de batalha na defesa dos *royalties*, é validada por meio das referências bélicas utilizadas na construção dos textos. Para Maingueneau (2005a, p. 91-92) trata-se de cenas já instaladas na memória coletiva, que fazem parte do cotidiano e, apesar de não estarmos inseridos em um ambiente efetivo de guerra, podemos facilmente acessá-lo na nossa memória coletiva. As diversas metáforas bélicas encontradas nas reportagens de 2009 tendem a contribuir para que essa cenografia seja construída de forma coerente. Assim, temos a impressão de que as reportagens parecem funcionar como um “diário de guerra”, no qual são retratados os acontecimentos passados, bem como os possíveis embates futuros. O *ethos* de um Estado forte e guerreiro que luta na defesa do seu povo, surge, então, a partir dessa cenografia. Convém ressaltar que os capixabas ao serem convocados para esta “guerra”, mostraram-se verdadeiros guerreiros na defesa de um bem comum,

sobretudo nas manifestações que se estenderam ao longo de 2011 e que foram amplamente divulgadas e acompanhadas por *A Gazeta*.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos este trabalho destacando duas grandes mudanças que vêm ocorrendo no Estado e que estão ligadas a dois fatores principais: a nova direção política dada ao ES, no governo de Paulo Hartung; e a descoberta do pré-sal, grande camada de petróleo e gás que se estende, principalmente, pelas bacias do Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo. A exploração desse óleo e a sua comercialização trariam grandes ganhos financeiros para esses estados, com o repasse dos *royalties* – uma porcentagem do lucro da exploração paga pelo Governo Federal às regiões produtoras. Com esses recursos, os estados produtores poderiam investir de forma sistemática em setores públicos tais como a saúde e a educação. Nesse contexto, surge o debate, que vai se estender ao longo de 2008, 2009, 2010 e 2011, sobre a partilha dos *royalties*, pois os estados não produtores se insurgiram contra uma divisão que beneficiasse em maior grau os estados produtores, defendendo uma partilha igualitária. Os estados produtores, não aceitando esse argumento, uniram-se na luta por uma partilha justa, que deveria levar em consideração toda a logística que precisa ser implementada para que a exploração do pré-sal possa ser feita da melhor forma possível, o que implicaria uma série de gastos extras, daí a defesa de um repasse maior de *royalties* para esses estados. Essas discussões permanecem, até hoje, inconclusivas.

Ao longo do capítulo introdutório, apresentamos também uma pequena contextualização da história do Espírito Santo, destacando desde as dificuldades na sua colonização, passando pelo apogeu e o declínio na cultura cafeeira, até os grandes investimentos nas potencialidades do Estado, fato devido à instalação de grandes empresas no território capixaba. Ainda nesse capítulo introdutório, focamos o discurso jornalístico no ES e a sua importância na própria constituição desse Estado, sobretudo a trajetória do jornal *A Gazeta*, um dos mais importantes veículos de comunicação no Espírito Santo, cujo discurso sobre o petróleo nos últimos anos constituiu o objeto deste trabalho. Nossas indagações centraram-se nas estratégias discursivas presentes em reportagens de *A Gazeta*, investigando de que modo constituem e compartilham novas representações do Estado de modo a reposicioná-lo e reinseri-lo no contexto nacional graças às grandes descobertas de petróleo no território, mas também fornecendo recursos para o reconhecimento, a

valorização e o pertencimento dos capixabas, estabilizando ou desestabilizando formas de representação identitária em um processo contínuo de identificação.

Como trabalhamos com a noção de identidade, foi-nos necessário perceber como esse construto é visto e entendido em algumas áreas do conhecimento. Nesse sentido, apresentamos, no segundo capítulo, algumas perspectivas interdisciplinares da noção de identidade, com foco na Sociologia, nos Estudos Culturais e na Filosofia. Destacamos, sobretudo, as reflexões propostas por Stuart Hall e Zygmunt Bauman que defendem uma noção de identidade que se afasta do conceito de essência, mas inserida num amplo processo de mudança contínua. Acreditamos que a perspectiva interdisciplinar que apresentamos mostrou-se válida e produtiva, na medida em que são investigadas possibilidades de tratamento teórico da identidade, o que nos permitiu reafirmar alguns aspectos importantes desse construto, sobretudo no que diz respeito ao seu caráter flutuante.

No terceiro capítulo, nossa abordagem se voltou para as reflexões que podem ser estabelecidas entre linguagem, discurso e identidade na Sociolinguística, nas considerações da Linguística Crítica, dos estudos de linguagem e identidade de Ana de Fina, além das contribuições fundamentais de Maura Penna aos estudos linguísticos e discursivos da identidade. Ressaltamos, também, as contribuições de Pierre Bourdieu sobre o conceito de região e de representação na constituição da identidade, conceitos que nos foram de grande importância e que serão retomados nas nossas reflexões finais.

No sentido de mobilizar noções para a delimitação de uma abordagem discursiva da identidade, no quarto e quinto capítulos apresentamos algumas vertentes no estudo da identidade e discurso. Nesse sentido, estudamos os conceitos de prática discursiva, discurso fundador, cenas da enunciação e *ethos*, tendo como autores-base Eni Puccinelli Orlandi e Dominique Maingueneau. Em seguida, percorremos estudos propostos por Patrick Charaudeau sobre mídia e discurso, a partir do qual entendemos o funcionamento da máquina midiática e os seus lugares na produção de sentidos. Baseando-nos ainda em Charaudeau, delimitamos recortes teóricos sobre representação, informação e discurso circulante. Esses capítulos nos forneceram as categorias discursivas fundamentais à análise do *corpus*, tais como representações, discurso fundador, cenas da enunciação e *ethos*, entre outras.

No sexto capítulo, analisamos 14 reportagens veiculadas pelo jornal *A Gazeta* ao longo dos anos de 2008, 2009 e que veicularam discursos sobre o pré-sal no Espírito Santo e os impactos dessa descoberta para o Estado e sua população. Assim, a partir do diálogo implementado entre os diversos autores estudados, notadamente no que tange ao conceito de identidade, mídia e discurso e às reflexões ao longo das análises feitas, passemos, então, às nossas reflexões finais.

Para tanto, gostaríamos de trazer as noções de Bourdieu e Penna de que a região e as representações que dela se fazem são objeto de lutas simbólicas constantes e de discursos performativos que instituem representações e classificações. Essas e outras pesquisas sobre discursos regionais têm enfatizado como esses discursos e representações chegam mesmo a “inventar” uma determinada região, como o trabalho de Albuquerque Júnior (1999) que mostra como uma imagem do Nordeste foi constituída a partir dos discursos folcloristas, fundados em mitos que até hoje são disseminados sobre essa região. Assim, a imagem de uma região é resultado de interesses convergentes e divergentes que perpassam agentes sociais diversos, disputas, alianças etc.

Ora, ao deslocarmos essa discussão para a conclusão desta pesquisa, parece-nos importante considerar quais têm sido as principais representações ou imagens do Estado do Espírito Santo produzidas e veiculadas por *A Gazeta*. Com o advento do pré-sal no ES, este jornal desempenhou um papel fundamental ao acompanhar e divulgar à população cada etapa desse processo, desde as primeiras descobertas, passando pelo início da exploração e chegando até as discussões oficiais sobre a partilha dos *royalties*, no Congresso Nacional. Dessa forma, o Estado passou a ser presença constante em *A Gazeta*.

Nossa conclusão é de que o discurso do pré-sal em *A Gazeta* constitui uma matriz discursiva do Estado distinta daquela que se pautava na diferença, seja em termos culturais, políticos e sociais. Essa matriz discursiva se baseia numa imagem de um Estado potencialmente rico e promissor, cuja repetição ao longo de vários meses cria um ambiente discursivo de unidade dos capixabas em torno da riqueza e do progresso que a exploração do petróleo na camada pré-sal podem trazer ao ES.

Acreditamos que esse discurso sobre o petróleo coloca em circulação novos referenciais para as práticas identitárias, na medida em que insere o Espírito Santo numa relação de igualdade com os outros estados. Assim, não é na diferenciação, pela exaltação das diferenças, que o ES se reconstitui, mas sim por meio de uma relação afirmada de igualdade proporcionada pelo pré-sal.

Esse discurso de riqueza é dotado de grande força convocatória para uma redefinição identitária, que se opõe aos valores de “estado subalterno” que marcaram a história da constituição do Estado. Nesse sentido, podemos pensar que se trata de um discurso performativo no sentido que Bourdieu (2000) dá aos discursos regionalistas, pois impõe como legítima uma nova cartografia simbólica pela qual o Espírito Santo passa a integrar de direito a região sudeste, compartilhando do mesmo nível de desenvolvimento dos estados centrais do Brasil, distanciando-se dos “ares de província” que lhe reserva o país. Para Bourdieu, se a região não existisse como espaço estigmatizado, não teria que reivindicar a existência:

[...] e porque existe como unidade negativamente definida pela dominação simbólica e econômica que alguns dos que nela [região] participam podem ser levados a lutar [...] para alterarem a sua definição, para inverterem o sentido das características estigmatizadas, e que a revolta contra a dominação em todos os seus aspectos – até mesmo econômicos – assume a forma da reivindicação regionalista (2000, p. 126-127).

A importância da exploração do pré-sal no ES está intimamente ligada à recorrência do discurso sobre ele. É o tom otimista e convicto desses textos de *A Gazeta* que legitimam essa representação positiva da exploração do pré-sal e do Estado. Ao levarmos em conta a sistematicidade do discurso do pré-sal veiculado em *A Gazeta*, percebemos que o jornal entra nesse debate, assumindo uma posição de defesa contundente a favor do Estado. *A Gazeta*, assim, ganha diante da população capixaba um *status* de porta-voz, num contexto de grande intimidade com as questões do Estado. Logo, como a história de constituição do jornal está intimamente ligada à história de constituição do Espírito Santo, *A Gazeta*, ao defender o Estado, defende, também, o seu próprio papel nessa história.

Nas análises propostas dos anos de 2008 e 2009, notamos que *A Gazeta* tematiza a exploração do petróleo no Estado, sobretudo a partir do pré-sal, apresentando a repercussão dessa exploração para o desenvolvimento do Estado. Os discursos

veiculados nesse período, repetidos de forma sistemática, passam a funcionar como um discurso fundador na medida em que propõem uma ruptura com os sentidos já instalados e que relacionavam o ES a um estado menor, sem grande representatividade, o Estado se mostra, agora, forte o suficiente para lutar contra as perdas dos *royalties*, inclusive se associando a outros estados. Podemos pensar, também, esse discurso fundador como aquele da campanha “O petróleo é nosso¹⁴”, na década de cinquenta, que defendia a nacionalização do petróleo, numa clara oposição à exploração estrangeira dessa riqueza. Assim, o discurso do pré-sal reativa essa memória discursiva que relaciona o petróleo ao progresso do país. A *Gazeta* ao veicular esse discurso parece convocar os capixabas a remodelarem seus valores identitários de incerteza que marcaram a história da constituição do Estado.

Esse discurso, ao enunciar uma descoberta histórica de petróleo no ES, ao mostrar a capacidade de articulação do governo capixaba na defesa do pré-sal, ao reforçar as potencialidades do Estado em textos cuja escolha do vocabulário, dos conectivos, das variações, das citações, das metáforas, do tom etc. não parece ser aleatória, cria uma imagem positiva do Estado, uma representação de riqueza, através das percepções, apreciações, ações e valores que veicula. Essa representação é colocada em circulação para mobilização do governo, da população e da opinião pública em torno de um (renovado) sentido de grupo, de unidade e identidade (reconstrução identitária).

Tínhamos visto que, antes da descoberta do pré-sal, os discursos de *A Gazeta* sobre a exploração do petróleo no Estado mostravam diferenças internas na distribuição das “riquezas” do petróleo: cidades e micro-regiões do Estado eram contrastadas, num discurso ambivalente de riqueza e atraso, com tom reivindicatório e fiscalizador com relação ao governo. Mas, após a descoberta do pré-sal em 2008 e ao longo de 2009, os impasses encontrados em cidades do interior, associados à distribuição irregular dos *royalties*, como visto no primeiro bloco das análises de 2008, parecem ser esquecidos em nome de uma valorização do Estado como um todo, que luta em torno de um bem comum, dentro de um contexto possível de

¹⁴ Uma reflexão sobre essa campanha e sobre o discurso panfletário pode ser encontrada em ABREU PENNA (2003).

enriquecimento, associando-se, inclusive, a outros estados cujo objetivo na “luta” é compartilhado, como mostrado em 31 de março de 2010 em reportagem de capa: *Verba do petróleo: Espírito Santo e Rio contra-atacam*. Nesse sentido, Penna (1992) afirma que:

Em se tratando de grupos que mantêm uma ação conjunta [...] é essencial não esquecer que as representações de identidade cumprem funções organizacionais no grupo: demarcam seus limites (*nós/eles*), estabelecem uma “comunhão” por sobre possíveis elementos de ruptura, criando simbolicamente uma unidade em torno de interesses (materiais e/ou simbólicos) ou mesmo de um projeto comum (p. 157, grifos do autor).

É curioso que três anos depois da descoberta do pré-sal, com a não definição pelo Congresso Nacional sobre partilha de *royalties* do pré-sal, uma série de reportagens publicadas este ano em *A Gazeta* reassume a ambivalência dos discursos de antes do pré-sal. Textos publicados em reportagem especial de 15 de maio de 2011 com títulos como *O outro lado do Espírito Santo; Um Estado, várias realidades, Retratos do Espírito Santo, Várias faces de um Estado*¹⁵, bem como as duas outras reportagens publicadas respectivamente nos dias 22¹⁶ e 29¹⁷ de maio que juntas constituíram a série “Retratos do Espírito Santo”, distanciam-se de um sentido homogêneo para o Estado e reafirmam as disparidades existentes entre localidades, grupos etc. A imagem de riqueza como único elemento de identificação, veiculada no discurso do pré-sal, é desfeita, e com ela o sentido de grupo se desfaz, pois não se nota mais a certeza de um bem comum que beneficiaria a todos da mesma forma. É nesse sentido, pois, que os discursos de *A Gazeta* em 2011 deixam de fixar uma imagem única de riqueza para o Estado e voltam a veicular representações e retratos ambivalentes.

Novamente as cidades do interior são retomadas por *A Gazeta*, nos mesmos moldes das discussões pré-advento do pré-sal. Esse fato parece indicar que, diante da falta de uma decisão definitiva sobre os *royalties* do petróleo que beneficie em maior grau os estados produtores, perdem força os discursos mais otimistas, dando lugar às constatações das várias faces do Estado e às reivindicações locais. Nesse sentido,

¹⁵ FERNANDES, Vilmar. O outro lado do Espírito Santo. Reportagem especial. **A Gazeta**. Vitória, p. 12-13, 15 maio 2011.

¹⁶ FILHO, Abdo. A cidade de Luiz tem futuro. A de Helder nem tanto. **A Gazeta**. Vitória, p. 22-23, 22 de maio 2011.

¹⁷ VOGAS, Vitor. Progresso? Eles não conhecem, nunca viram. **A Gazeta**. Vitória, p. 24-25, 29 de maio 2011.

parece que o momento discursivo do pré-sal era como uma "bolha" discursiva, ainda sem muito respaldo na realidade das leis e das possibilidades financeiras.

Mas a luta discursiva empreendida por *A Gazeta* parece ter caráter emblemático na medida em que nesse processo ela passa a ostentar o papel de interventora, de reivindicadora e de fiadora de uma mudança regional que depende, no entanto, de aprovações de leis federais que insistem em desconsiderar o Estado, fato ligado a uma história de exclusão e de isolamento que não é recente. Na mesma data de publicação da recente reportagem *O outro lado do Espírito Santo*, *A Gazeta* veicula outra reportagem, intitulada *Com três pedras no caminho, Estado perde verba e empregos*¹⁸, em que autoridades políticas capixabas comentam o caráter desigual com que os estados são tratados pelo governo federal. Os subtítulos *Por que a União não nos respeita?* e *Veja as ameaças ao futuro do Espírito Santo* mostram que no plano nacional o repasse de recursos federais ao Estado ainda está longe de ser equiparado a outros estados.

Se considerarmos que as representações identitárias existem numa relação com a alteridade, é objeto de reconhecimento pelo outro, esse texto de *A Gazeta* parece indicar que o futuro promissor do Espírito Santo ainda depende da maneira como a União e os outros estados o percebem e o inserem no contexto nacional. Mas se, como afirma Bourdieu, os defensores da identidade subalterna aceitam tácita ou explicitamente os princípios de identificação de que sua identidade é produto, os discursos de *A Gazeta* e o papel que o jornal vem tendo nesse recente embate sobre o petróleo parecem mostrar que o Estado pode não mais aceitar as condições e representações que lhe são atribuídas. Nessa perspectiva, toda a discussão do pré-sal e o sentido de riqueza que ela promete ao Estado podem significar um vetor real para a mudança no modo como o Estado e o capixaba se posicionam.

As análises feitas ao longo de 2008, 2009 e as referências a 2010 e 2011 nos mostram, por fim, que as representações sociais e as identidades a ela atribuídas estão sujeitas a embates e a mudanças, isto é, podem ser disputadas e remodeladas. Nesse sentido, acreditamos que o discurso jornalístico de *A Gazeta*

¹⁸ BRIDI, Rita. Com três pedras no caminho, Estado perde verba e empregos. *A Gazeta*. Vitória, p. 19, 15 maio 2011.

mobilizou recursos variados capazes de ativar processos de identificação, valorização e de reconhecimento. Em alguns momentos, deu estabilidade a uma imagem forte do Estado, capaz de funcionar como um emblema para a identificação do capixaba com uma terra de desenvolvimento; em outros mostrou um Estado frágil interna e externamente, que tende a reforçar os valores ambíguos com os quais o capixaba se identifica. Assim, mostramos como o discurso de *A Gazeta* (re)constrói constantemente um Espírito Santo de valores, crenças e atitudes, aspectos, que funcionam como marcas de uma região, de um estado, de uma população. Logo, na medida em que *A Gazeta* veicula discursos sobre o ES, ela também desempenha um papel fundamental na perpetuação e transformação da história de constituição deste Estado.

8 REFERÊNCIAS

ABREU PENNA, Lincoln. Os panfletários da República: a campanha do petróleo na imprensa nacionalista. **ALCEU**, Rio de Janeiro, v. 4, nº7, p.83-98, jul/dez: 2003

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 1999

BARBALHO, Alexandre. Estado, mídia e identidade: políticas de cultura no Nordeste contemporâneo. In: **ALCEU, Revista de Comunicação, Cultura e Política**. V.4, n.8- p. 156 a 167 – jan./jun. Rio de Janeiro: PUC, 2004

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005

_____. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004

_____. **Comunidade** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003

_____. **Modernidade Líquida** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

_____. **O mal-estar da pós-modernidade** Rio de Janeiro: Jorge Zahar 1998

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000

BRIDI, Rita. Com três pedras no caminho, Estado perde verba e empregos. **A Gazeta**. Vitória, Caderno de Economia, p. 19, 15 maio 2011

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006

CORACINI, Maria Jose. **A Celebração do outro**: arquivo, memória e identidade. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007

COSTA, Sérgio. Diferença e identidade: a crítica pós-estruturalista. In: VIEIRA Liszt. (org.) **Identidade e Globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2009

FERNANDES, Vilmar. O outro lado do Espírito Santo. Reportagem especial. **A Gazeta**. Vitória, p. 12-13, 15 maio 2011.

FILHO, Abdo. A cidade de Luiz tem futuro. A de Helder nem tanto. **A Gazeta**. Vitória, p. 22-23, 22 de maio 2011

FINA, Anna de. Narrativa e Identidade: Uma perspectiva discursiva do relato e do sujeito. In: ALMEIDA, F.A de; GONÇALVES, J.C. (orgs.). **Interação, contexto e identidades em práticas sociais**. Niterói: EdUFF, 2009

FRANKLIN LEAL, João Eurípedes. História do Espírito Santo: uma reflexão, um caminho. In: OLIVEIRA, José Teixeira de. **História do Estado do Espírito Santo**. Vitória: Arquivo Público do Espírito Santo: Secretaria de Estado da Cultura, 2008

FRIDMAN, Luis Carlos. **Vertigens pós-modernas**. Configurações institucionais contemporâneas. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP., 1991

GUMPERZ, John. **Discourse Strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982a

_____. **Language and Social Identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982b

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

_____. **Identités et cultures: Politiques des cultural studies**. Paris: Éditions Amsterdam, 2007

KLEIMAN, Angela B. A construção de identidades em sala de aula: um enfoque interacional. In: SIGNORINI, Inês. (org.). **Língua(gem) e Identidade**. Campinas, SP: Mercados das Letras, 2006

LINDENBERG, Letícia. A gazeta. In: BRITTES, Juçara (org.). **Impressa capixaba: Aspectos históricos da Imprensa Capixaba**. Vitória, ES: EDUFES, 2010

MAINGUENEAU, Dominique A propósito do *ethos*. In: MOTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (orgs.) **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008a

_____. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b

_____. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Campinas: Pontes/Ed. Unicamp, 1997

_____. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2005a

_____. **Gênese dos Discursos**. Curitiba: Criar Edições, 2005b

_____. **Elementos da Linguística para o texto literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996

MATTEDI, José Carlos. A imprensa capixaba no século XIX. In: BRITTES, Juçara Gorski (org.). **Impressa capixaba: Aspectos históricos da Imprensa Capixaba**. Vitória, ES: EDUFES, 2010

MERCER, Kobena. Welcome to the jungle. In: RUTHERFORD, J. (org.). **Identity**. Londres: Lawrence and Wishart, 1990

MOITA LOPES, Luis Paulo da. Socioconstrucionismo: discurso e identidades sociais. In: _____.(org.) **Discursos de identidade**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003

_____. Discursos de identidade em sala de aula de leitura de L1: A construção da diferença. In: SIGNORINI, Inês. (org.). **Língua(gem) e Identidade**. Campinas, SP: Mercados das Letras, 2006

MORAES, Augusto Drumond. **Comunicação, Discurso e Identidade**: a construção da identidade capixaba nos jornais A Gazeta e A Tribuna. 2004. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Escola de Comunicação, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004

MUSSALIN, Fernanda. Uma abordagem discursiva sobre as relações entre *ethos* e estilo. In. MOTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (orgs.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008^a

OLIVEIRA, José Teixeira de. **História do Estado do Espírito Santo**. Vitória: Arquivo Público do Espírito Santo: Secretaria de Estado da Cultura, 2008

ORLANDI, Eni Puccinelli. **O Discurso Fundador**: a formação de um país e a construção da identidade nacional. Campinas: Pontes, 1993

PENNA, Maura. **O Que Faz Ser Nordeste**: identidades sociais, interesses e o "escândalo" Erundina. São Paulo: Cortez, 1992

_____. **Identidade Social, Linguagem e Discurso**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFPE. Universidade Federal de Pernambuco. Pernambuco: Brasil, 1997

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, Inês. (org.). **Língua(gem) e Identidade**. Campinas, SP: Mercados das Letras, 2006

_____. **Por uma Lingüística Crítica**: Linguagem, Identidade e a Questão Ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003

SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. L. (Orgs.). *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1996.

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO DO ESPÍRITO SANTO. **Petróleo e gás natural**. Disponível em <http://www.es.gov.br/site/espírito_santo/petroleo_gas.aspx>. Acesso em: 29 agosto 2010

SOPRANI, Joel. História de A Tribuna. In: BRITTES, Juçara (org.). **Imprensa capixaba**: Aspectos históricos da Imprensa Capixaba. Vitória, ES: EDUFES, 2010

SOUZA, Danielle Andrade. **Eu sou brasileiro e não desisto nunca**”: *ethos* e política de identidade no discurso. Trabalho apresentado ao NP de Publicidade e Propaganda, do VII do Encontro de Núcleos de Pesquisa da Intercom 2007. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0571-1.pdf>>Acesso em: 23 ago. 2010

TRUDGILL. Peter. **Sociolinguistics**: an introduction to *Language and Society*. Penguin Books Ltd. 1984

VIEIRA, Liszt. Morrer pela pátria? Notas sobre identidade nacional e globalização. In:_____. (org.). **Identidade e globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2009

VOGAS, Vitor. Progresso? Eles não conhecem, nunca viram. **A Gazeta**. Vitória, p. 24-25, 29 de maio 2011

ANEXOS

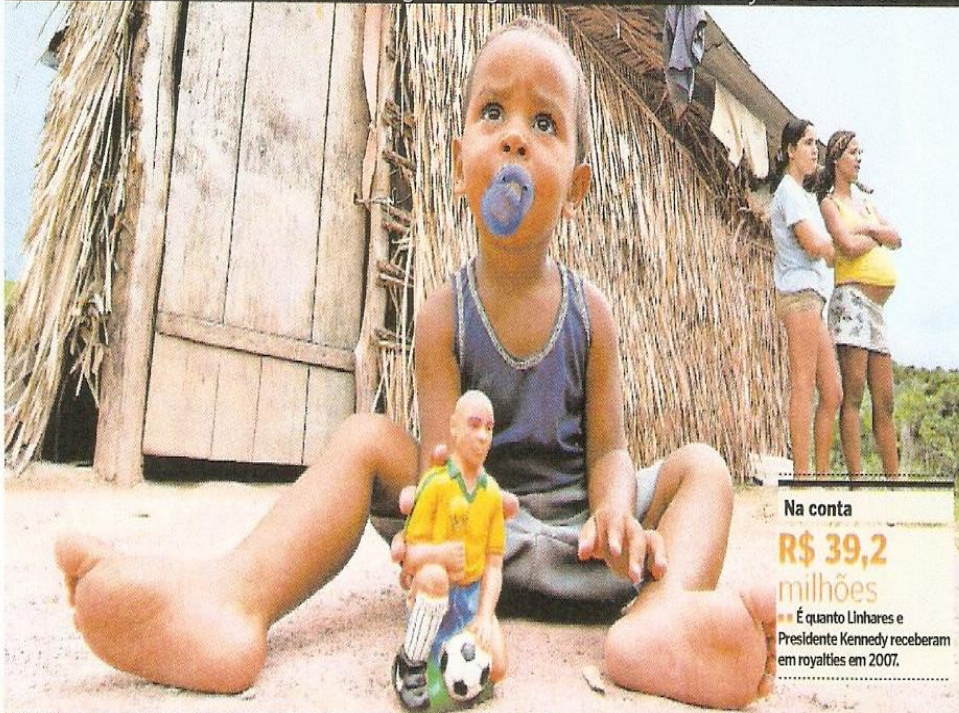
empregos AG

Carreira
10 mitos
profissionais

A GAZETA **80** anos

Caixa cheio. Riqueza do ouro negro chega a Presidente Kennedy e a Linhares

GABRIEL LORDÉLLO



Na conta

R\$ 39,2
milhões

É quanto Linhares e Presidente Kennedy receberam em royalties em 2007.

SEM ASSISTÊNCIA. Na casa do menino Joaquim, morador da comunidade de São Paulinho, em Presidente Kennedy, a parede é de palha e não há vaso sanitário

Onde está (e não está) o dinheiro do petróleo

Como municípios campeões em repasses aplicam os royalties. Cidades onde convivem a pobreza extrema, a fartura oficial e o investimento em transporte e educação. PÁGS. 16 A 19

Deportada

FOLHA IMAGEM



A capixaba chegou a São Paulo ontem pela manhã

Andréia Schwartz:
“Vou contar toda a verdade”

A capixaba Andréia Schwartz, que ajudou nas investigações que culminaram com a renúncia do governador de Nova York, Eliot Spitzer, desembarcou ontem em Guarulhos, São Paulo. Ela deu apenas uma declaração: “Vou esclarecer toda a verdade. Vou mostrar. Vou provar. Eu amo todos vocês”. Até às 21 h, ela não havia chegado a Vitória. PÁG. 10

Entrevista
50% off pode?
E delivery?*

O gramático Evanildo Bechara diz que os estrangeirismos enriquecem a língua. PÁG. 16

Ouro negro - Linhares

PARA ONDE VAI (E NÃO VAI)

Como Linhares e Presidente Kennedy, cidades muito beneficiadas pela

DENISE ZANDONADI
dzandonadi@redgazeta.com.br

■ Décadas atrás, Linhares era conhecida por ser uma terra de coronéis, com domos de terras dominadas pelo cacau e pelo gado, onde as decisões eram tomadas conforme as leis locais. Passados alguns anos, descobertos poços de petróleo e de gás em seu litoral e com o território cortado por uma rodovia que liga o extremo Sul ao Nordeste do país, a história da cidade é outra.

O cacau ajudou o crescimento — apesar da crise provocada pela disseminação da doença nas lavouras —, assim como a fruticultura, a cafeicultura e a indústria moveleira. Mas o que está mudando a cara do município, sem dívida, é o petróleo. Não o produto em si, mas os royalties, benefícios pagos pelas empresas que exploram o óleo e o gás. Elas pagam um percentual à União, aos Estados e aos municípios de onde retiram a riqueza mineral da terra ou do mar.

Linhares hoje é o município que mais recebe royalties no Espírito Santo: foram R\$ 24,4 milhões em 2007 e, pelo valor pago em fevereiro deste ano — R\$ 3,6 milhões —, pode-se prever que, em 2008, o valor poderá ultrapassar R\$ 40 milhões. O que está sendo feito com todo esse dinheiro é o que se perguntam os moradores da cidade.

Dois cidades, Linhares, no Norte, e Presidente Kennedy, no Sul, entre as que mais recebem o dinheiro do petróleo no Estado, exemplificam bem para onde vai e para onde não vai o dinheiro do petróleo. Aleié clara: ele não pode custear pessoal nem festas populares. Serve apenas para investimentos em projetos de relevância social.

MÃOS À OBRA

Começamos por Linhares. Como está acontecendo na maior parte das cidades brasileiras afinal, é preciso dizer, estamos em ano eleitoral —, a cidade se transformou em um canteiro de obras. E são intervenções feitas, em grande parte, com recursos dos royalties, como explica o prefeito José Carlos Elias, candidato à reeleição.

Despoluição de várias das 60 lagoas do município, drenagem, calçamento e asfaltamento de ruas em diversos bairros, como BNI e Interlagos. Finalização das obras da universidade pública (mantida pela prefeitura e que terá oito cursos de graduação e quatro de pós-graduação neste ano), asfaltamento de 70% das estradas vicinais, além de investimentos na área de saúde.

No todo ou em parte, essas obras foram viabilizadas com o dinheiro gerado a partir da produção de petróleo. Considerando-se que o pico de produção está longe de ser atingido — há blocos no mar onde não foram feitas, ainda, pesquisas iniciais para exploração —, pode-se prever que o volume de royalties será bem maior nos próximos anos.

O royalty permitiu, por exemplo, que a prefeitura iniciasse a despoluição da Lagoa do Meio, que fica bem próxima à cidade. "Serão 8 km de pista para caminhadas. Estamos fazendo todo o processo de drenagem e tratamento do esgoto ao redor da lagoa. Parte do investimento foi feito com os royalties", explica o prefeito José Carlos Elias.

Ele admite que o uso dos royalties em obras de infraestrutura garante à prefeitura a possibilidade de gastar até 30% do orçamento com saúde em lugar de aplicar somente 15%, como prevê a legislação.

■ MAIS CIDADES

No próximo domingo, saiba o que foi feito dos royalties em mais duas cidades no Norte.



EM MÃOS À TOA. Com as mãos sujas de petróleo, o prefeito de Linhares, José Carlos Elias, comemora a ampliação da receita financeira do município por conta dos royalties

FOTOS: GILDO LOVOLA

Perfil

Veja números dos dois municípios

Linhares	Royalties recebidos
2008	R\$ 19.249.745,32
2007	R\$ 20.796.032,56
2007	R\$ 24.406.239,06

A Gazeta - Ed. de Ariz - Gilvito

IDHM* - 0,757

0,852 Índice de educação do IDHM em 2000

68,12 Esperança de vida ao nascer em 2000

124.564 População residente em 2007

3.506 Área em Km²

86,52% Taxa de alfabetização da população de 15 anos e mais em 2000

11.941 (R\$ 1.000) PIB per capita em 2005

3,07% Participação no PIB Estadual

*IDHM - Índice de Desenvolvimento Humano - soma de educação, saúde e renda em uma única escala, variando de zero a dez.



RECORRER. Aeroporto foi concluído e recebe até 22 voos por mês



MÃO DE RECURSOS. Depois do petróleo, faculdade municipal e asfaltamento de 70% das estradas

Ensino superior é mantido pelo município

60% das vagas são destinadas a alunos que comprovaram ter cursado ensino médio em escola pública

■ Com amplas salas, auditório com 300 lugares e laboratórios equipados aguardando apenas os alunos chegarem, a Faculdade Integrada de Ensino Superior de Linhares (Faciel) era uma instituição de ensino particular, mas foi comprada pela prefeitura para oferecer formação superior à população de renda baixa.

Também nessa instituição de ensino foram investidos parte dos royalties do petróleo, garantido pelo prefeito José Carlos Elias. Dois cursos já vinham sendo oferecidos e, a partir de abril, entram na grade da Faciel outros seis cursos de graduação e quatro de pós-graduação.

Elias admite que a faculdade municipal enfrenta problemas

para se consolidar, mas acredita que eles serão resolvidos a partir da visita de técnicos e auditores do Ministério da Educação que chegam a Linhares nos próximos dias.

Além da Faciel, o Centro Federal de Ensino Tecnológico (Cefetes) e os cursos oferecidos a distância já permitiram formação e qualificação de 8 mil pessoas em Linhares. Tudo possível graças ao reforço dos royalties, explica Elias.

Das vagas da Faciel, 60% foram reservadas para alunos que comprovaram ter cursado ensino médio em escola pública. Na última seleção (que está sub júdice), 11.508 inscritos concorreram a 600 vagas.

Segundo o Ministério Público, a prefeitura teria utilizado parte da verba que deveria ser ir para os ensinos infantil e fundamental para custear despesas da Fundação Faciel. A assessoria jurídica da prefeitura nega.

MAIS TRANSPARÊNCIA E VISÃO DE FUTURO

Contexto

■ Como acontece na maioria dos municípios que recebe royalties pela produção de petróleo, em Linhares a população também não controla a entrada de recursos e a aplicação do dinheiro. Os repasses, feitos pela Agência Nacional do Petróleo (ANP), acabam indo parar no caixa único das prefeituras e se misturam ao dinheiro recolhido com impostos, taxas e repasses estaduais e federais.

Questionado sobre a possibilidade de criar um conselho municipal para acompanhar a aplicação dos royalties, o prefeito da cidade, José Carlos Elias, explicou que pode ser importante, mas como já existe uma legislação que diz onde não pode ser usado o dinheiro, a administração pode decidir onde deve aplicá-lo.

A lei que regula a divisão dos royalties não diz como ele deve ser usado pelos municí-

pios, mas, como ressaltou Elias, diz que não deve ser usado: os prefeitos não podem pagar os funcionários com o repasse feito pela ANP, nem despesas correntes. Todos os outros gastos, seja com saúde, educação, estradas, saneamento básico, creches, enfim, todos os outros, podem receber investimentos com recursos provenientes do petróleo.

A discussão sobre o uso vem sendo ampliada em função do trabalho do Ministério Público Estadual, que está promovendo audiências públicas nos municípios. O debate é necessário porque o petróleo é uma riqueza mineral finita e o que é feito com o royalty deve refletir a preocupação com o futuro, acreditam os procuradores e promotores públicos. Alguns municípios já formaram conselhos municipais que acompanham a aplicação dos royalties e as obras realizadas com eles.

Trabalho da Petrobras movimentado aeroporto

■ Os investimentos que estão sendo feitos pela Petrobras na região de Linhares, principalmente nas Unidades de Tratamento de Gás de Cacimbas, estão gerando outros negócios na cidade. Esse crescimento levou à conclusão das obras do Aeroporto Antônio Edson Azevedo Lima, que hoje já recebe de 20 a 22 voos por mês.

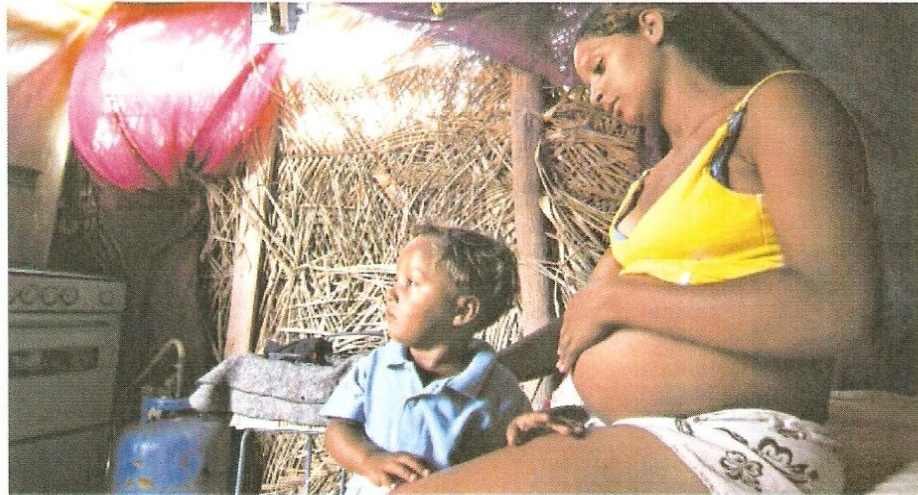
Com a aprovação do Departamento de Aviação Civil (DAC), o Aeroporto de Linhares deverá receber voos regulares da Trip Linhas Aéreas vindos do Rio de Janeiro e passando por Macacé. "Apesar de a Petrobras ter uma sede em São Mateus, o pessoal que embarca para as plataformas utiliza o nosso aeroporto", explica o prefeito José Carlos Elias.

Não é só o setor petrolífero que energeza as oportunidades no município. O segmento de distribuição também pretende fazer de Linhares uma cidade-chave para a distribuição visando ao mercado do Nordeste.

O DINHEIRO DO PETRÓLEO

exploração de óleo e gás no Estado, estão gastando seus royalties

FOTOS: GABRIEL LORDELLO



À ESPERA DE MAIS UM Andréia Alves, 18, moradora da comunidade de São Paulinho, mora em um barraco de madeira e palha. Não há banheiro, nem vaso sanitário

Moradores querem mais investimentos

■ Há três anos, a reportagem de A GAZETA esteve na casa de Ceni Raimundo, hoje com 49 anos. Ela morava num barraco sob um barranco que ameaçava desmoronar, na localidade de São Paulinho, a 11 quilômetros da sede de Presidente Kennedy. Hoje, a donad e casa diz que a vida melhorou porque ganhou uma residência de dois quartos, sala, cozinha e banheiro num local seguro, longe do risco de enchentes. Mas ela se queixa de que as ruas não têm calçamento e que faltam praça e posto de saúde. Neide dos Santos Henrique, 28 anos, mora próximo à casa de Ceni, mas num barraco de chão batido e lona, coberto por telha de amianto. Ela divide o único cômodo, sem banheiro, com os filhos pequenos. Quando chove, Neide tem que se abrigar na casa de vizinhos. "Há dois anos espero minha casa. Fiz o cadastro no Bolsa Família, mas não saiu".

Presidente Kennedy	
Royalties recebidos	
2005	R\$ 8.644.694,89
2006	R\$ 8.063.950,58
2007	R\$ 14.803.455,00

Mas segundo informação da própria prefeitura, esse montante é ainda maior, considerando as reservas especiais. Chegou a R\$ 43.774.207,00 em três anos

População
2007 - 10.307 (maioria mora na zona rural)
Área territorial
587 km²

O IDHM de Presidente Kennedy é 0,674, um dos mais baixos do Estado
Perde apenas para
■ Pedro Canário (0,673),
■ Fancas (0,667) e
■ Água Doce (0,659)

Um ano depois não contém mais o conteúdo do número de famílias que recebe os royalties

PIB Municipal
Em 2005, PK tinha o quarto PIB per capita do Estado (R\$ 29.623,00).
Perde apenas para
■ Aracruz, Vitória e Anchieta (O maior PIB per capita com R\$ 62.196)

Prefeitura gasta quase R\$ 1 milhão em festas

Cifra se refere aos shows nacionais e eventos contratados pelo município somente neste ano



TERMINIAS. Francisco Vicente, 104, e a esposa, Maria Paz, dizem que a localidade de Jaquelra passa por uma transformação; a região é também palco de festas

Dinheiro enche cofres públicos, mas não chega à população carente

Em Presidente Kennedy, contraste entre a fartura dos royalties e a pobreza extrema de moradores

ROSÂNGELA VENTURI
rosventur@gmail.com.br
PRESIDENTE KENNEDY

- Neide dos Santos Henrique tem 28 anos, dois filhos, é separada e está desempregada. Sua vizinha Andréia Alves Pedro, casada, grávida de oito meses, aos 18 anos já é mãe de um menino de dois. Maura Peixoto, 52 anos, divide com os cinco filhos um barraco de dois cômodos. Essas três mulheres, moradoras de Presidente Kennedy, têm em comum uma rotina de privações, em que falta até banheiro com água encanada e vaso sanitário.
- As três nasceram e vivem no município que no ano passado recebeu, segundo informação da própria prefeitura, R\$ 19 milhões em royalties do petróleo. Neide, Andréia e Maura não sabem o que são royalties, mas já ouviram dizer quem Kennedy

"corre muito dinheiro". Tanto dinheiro - cerca de R\$ 43,7 milhões somente nos últimos três anos - tem ajudado a melhorar as estradas, o atendimento na saúde e o funcionamento das escolas. Mas ainda não conseguiu reverter o quadro de pobreza extrema em que vivem muitas famílias. Tampouco minimizou a falta de infraestrutura em localidades como São Paulinho - onde Andréia e Neide moram em barracos de lona - e no Bairro das Flores, onde Maura reside num casbre de chão batido, sem água e luz.

A descoberta de petróleo nos mares de Presidente Kennedy criou uma expectativa de progresso e de fim do ciclo de estagnação econômica. Até há cerca de oito anos a principal fonte de receita era a pecuária de leite e corte e as lavouras de abacaxi e mandioca. Mas a prosperidade ainda não chegou para boa parte dos cidadãos kennedenses. A exceção parece ser a localidade de Jaquelra, onde há a construção de casas populares e praças.

CONDUTA
O promotor Ronald Gomes Lopes diz que a legislação referente à aplicação dos royalties não define como esse dinheiro deve ser gasto no caso dos municípios produtores de petróleo, situação de Presidente Kennedy. Para assegurar que os recursos tenham destinação social, o Ministério Público tem proposto a assinatura de Termos de Ajustamento de Conduta (TACs). "Queremos priorizar a

Na sede do município, obras em ritmo lento

■ Na sede de Presidente Kennedy, a paisagem não difere muito da que se via há três anos. Muitas ruas sem pavimentação. Mas há também obras em andamento. Ao lado do fórum está sendo construído um amplo centro de lazer. O valor da obra, informado na

vinculação dos recursos com a finalidade social", frisa o promotor. E acrescenta que o compromisso firmado pela prefeitura se estende à gestão posterior. No ano passado foram firmados cinco TACs. Elas tornaram viável a construção de escolas e creches na sede e no interior, a estruturação do Conselho Tutelar, a criação do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, além do funcionamento do Conselho do Idoso.

placa, é de R\$ 300 mil. Na avenida principal chama a atenção uma praçinha com play ground e muito verde. A praça próxima à rodoviária ganhou paisagismo. A poucos metros do Centro fica o Bairro das Flores, um dos locais mais carentes da cidade. A maioria dos antigos barracos foi substituída por casas de cinco cômodos, pintadas de verde. Mas as ruas continuam sem calçamento. Não há praças. E ainda existem barracos.

E o futuro?

“Os recursos dos royalties são limitados. Gestores deveriam priorizar projetos que garantam a auto-sustentabilidade do município”

RONALD GOMES LOPES
PROMOTOR

“Quereria muito poder ter uma casinha nova, uma vida melhor”

MAURA PEIXOTO
DONA DE CASA, 52 ANOS. VIVE COM OS CINCO FILHOS EM UM BARRACO SEM BANHEIRO NA SEDE DE PRESIDENTE KENNEDY

Festança

R\$ 987 mil

■ É quanto a prefeitura de Presidente Kennedy gastou, este ano, com festas e eventos.

■ As festas de presidente Kennedy são as mais badaladas da região. Duplas sertanejas famosas marcam presença constante na cidade, assim como outros artistas conhecidos.

No animado calendário de eventos do município, as festas de Jaquelra e da sede, respectivamente em março e abril, são as mais concorridas.

Pelos palcos de Presidente Kennedy já passaram, nos últimos três anos, ninguém menos que Zezé di Camargo e Luciano, Bruno e Marrone, Bonde do Forró, Atáide e Alexandre, Zé Ramalho e Calipso.

No começo de abril próximo, para comemorar o 45º aniversário de emancipação política, as atrações anunciadas são a dupla César Menotti e Fabiano e o grupo Babado Novo, ainda com a presença da estonteante Cláudia Leite, porque o contrato foi firmado quando a cantora ainda era a vocalista.

MONTANTE

Levantamento feito junto a contratantes de shows aponta que os gastos com o cachê de todos esses artistas pode chegar R\$ 1,1 milhão. Esse valor daria para construir 52 casas populares, com banheiro.

Para se ter uma idéia, o show da Banda Calipso que animou a última festa de Jaquelra, está na faixa de R\$ 100 mil. A contratação de shows de César Menotti e Fabiano custa R\$ 120 mil, e do Babado Novo, cerca de R\$ 250 mil.

Somente neste ano a prefeitura já gastou com festas e eventos, R\$ 987 mil. A informação é do próprio prefeito, Aluízio Corrêa, por meio de sua assessoria.

A vocação festeira da atual administração chamou a atenção do promotor Ronald Gomes Lopes. Ele não revela detalhes, mas afirma que há um inquérito civil em andamento para apurar a fonte de recursos e os gastos com esse tipo de evento.



Ouro negro - Aracruz

TRANSPARÊNCIA NO USO DO DINHEIRO DO PETRÓLEO

Em Aracruz, conselho municipal e conta específica para depositar royalties

DENISE ZANDONADI
@denisezandonadi@redgazeta.com.br

■ O petróleo - e o dinheiro resultante de sua exploração - estão mudando a cidade de Aracruz, no Norte do Estado, de maneira ínglve. Índices como esperança de vida ao nascer vêm crescendo ano a ano, assim como o volume de royalties recebidos, que em 2007 chegou à quantia de R\$ 20 milhões. Esse volume, que já refletiu um avanço de mais de 50% em relação ao que foi pago em 2006, deve crescer ainda mais este ano, em função do aumento na produção de óleo.

Para que esse dinheiro não se perdesse no buraco negro do caixa único, a administração de Aracruz decidiu, na contramão do que é feito pela maioria dos municípios beneficiados com a exploração do petróleo, criar uma conta especial para depositar os recursos dos royalties.

Outra medida tomada para garantir a transparência na administração do dinheiro foi a criação, no final do ano passado, de um conselho municipal, com representação dos vereadores e outras entidades civis para acompanhar a definição das prioridades, aplicação do dinheiro e as obras realizadas.

Para 2008, o planejamento estratégico de Aracruz prevê crescimento de mais de 80% no volume de royalties, totalizando R\$ 37 milhões. "Percebemos que o mais importante é o município crescer de forma ordenada, com infra-estrutura e sempre focado na formação e qualificação profissional", explicou o prefeito Ademar Deves.

Esta definição em relação ao uso do dinheiro do petróleo, segundo ele, foi feita exatamente porque os recursos mineralísticos finitos e o município precisa aplicar o dinheiro para preparar a cidade para o futuro, "não só para daqui a cinco anos, mas para daqui a 20, 30 anos".

MORADIA
Essa preocupação levou a administração a aplicar recursos em saneamento básico, drenagem, bloco de loteamentos clandestinos e construção de casas para famílias que moram em áreas de risco. De 2005 até agora, foram construídas 500 casas como a residência da família de Nilcele Savacine dos Reis, com suas filhas Geniele, Adriana e Gabriele, no conjunto habitacional Nova Conquista.

A preocupação da administração municipal, segundo Deves, não é só com os núcleos urbanos ou litoral. "Nosso município tem também uma área rural significativa. Precisamos pensar em estruturar os serviços de saúde, educação, transporte escolar, enfim, as questões básicas para as pequenas comunidades e vilas", explica.

O planejamento do município trabalha com uma receita total prevista para este ano de R\$ 212 milhões, pouco mais de 18% que a receita realizada do ano passado, que foi de R\$ 179 milhões. Parte dos royalties de 2007 foi usada para a construção de uma creche e escola para ensino fundamental em Vila do Riacho e na implantação de uma unidade de saúde que funcionará 24 horas na comunidade de Jacupemba.

"É claro que os municípios que recebem royalties pela produção de petróleo estão com mais dinheiro em caixa que os outros", reconheceu Deves. "Para tentar corrigir essas desigualdades, o governo do Estado criou um fundo especial. A ideia é distribuir entre os municípios que menos recebem ICMS 30% dos royalties recebidos pelo Espírito Santo."

Evolução

R\$ 33.921
por pessoa

■ Foi o PIB per capita de Aracruz (2005), cuja participação no PIB estadual de 5,2%.

69,17%
esperança

■ Foi o índice de esperança de vida ao nascer apurado em 2000 na cidade.

Royalties

R\$ 6.335.329,83 2005

R\$ 13,5 milhões 2006

R\$ 20,9 milhões 2007

É quanto o município recebeu em repasses do dinheiro do petróleo nos últimos três anos.

Capital humano

0,772 2000

0,885 2000

O primeiro número se refere ao Índice de Desenvolvimento Humano do Município em 2000. O segundo, ao Índice de educação do IDH naquele mesmo ano.

73.358
habitantes

É a população de Aracruz contabilizada em 2007.

1.427
Km quadrados

É a área territorial da cidade.

MORADIA. A família de Nilcele Reis foi uma das beneficiadas com as casas populares construídas desde 2005 no município

Recurso é usado para construir casas

Morador que vivia em áreas de risco ganha moradia construída com aumento do repasse dos royalties

■ A maioria dos moradores do conjunto habitacional Nova Conquista, em Aracruz, morava em casas localizadas em áreas de risco, mas receberam novas moradias depois do aumento do repasse de royalties feito pela Agência Nacional do Petróleo (ANP). Esse acréscimo aconteceu a partir da produção do Petróleo, localizada no litoral do município.

Morando há um ano na nova casa, Eliane Carias, mãe de duas filhas, Caroline e Eduarda, disse que não tinha condições de adquirir um imóvel nem mesmo por meio de financiamento. "Onde eu morava antes, pagava aluguel de R\$ 100,00". Funcionária pública e chefe de família,



GILDO LOYOLA



MIRIANCA. Eliane, mãe de duas filhas, está há um ano morando na casa nova



OBRA. Prefeitura trabalha na melhoria da infra-estrutura do conjunto Nova Conquista

Município quer investir na formação de pessoal

A intenção é ter gente capacitada para ocupar vagas que devem surgir com novos investimentos

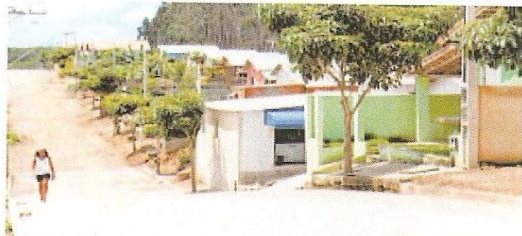
■ O desafio de administrar um município que recebe royalties pela produção de petróleo é também o de criar condições para que a cidade possa receber novos investimentos e outros moradores, acredita o prefeito de Aracruz, Ademar Deves.

O município tem, além dos campos marítimos, o Porto de Barra do Riacho, onde já funciona o porto da Aracruz Celulose (Portocel) e onde há projetos para outros terminais, como o de embarque de GLP da Petrobras. "Certamente estes investimentos demandarão mão-de-obra mais especializada e infra-estrutura na cidade. É isso que nos preocupa e por isso estamos investindo parte dos royalties em formação profissional", disse ele.

VOZ DO POVO

Assim como vem ocorrendo em outros municípios, Aracruz também já recebeu a atuação do Ministério Público Estadual, que discutiu com a população as prioridades da cidade para receber os investimentos com dinheiro do petróleo. Os dados informados pelo MPE mostram que também em Aracruz a população pede atenção para questões como estabelecimentos para tratamento de toxicodependentes, ampliação da casa de passagem e outras questões.

O objetivo do MPE é discutir com a comunidade e, no caso de haver necessidade, propor termos de ajuste de conduta ou mesmo ações civis públicas quando há necessidade, como explica o procurador Gilberto Morelli Lima, que coordena o trabalho nesta área no MPE.



NOVA CONQUISTA. No conjunto habitacional, prefeitura do município trabalha no calçamento de ruas

Eliane disse que o bairro melhorou muito depois que a rua foi calçada. "Aqui é seguro e tranquilo para as crianças". Sua vizinha mais próxima, Nilcele Savacine dos Reis, mora

com as filhas Adriana e Gabriele também há um ano no novo bairro. Ambas vieram de bairros caros e concordam que os recursos foram bem empregados tanto para a construção

das casas como para o calçamento das ruas e a melhoria das escolas do município. No novo conjunto parte das ruas estão sendo calçadas e estão recebendo outras melhorias.



Ouro negro - São Mateus



QUASE PRONTA. A unidade de saúde do bairro Santo Antônio está entre as obras que saíram do papel por conta dos royalties

Desafio é gerar novos postos de trabalho para a população

Com R\$ 16 milhões anuais de royalties, São Mateus investe em saneamento e calçamento de ruas

DENISE ZANDONADI

Um dos municípios que primeiro recebeu investimentos da Petrobras - inclusive abrigou a sede administrativa da estatal por vários anos -, São Mateus também é um dos que mais recebem royalties pela produção de petróleo. No ano passado, R\$ 16 milhões entraram nos cofres da prefeitura.

Segundo o secretário de Finanças da cidade, Paulo César Vieira Costa, gerar novos postos de trabalho é um dos grandes desafios da administração municipal, principalmente agora que parte da estrutura administrativa da estatal petroleira foi transferida do Norte para Vitória.

"O que recebemos de recursos do petróleo utilizamos, pelo menos 65%, em infraestrutura, como obras de manutenção de ruas, serviços básicos, meio ambiente e mesmo obras na área do turismo", explica Costa.

Para formar mão-de-obra mais especializada, o município fez parceria com o Cefetec e a universidade federal (Ufes), que têm unidades na cidade desde 2003. "Não pensamos em cursos somente voltados para a área de petróleo, mas também para as empresas que pres-

tam serviço para este segmento", explicou ele.

Os dados informados por Costa mostram que, nos últimos anos, com o dinheiro dos royalties, foram pavimentados mais de 40 quilômetros de estradas e ruas. Também foram realizadas obras de esgotamento sanitário, construção de escolas, creches, unidade de saúde (como a do bairro Santo Antônio, em fase final de construção).

"Dos R\$ 16,5 milhões recebidos no ano passado, aplicamos pelo menos R\$ 6 milhões em obras de limpeza pública e saneamento, sempre visando à melhoria das condições de saúde da população", explicou o secretário de Finanças.

FISCALIZAÇÃO
O Ministério Público Estadual (MPJE), depois de audiência pública realizada em São Mateus, solicitou ajuda do Tribunal de Contas para a realização de análise técnica do uso dos royalties.

O MPJE está cobrando medidas da administração municipal no sentido de que sejam aplicados pelo menos 25% dos royalties no balneário de Guiriri em função da sua importância para o turismo e a economia de São Mateus.

A exigência se deve também, segundo relatório do MPJE, à necessidade de haver mais cuidado com a preservação ambiental no balneário por causa da exploração de petróleo na região.



COSTA. Secretário reconhece necessidade de capacitar mão-de-obra

Município perde R\$ 8 milhões em repasses

São Mateus é um dos municípios brasileiros que perdem com a "indústria" de liminares obtidas por outros municípios que ingressam na Justiça para obter maior repasse de royalties sob a alegação de que possuem terminais ou equipamentos para embarque de petróleo e gás. O município calcula que deixa de receber, por ano, cerca de R\$ 8 milhões. A Associação Brasileira dos Municípios com Terminais Marítimos Fluviais de Petróleo e Gás Natural (Abramf) briga na Justiça para cassar as liminares concedidas, inclusive para dezenas de municípios nordestinos.

Do que nos foi repassado de recurso do petróleo, pelo menos 65% foram usados em infraestrutura, manutenção de serviços básicos, meio ambiente e turismo"

Dos R\$ 16,5 milhões recebidos no ano passado, pelo menos R\$ 6 milhões foram para obras de limpeza pública e saneamento"

PAULO CÉSAR VIEIRA COSTA
SECRETÁRIO MUNICIPAL DE FINANÇAS

Evolução R\$ 7.321 por pessoa

Foi o PIB per capita de São Mateus em 2005. A participação do município no Produto Interno Bruto estadual é de 1,57%.
64,93%
esperança
Foi o índice de esperança de vida ao nascer apurado em 2000 na cidade.

Royalties

R\$ 17.711.772,64 2005
R\$ 18.134.304,08 2006
R\$ 16.473.351,67 2007

Foi quanto o município recebeu de royalties pela extração do petróleo nos últimos três anos.

Capital humano

0,73 2000
0,843 2000

O primeiro número se refere ao Índice de Desenvolvimento Humano do Município em 2000. O segundo, ao índice de educação do IDH no mesmo ano.

96.390
habitantes

é a população de São Mateus contabilizada em 2007.

FGV
REFERÊNCIA DE LIDERANÇA NO MERCADO

Pós Graduação - MBA em Direito Tributário - Turma 05
Encontro Inaugural: 16 de Abril

Direito Constitucional Econômico / Direito Financeiro e Planejamento do Estado / Responsabilidade Fiscal / Legislação Tributária / Princípios Tributários e Limites ao Poder de Tributar / Contabilidade Financeira / Principais Elementos do Sistema Tributário: Fato Gerador, Lançamento, Obrigação e Crédito Tributário / Impostos Federais, Estaduais e Municipais / Tributos, Contribuições de Melhoria, Empréstimos Compulsórios / Contribuições Sociais, de Intervenção no Domínio Econômico e de Categorias Profissionais / Administração Fiscal / Processo Judicial Tributário / Internet e Inovação / Crimes Contra a Ordem Tributária / Direito Tributário Internacional / Planejamento Tributário / Direito Societário - Ltda. e S/A / Princípios de Economia / Empresas Corporativas / Metodologia de Pesquisas, Português, Redação Jurídica / TCC - Trabalho de Conclusão de Curso Carga Horária Total: 432 hrs

Solicite sua matrícula pelo site www.munurad.fgv.br

FGV, A Escola de Negócios que é referência no Brasil e no Mundo.

Informações: (21) 3225-4751

PROCURANDO POR UM BOM CURSO

CURSOS SENAC

ACCESS BÁSICO
DELPHI @ DIGITADOR
LINUX - INSTALAÇÃO E UTILIZAÇÃO
AUTOCAD BÁSICO @ AUTOCAD 3D

MATRICULAS ABERTAS

CURSOS EM
CURSOS SENAC

ME PROJECT
TÉCNICO EM COMÉRCIO E VENDAS
LIDERANÇA E RELACIONAMENTO
FORMAÇÃO DE PROSEQUIROS
ATENDENTE DE CONSULTÓRIO DENTÁRIO
PORTEIRO DE EDIFÍCIO
ASSISTENTE ADMINISTRATIVO
COMÉRCIO EXTERIOR - IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO
CONTABILIDADE PARA NÃO-CONTADORES
ORNAMENTAÇÃO DE FESTAS COM BALÕES
DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL PARA SECRETÁRIO(A) E RECEPCIONISTA
ARTE DE FALAR EM PÚBLICO
MODELAGEM DE SOBRANCELHA

VAGAS LIMITADAS
VAGAS LIMITADAS
VAGAS LIMITADAS

www.es.senac.br

Vitória 3325-6311 Vila Velha 3229-5588 Colatina 3722-4001 Cachoeira 3522-9338

Tão relaxante que já vem com SPA

Boulevard Lagoa
Residence & Resort

Terranos a partir de 450m²

TEIXEIRA HOLZMANN
CRISTAL

LANÇAMENTO 26 DE ABRIL. ANTECIPE-SE

LOPES ACTUAL
3252-9200



caderno2.AC Show Mart'inália em Vitória

A GAZETA 80 anos

ção. Prefeituras preferem
estir em infra-estrutura

idades om verba o petróleo ram nota aixa na ducação

rim e
ficaram com
as 2,7 e 2,9 na
ção dos alunos
3ª séries

neiro resultante da
do petróleo já che-
m públicos de mui-
mas. Mas essa riq-
ção se refletiu na me-
nível da Educação
mesmos municípios.
m e Anchieta, por
ficaram com as piores
entre as redes mu-
ensino no Estado,
Desenvolvimento
ção Básica (Ideb).
idades, o desempre-

De olho

12 municípios

Já foram visitados pelo MP para identificar onde falta investimento

no piorou, entre 2005 e 2007, mesmo com o aumento da receita. Um fator contribui para esse quadro: a falta de professores efetivos. Nos dois municípios, 705 dos professores trabalham sob contrato temporário. **• PÁGS. 3 E 4**

ona eleitoral

rtidos definem mes e iniciam campanha

ria, PMDB se
oje para
e Tião
m será o vice
Cosar (PT)

no penúltimo dia do
realização das con-
comunitárias, as candida-
mento de Cláudio Ve-

reza (PT) e Vasco Alves (PRTB) foram confirmadas em Vila Velha. Em Cariacica, o PT lançou o nome de Helder Salomão, enquanto o PTB oficializou Marcelo Santos. Guerino Zanoni (PMDB) e José Carlos Elias (PTB) vão duelar em Linhares. Em Colatina, cinco candidatos foram lançados. As convenções continuam hoje. **• PÁGS. 12 E 13**

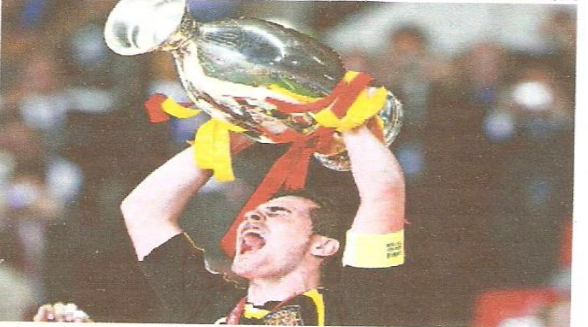
ALDO CARNEIRO/AGÊNCIA GLOBO



Gol de letra, gol de líder!

ESCALADA **FLA VENCE NO FIM FORA DE CASA** Dois gols de Obina, o segundo, de letra, no fim do 2º tempo, deram ao Flamengo a vitória sobre o Sport (2 a 1) e a liderança isolada do Brasileiro. **• PÁG. 3**

DANIEL DAL ZENARO/REUTERS



EUROCOFA-2008 **OS NOVOS REIS DA EUROPA** Quarenta e quatro anos após a última conquista continental, a Espanha de Casillas (foto) venceu por 1 a 0 a Alemanha e é a nova campeã europeia. **• PÁG. 2**

Guarapari

Carro da PM tomba na caçada a suspeito

A Polícia Militar estava atrás de um suspeito de assassinato ocorrido em Perocão, Guarapari, na tarde de ontem, quando recebeu a informação de que o acusado, Rafael Fontoura da Silva, estaria num Celta Vermelho. Durante o cerco, houve troca de tiros, e, na perseguição, uma rádio-patrulha capotou. **• PÁG. 10**

Consumo

Guaçu: fraude em rótulo de refrigerante

A Polícia Civil investiga a venda de refrigerantes com data de validade vencida em Guaçu, Sul do Estado. A fraude só foi descoberta após a denúncia de um consumidor. Os rótulos, com as datas, haviam sido adulterados. Comerciantes alegam que desconheciam a fraude. Os distribuidores responsáveis pelo produto não foram localizados. **• PÁG. 8**

Hospital no Pará

Após morte de 22 bebês, diretor é demitido

O diretor da Santa Casa de Misericórdia do Pará, Anselmo Bentes, foi demitido pela governadora do Pará, Ana Júlia Carepa (PT). A decisão foi tomada após a morte de mais dois bebês, gêmeos. Com as duas mortes, subiu para 22 o número de bebês mortos em uma semana. O hospital está sob intervenção. **• PÁG. 17**

Mundo.



Sob protestos, ditador inicia novo mandato no Zimbábue **• PÁG. 18**

Concurso

Gabarito da Caixa sai hoje

A Caixa Econômica Federal divulga hoje o gabarito das provas do concurso aplicadas ontem em todo o país. **• PÁG. 11**



FOTO: GABRIEL LORDELO

na Baía de Vitória, contou com a participação de mais de 150 embarcações. Não faltaram pedidos de fartura para o santo, mas também houve protestos contra a pedofilia, lico no mar, e até homenagem ao padre que vouu preso a balões. **• PÁG. 7**

CLASSIFICADOS 3321-8600 ATENDIMENTO 3321-8699 VENDA DE ASSINATURA 3321-8000

SELO PROMOÇÃO CADERNOS DE PROVAS ENEM COLEÇÃO AVENTURAS DISNEY PÁG. 02

Dia-a-dia

Sobra dinheiro e o ensino é pobre

Riqueza do petróleo ainda não conseguiu melhorar a Educação

Piores médias entre as redes municipais de ensino no Ideb foram em Itapemirim e Anchieta

CIDA ALVES
cidalves@redesociedade.com.br
ANDRÉ VARGAS
avargas@redesociedade.com.br

■ A riqueza do petróleo no Espírito Santo tem trazido desenvolvimento para muitas áreas, mas ainda não refletiu em melhoria na Educação de alguns municípios que recebem direito dos royalties. Dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), mostram que as piores médias entre as redes municipais de ensino no Estado - 2,7 e 2,9 na avaliação de 5ª a 8ª série - foram em Itapemirim e Anchieta, respectivamente.

A nota não chegou nem sequer perto da pontuação mínima considerada ideal pelo Ministério da Educação, que seria 6. Além disso, nos dois municípios o desempenho piorou de 2005 para 2007, mesmo com o aumento da receita.

Itapemirim recebeu, só neste ano, R\$ 6,7 milhões em royalties. Anchieta teve um repasse mais modesto, de R\$ 1,4 milhão. O dinheiro até tem chegado à área da Educação: os dois municípios aumentaram os investimentos no setor em 400% (Anchieta) e 200% (Itapemirim), nos últimos anos. Na prática, tanto investimento ainda não se traduziu em melhoria no ensino, o que levanta a discussão sobre como a verba é empregada.

Em ambos os municípios, as prefeituras aplicam os royalties, principalmente, em obras de infra-estrutura e urbanização. Em Anchieta, por exemplo, 70% dos professores têm contratos temporários. "Por sorte a maioria volta no ano seguinte", comenta o secretário de Educa-

ção José Marcos Guatolini. A proporção máxima deveria ser de 15% a 20%.

O secretário reconhece que, no município, os recursos da Educação acabaram sendo gastos mais em paredes, retro-projetores e lousas do que com quem segura o giz. "Primeiro recuperamos a estrutura física para depois olhar para os profissionais", diz Guatolini. Para ele, só investindo em capacitação profissional ao longo de um período mínimo de quatro anos seria possível mudar o desempenho do corpo docente.

Na escola que teve o pior desempenho em Itapemirim (média 2,7), a Narciso Araújo, a falta de professores efetivos também é problema. Com isso, cursos de capacitação são ineficazes, já que no ano seguinte os melhores professores acabam indo embora. "Acho que chegamos ao fundo do poço. A partir daí vamos melhorar", afirma a diretora Andressa de Souza.

Por conta do baixo desempenho, que o município atribui ao fato da escola ter sido repassada à prefeitura pelo Estado, teve que ser feito um Plano de Desenvolvimento Educacional (PDE), com metas a serem cumpridas.

"Investimento em Educação não é só compra de computadores ou construção de prédios bonitos. O dinheiro deve ser aplicado na capacitação dos docentes", avaliou o especialista em políticas públicas e professor da Ufes, Roberto Garcia Simões.

■ **Royalties são benefícios pagos pelas empresas que exploram o óleo e o gás. Elas pagam um percentual à União, aos Estados e aos municípios de onde retiram a riqueza mineral da terra e do mar. O investimento dos royalties deve ter relevância social.**

Índice é divulgado a cada dois anos no país

■ O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) é divulgado pelo Ministério da Educação a cada dois anos. A primeira publicação foi em 2005. As médias são calculadas com base no rendimento escolar (taxas de aprovação, reprovação e abandono) divulgadas pelo Censo Escolar, com as médias de desempenho,

afetadas pela Prova Brasil e pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb). É um índice com valores de 0 a 10, e média considerada de 6,0. São elaboradas duas médias: uma por escola e outra por município, divididas em desempenhos de 1ª a 4ª séries e de 5ª a 8ª séries. O Ideb de 2005 para o Brasil foi 3,8 nas séries iniciais; 3,5 de 5ª a 8ª; e 3,4 no ensino médio; sendo estabelecidas metas para se chegar a 6,0, 5,5 e 5,2, respectivamente, até o ano de 2022.

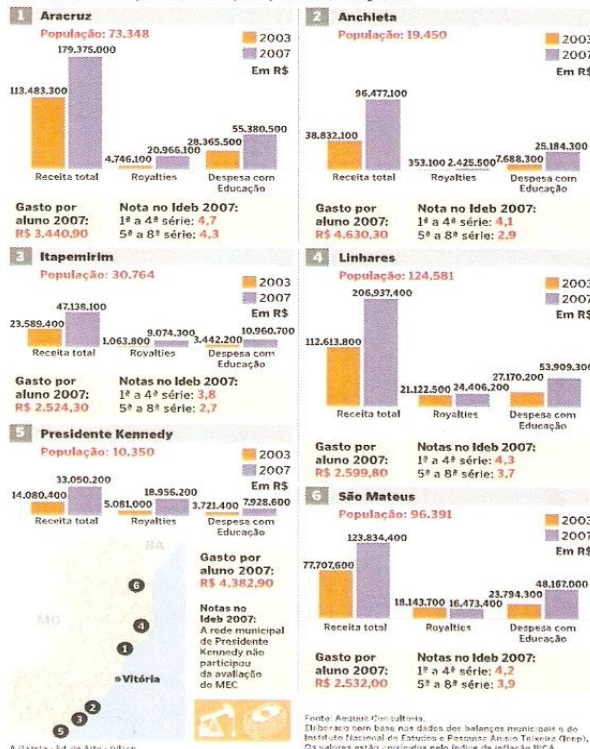
Royalties vão para obras e saneamento

■ Os investimentos prioritários das prefeituras de Anchieta e Itapemirim, quando se fala em royalties, são obras de infra-estrutura e saneamento básico. Com relação à aplicação desses em Educação, a Prefeitura de Anchieta explicou que o valor dos royalties repassado ao município é pequeno, se comparado ao total do orçamento e dos investimentos em Educação. Anchieta e Itapemirim afirmam que os investimentos em Educação cresceram 400% e 200%, respectivamente, nos últimos anos. O acumulado de royalties é de R\$ 1,48

milhões. "Os investimentos em infra-estrutura incluem a pavimentação de acessos e melhoria de algumas escolas do interior. Tudo isso contribui para o desenvolvimento da Educação de maneira indireta", afirmou o secretário de Finanças de Itapemirim, Eder Botelho. As prefeituras ressaltaram que não há obrigatoriedade, por lei, de investimento dos recursos dos royalties na Educação e que, esses valores, não entram na base de cálculo dos 25% mínimos de investimento na Educação de-

Distribuir para educar

Como está a Educação nos municípios que recebem royalties



Análise

SEM POPULISMO

ROBERTO GARCIA SIMÕES
Especialista em Políticas Públicas

■ Os royalties não devem ser usados de forma populista, aplicado em shows, ou apenas em grandes obras visíveis. Até agora, vemos que o crescimento dos royalties não teve um impacto positivo na Educação dos municípios. Projeto e investimento em Educação não significam apenas compra de computadores ou construção de prédios bonitos. Os investimentos têm que entrar na sala de aula, chegar na turma professor-aluno, aplicado na capacitação e qualificação dos professores. Uma das possibilidades em estudo, a longo prazo, já que o petróleo deve ter um ciclo produtivo de uns 40 anos, é criar um fundo com o dinheiro dos royalties a serem aplicados na Educação dos municípios, além dos 25% obrigatórios. Assim, se acelera o ritmo do desenvolvimento da Educação. A sociedade também precisa mudar, e perceber que não se avalia uma gestão apenas pelas obras que estão nas ruas. Notas como o do Ideb devem ser consideradas ao avaliar uma administração municipal. Porque é a Educação que vai preparar os cidadãos para enfrentar os desafios de quando o petróleo acabar.

Dinheiro é usado só quando há problemas

Em Aracruz, que mais recebe royalties, secretário diz que usa apenas os 25% da receita, como diz a lei

■ O município de Aracruz garante que melhorou o desempenho no Ideb usando apenas os 25% de investimentos da receita municipal determinados por lei. Mas o secretário de Desenvolvimento Econômico, Divaldo Crevelim, afirma que quando falta algo na Educação, lança-se mão do dinheiro dos royalties para resolver o problema.

O município é o segundo maior receptor de royalties no Estado (R\$ 14,2 milhões, só em 2008), e manteve a média do Ideb em 4,7 nas séries iniciais e aumentou a nota de 3,8 para 4,3 de 5ª a 8ª séries. "Investimos os royalties principalmente em infra-estrutura, saneamento, esporte e lazer. Isso melhora a qualidade de vida, o que influencia no aprendizado dos alunos".

Presidente Kennedy, segundo município no recebimento de royalties, não teve a rede municipal de ensino avaliada pelo Ideb, e a Secretaria de Educação está buscando saber por que junto ao MEC. A secretaria de Educação do município, Dilerjy Tinoco, garantiu que o dinheiro dos royalties é aplicado na Educação, desde reforma e construção de escolas, até formação para professores. Heloisa de Castro e trans-

Ameaças e jogo de cintura no dia-a-dia

■ Diretora da escola Narciso Araújo (Ideb 2,7), no centro de Itapemirim, Andressa Grassiell de Souza, já sofreu ameaças. Em seu cotidiano, lida com alunos que saem e voltam para a tutela dos pais e só conta com um professor concursado entre os 25 que lecionam de 5ª a 8ª séries. "Se eu chamo algum pai duas vezes, a reação é querer tirar a criança da escola. Muitos não têm o menor interesse. Eles acham que escola não é importante".

Falta de preocupação com as notas

■ A chegada de novos alunos atrapalha as contas da professora de Matemática Patrícia Petri Lourençini, de Anchieta. Em uma de suas turmas da manhã, a maioria não acompanha enquanto ela se esforça para rever os conceitos de multiplicação e divisão. "Não se trata de incapacidade. Há uma mistura de diferenças de realidades econômicas com desinteresse puro. Alguns vieram de locais onde não havia preocupação com notas. Acham tudo ok".



FOTO: CARLOS ALBERTO SILVA



Sobra dinheiro e o ensino é pobre

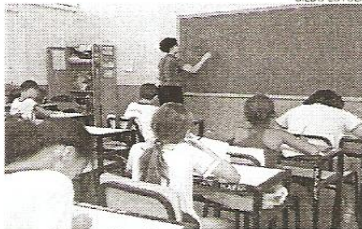
Doze municípios já foram visitados pelo Ministério Público

Foram identificadas altas taxas de evasão e reprovação, e falhas nos conselhos educacionais

■ O Ministério Público já realizou audiências em 12 municípios que recebem dinheiro de royalties no Estado. No caso da Educação, a maior deficiência encontrada, em praticamente todos os municípios, é a falta de vagas na Educação Infantil.

Também foram identificadas, em algumas localidades, altas taxas de evasão e reprovação, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio; número alto de professores de designação temporária e problemas na formação dos conselhos educacionais.

No trabalho do MPES, ao identificar as áreas que necessitam de investimentos, os gestores municipais são orientados a aplicarem os recursos dos royalties nesses setores. Entre junho e outubro deste ano, o MPES retornará aos mu-



MAIOR PROBLEMA É A FALTA DE VAGAS NAS SALAS DE AULA

nicipios visitados para verificar se os problemas detectados foram resolvidos.

Termos de Ajustamento de Conduta já foram assinados entre o Ministério Público e prefeituras dos municípios que recebem royalties, na área da Educação. Em alguns casos, o não-cumprimento do termo já resultou em Ações Cíveis Públicas que estão tramitando na Jus-

tiça. Porém o MPES não divulga o nome desses municípios.

LEI

Diferente do que é hoje, os royalties já tiveram destino certo estipulado por lei. A primeira vez que se falou em aplicação de royalties foi na criação da lei nº 7.453, em 1985. Na época, um dos artigos sugeria que o dinheiro proveniente dos royalties deve-

ria ser aplicado, "preferentemente", nas áreas de energia, pavimentação de rodovias, abastecimentos e tratamento de água, irrigações e proteção do meio ambiente.

Um ano depois, em 1986, uma alteração foi proposta na lei, mudando o termo "preferentemente" por "exclusivamente". Assim, o dinheiro proveniente da exploração do petróleo nos municípios ficaria destinado apenas às áreas estabelecidas na Lei nº 7.453.

Em 1997, foi criada a legislação em vigor. Conhecida como Lei do Petróleo, a Lei nº 9.478 não especifica onde os recursos dos royalties devem ser aplicados. Diz apenas que eles não podem ser usados. De acordo com o MP é proibida a aplicação do dinheiro dos royalties no pagamento de dívidas e do quadro permanente de pessoal.

Audiências

OS MUNICÍPIOS JÁ VISITADOS PELO MPES

Presidente Kennedy
Alegre*
Jaguarié
Marataizes
São Mateus
Linhares
Aracruz
Conceição da Barra
Fundão
Anchieta
Piúma

MUNICÍPIOS QUE SERÃO VISITADOS

Guarapari
Vila Velha

Fonte: Ministério Público Estadual (MPES)
*Não pertence aos municípios produtores de petróleo, mas foi incluído a pedido da gestão municipal

Mais dinheiro, melhor nota

Cidades do Estado que investiram mais por aluno foram melhor avaliadas no Ideb

■ Dados que serão lançados esta semana, no 14º número da revista Finanças dos Municípios Capixabas, mostram que, de um modo geral, os municípios que aplicaram mais recursos por aluno foram melhor avaliados no Ideb. "No entanto, em alguns casos,

maiores gastos por aluno não significaram melhora na qualidade de educação", ressaltou o editor da revista, Alberto Borges.

Dos 13 municípios que tiveram média abaixo de quatro, nove gastaram menos da média estadual por aluno (RS 2.798). Nas notas de 5ª a 8ª séries, Borges explicou que, dos 14 municípios que ficaram com médias abaixo de 3,5, 12 gastaram menos da média por aluno no Estado. Anchieta está entre os municípios

que, mesmo aplicando mais que a média estadual na Educação (RS 4.630 por estudante), ficou com nota abaixo 3,5.

Entre os dez municípios com notas acima de 5,0 no Ideb, nas séries iniciais, oito apresentaram gasto por aluno acima da média estadual. Apenas Domingos Martins (RS 2.371) e Vargem Alta (RS 2.611), que ficam na Região Serrana, aplicaram abaixo da média e obtiveram notas superiores a 5,0.

Victor Hugo

LEONEL KIRCHNER - ENTREVISTA
COM VICTOR HUGO



RICARDO STUCKERT



OLGA O. PESO, PRESIDENTE

O advogado e empresário capixaba Joaquim Silva e membros da Associação dos Produtores e Processadores de Orgânicos do Brasil sem querer colocaram a dieta do presidente Lula em risco neste café da manhã, em Brasília.

Segurança na mira da PF

A Polícia Federal realizará brevemente, em todo o país, uma grande operação contra as empresas de segurança irregulares que utilizam mão-de-obra também irregular. O alvo: casas noturnas, supermercados e outros estabelecimentos comerciais e industriais. A blitz começa agora em julho, pelo Estado de São Paulo.

Desvio de função

A Polícia Federal tem conhecimento do crescimento dos serviços clandestinos de segurança privada em todo o país. Segundo denúncias, muitos seguradores particulares trabalham como porteiros, fiscais de piso e atendente de público, entre outras funções.

Polícia x policiais

Também estão na mira da PF as empresas de vigilância que cometem irregularidades na contratação de policiais.

Mais transplantes

O número de cirurgias de transplante de fígado cresceu 33% em 2008 no Estado. Só nos primeiros seis meses deste ano foram feitos 12 transplantes no Hospital Meridional, único autorizado pelo Ministério da Saúde a realizar o procedimento no Espírito Santo. No ano passado, foram realizados nove procedimentos.

A fila anda

Os efeitos desse aumento foram imediatos, com redução do tempo de espera em lista, redução da mortalidade na fila e até migração de doentes de outros Estados para a lista do Espírito Santo. O hospital localizado em Cariacica realizou o primeiro transplante em janeiro de 2005. De lá para cá, foram realizados 41 procedimentos.

Cultura na rede

A Associação Espírito-Santense de Imprensa criou um novo site (www.impressacapixaba.org.br) e pretende transformá-lo no portal da cultura no Espírito Santo. A Associação, que está completando 75 anos neste ano, está aberta para divulgar os trabalhos dos produtores locais de cultura.

A Terceira Ponte...

Quem passar pela Eneada do Sul por esses dias vai observar um elemento diferente na paisagem da Terceira Ponte: é que a equipe de Manutenção Preventiva da Rodosol está em ação. Um engenheiro vai percorrer a área externa da ponte com o apoio de uma pla-

taforma aérea, equipamento muito usado em empresas de siderurgia.

Novos pedaços

A plataforma pesa sete toneladas e tem um braço mecânico de 15 metros. Cerca de 40 amostras vão ser retiradas em cada um dos 46 vãos da Ponte. O objetivo da Rodosol é mapear as condições de conservação de toda a estrutura da Terceira Ponte para garantir segurança aos usuários. Como a manutenção é externa, a operação não vai causar nenhuma alteração no trânsito.

O estivador capixaba Roberto Nascimento, 66 anos, é um dos destaques do site PortoGente, dedicado aos portuários do país. Há cinco anos aposentado, Robertinho, como é conhecido, assume que é gay: "É uma coisa genética".

Morte e ali em corpo são

Alunos dos cursos de Medicina e Psicologia da Univix estão acompanhando pacientes internados no setor de cardiologia do Hospital Evangélico, em Vila Velha, e quando percebem que o problema tem algum agravante psicológico, passam as informações para os colegas da área de Psicologia, que se encarregam de complementar o atendimento. O resultado é um acompanhamento mais completo, que envolve aspectos físicos e emocionais.

Inovação no Transcol

As empresas do Sistema Transcol começaram a implantar o novo WplexON, um software de planejamento já adotado em sete Estados. O sistema, que será utilizado pelas empresas e pela Ceturb, usará informações da bilhetagem eletrônica, além de pesquisas de campo, para agilizar a programação de serviços, como o reforço de ônibus em algumas linhas caso haja necessidade.

Alô, prefeituras!

Por que é tão difícil achar agentes de trânsito municipais à noite e em locais onde eles deveriam estar atuando, para amenizar o efeito dos engarrafamentos?

TODAS AS INFORMAÇÕES SOBRE O ESPÍRITO SANTO, A GAZETA TRAZ PARA VOCÊ.

ESPÍRITO SANTO ANUÁRIO 2008

A mais completa fonte das pesquisas do Estado estará disponível nas bancas a partir de julho. O Anuário Espírito Santo é uma publicação atualizada pela melhor e mais importante fonte de informação do Estado, o jornal A Gazeta. Em versão impressa e CD-ROM em português e, este ano, em inglês, é uma imprescindível referência para empresários, estudantes, pesquisadores a todos que se interessam pelo nosso Estado. Com o Anuário, você terá o Espírito Santo e tudo o que precisa ao seu dispor.

A GAZETA
30 ANOS DE INDEPENDÊNCIA

Após Cultura:

escola energias do brasil

Após Cultura:

UNOVU ESPÍRITO SANTO



caderno2.AC
Homenagem:
Memórias
de Calixte

A GAZETA 80 anos

Marco da exploração do pré-sal começa na semana que vem

A riqueza que o petróleo já traz para o Estado

Petrobras tem 30 mil empregados na região e já assinou contratos de R\$ 2,7 bi com empresas locais

CARLOS ALBERTO SILVA



Trabalhadores são levados de helicóptero até às plataformas onde estão os campos de exploração da estatal

do petróleo retido do mar capixaba é transparente no impacto já chegam 30 mil pessoas. O número atual de empregos em Petróbras para o Estado. Renda para

trabalhadores, receita para empresas: as compras de bens e serviços, em contratos com fornecedores locais, devem chegar a R\$2,7 bi neste ano. Esse panorama antecede o marco da extração de petróleo no país, a exploração da camada de pré-sal, a começar pelo campo

Royalties
R\$ 142 milhões

Foi o montante repassado ao governo estadual de janeiro a julho deste ano.

de Jubarte, Sul do Espírito Santo, na semana que vem. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva virá visitar o navio-plataforma responsável pela operação. A Petrobras ainda está por trás de obras como a unidade de gás em Linhares e um terminal em Ubu. **PÁG. 13**

Evolução. De 2006 para cá

Patrimônio de candidatos sobe até 242%

Levantamento da Transparência Brasil foi baseado em declarações feitas à Justiça Eleitoral

O levantamento

435
candidatos

O patrimônio declarado por lideranças políticas do Estado que disputaram as eleições de 2006 e que agora voltam a se candidatar subiu até 242,2% em dois anos. Esse foi, por exemplo, o crescimento do valor informado pelo deputado estadual e candidato a prefeito de

Guarapari Rodrigo Chamoun (PSB), que passou de R\$ 63,3 mil para R\$ 216,6 mil. **PÁG. 17**

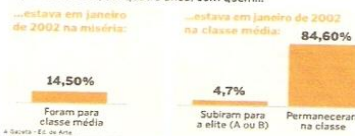
Emprego formal. E mais mobilidade

Classe média vira maioria nas capitais

Sobe e desce

MOBILIDADE SOCIAL

O que aconteceu, em quatro anos, com quem...



O emprego formal contribuiu para o crescimento da classe média brasileira, mostra pesquisa da Fundação Getúlio Vargas. Resultado: hoje essa faixa da população já representa a maioria nas seis principais regiões metropolitanas do país. Desde 2002, a

participação da classe média na população economicamente ativa saltou de 44,19% para 51,89%. Essa classe é integrada por famílias que ganham entre R\$ 1.064 e R\$ 4.591 por mês. O estudo revela ainda que hoje, há maior probabilidade de ascensão social. **PÁG. 15**



FERNANDO MAIA / AG.

REVITINHO
URUBE DE AMENGO

Revoltados com os seis jogos sem vitória no Brasileiro, 30 torcedores foram à Gávea

protestar e lançaram bomba no gramado. Obina discutiu com a torcida. **PÁG. 24**

Olimpíadas

Início da caça ao ouro inédito

Sob o comando de Ronaldinho, o futebol masculino do Brasil estreia amanhã nos jogos contra a Bélgica, às 6 horas (de Brasília). **PÁG. 22**

China

Terra treme de novo

Um terremoto de 6 graus na escala Richter atingiu ontem a divisa entre as províncias chinesas de Sichuan e Gansu. Pelo menos uma pessoa morreu. O abalo foi mais um reflexo do tremor de maio passado. **PÁG. 21**

MP aprovada

Aumento de servidor vai ao Senado

A Câmara dos Deputados aprovou ontem a medida provisória que reajusta salários de 1,4 milhão de servidores, incluindo os militares. **PÁG. 12**

Micobactéria

Vítima apela para ministro

Kissila Sodré, representante dos pacientes contaminados pela micobactéria, reúne-se hoje com o ministro da Saúde, José Gomes Temporão, para reivindicar medidas efetivas contra a infecção. **PÁG. 3**

viagem.AG



Caracas!

Cheia de parques, ao lado de uma bela montanha, com muito verde espalhado por suas ruas e avenidas, a capital da Venezuela é uma opção curiosa para quem quer escapar dos roteiros tradicionais e conhecer mais de perto o país de Hugo Chávez e sua revolução bolivariana.

dia.
dental
do por
mata
nte

Dia-a-dia.
O sucesso dos barris de cachaça de São Roque
PÁG. 11



Economia.
Vitória Fashion vai mostrar a força do setor de confecções
PÁG. 15

Economia.
Tarifa de luz vai subir 7% para casas e indústrias
PÁG. 16

Concurso 100 vagas na Justiça
Inscrições para o concurso do Ministério da Justiça vão até dia 22 de agosto. Salários chegam a R\$ 8,3 mil. **PÁG. 14**

Pão de Açúcar. A rede varejista registrou lucro líquido de R\$ 60,4 milhões no segundo trimestre, 118% superior ao do mesmo período de 2007. O resultado é fruto de uma reestruturação.

A toque de caixa. Ritmo das descobertas obriga a companhia a mudar seu planejamento estratégico

O petróleo que está gerando receita e empregos no Estado

Projetos da Petrobras já empregam 30 mil pessoas, e compras de bens e serviços somam R\$ 2,5 bilhões

DENISE ZANDONADI
dzandonadi@redgazeta.com.br

O petróleo retirado das profundas camadas marinhas que ninguém vê mal veio à tona, mas já gera receita para empresas que cais e engorda as estatísticas de emprego no Estado. Prestes a iniciar a produção para teste na camada de pré-sal, no Litoral Sul, a Petrobras tem hoje cerca de 10 mil pessoas trabalhando, diretamente, em várias das obras que faz no Estado. Contando os empregados indiretos, há 30 mil pessoas envolvidas com a empresa no Espírito Santo.

O início da produção do pré-sal, na próxima semana, é um passo tão importante que merecerá visita do presidente Luiz Inácio Lula da Silva a Jubarate, onde está localizado o poço que originou a descoberta.

A empresa ampliou o número de obras no Estado em função das recentes descobertas, realizadas nos últimos anos. Estas atividades geram renda, emprego e receita, como é o caso dos módulos três e quatro da Unidade de Tratamento de Casimbas (UTC), em Linhares. Lá trabalham hoje 31 mil operários. No ano passado, as compras de bens e serviços da estatal, em contratos com fornecedores no Estado, foram de R\$ 2,5 bi. A estimativa para este ano é de R\$ 2,7 bi.

MUDANÇAS

O ritmo das descobertas feitas pela Petrobras no Estado e no país obriga os executivos e técnicos a mudar o planejamento estratégico da companhia. Este é o caso do navio-plataforma FPSO Capixaba, atualmente em produção no campo de Golfinho, no Norte, e que será deslocado para o Litoral Sul.

A produção em Golfinho, hoje, é feita por dois FPSOs com capacidade de produção de 100 mil barris por dia de óleo equivalente (óleo e gás). O Capixaba irá para novas adequações em Cingapura no final de 2008 e, depois, passará a produzir em Jubarate, no Sul.

A empresa está acelerando, também, as obras do terminal de embarque de GLP (gás de cozinha) e condensado no Porto de Barra do Riacho, em Aracruz. Em meados de 2009, deverão começar os embarques dos dois produtos em função do crescimento na produção de gás no Estado.

LICENÇA

Além de servir de experiência para a produção na camada de pré-sal, o Espírito Santo está sendo testado na questão do licenciamento ambiental dos projetos no mar, que é de responsabilidade do Ibama.

Segundo o gerente-geral da Petrobras no Estado, Márcio Félix Bezerra, o órgão está fazendo o licenciamento prévio de um conjunto de obras.

"Depois, na fase da licença de instalação, o processo é mais rápido", explica Márcio Félix Bezerra, porém, que a agilização das licenças não significa o não-cumprimento de todas as etapas do processo.

"As licenças serão concedidas quando forem cumpridas as exigências legais. Mas este teste no Litoral Sul, que engloba os Parques das Baleias e das Ostras, e as obras da unidade de tratamento de gás e do terminal portuário de Ubu nos darão uma ideia de como poderá ser em outros Estados", concluiu.



CARLOS ALBERTO SILVA

Helicóptero leva trabalhador até plataforma

A movimentação no terminal de embarque da Petrobras, que funciona no Aeroporto de Vitória, aumentou mais de 2,5 vezes em relação a 2005 e já embarca 5,1 mil pessoas por mês, em média. São sete helicópteros que prestam serviço para a estatal, levando os trabalhadores para as plataformas que operam no mar, no Litoral Sul e no Norte, onde está o campo de Golfinho. A empresa tem planos de ampliar a área de embarque, que funciona como um terminal normal de qualquer aeroporto, mas tem esbarrado na demora da conclusão das obras de ampliação do próprio Aeroporto de Vitória para definir o projeto. O terminal é utilizado também por outras empresas, como a Shell, que opera o Parque das Ostras, no Litoral Sul, e por terceirizadas que prestam serviço para a Petrobras.

Produção no pré-sal começa semana que vem

A Petrobras inicia, na próxima semana, a produção do primeiro poço abastecido de sal no país, no campo de Jubarate, no Litoral do Espírito Santo. O primeiro óleo do pré-sal está previsto para o próximo dia 12, segundo fontes do projeto, e será extraído pela plataforma P-34, já instalada no campo. No dia 2 de setembro, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva deve visitar a embarcação, para comemorar o feito. Jubarate está em produção desde o final de 2002, mas pesquisas recentes feitas pela Petrobras encontraram uma jazida de petróleo de boa qualidade abaixo da camada de sal. Para agilizar a produção, a companhia decidiu conectar o poço descobridor à P-34, que passou por adaptações para receber óleo leve. O início da produção no pré-sal vai ajudar a Petrobras a entender o funcionamento dos reservatórios, em um teste para o desenvolvimento dos campos gigantes descobertos na Bacia de Santos.

Petróleo na sua vida

Os números que mostram o crescimento da participação da Petrobras no ES

10 mil pessoas trabalham diretamente em obras da empresa no Estado

20 mil estão envolvidos indiretamente em empresas que prestam serviço para a estatal

1.948 empresas forneceram bens e serviços para a Petrobras nos últimos dois anos, mas o cadastro de fornecedores é superior

No ano passado, as compras da empresa no Estado foram de

R\$ 2,5 bilhões e é estimativa para este ano é de

R\$ 2,7 bilhões

A Gazeta - Ed. de Arte - Corridão

Os investimentos previstos totalizam **R\$ 20** bilhões até 2012. Em setembro a companhia fará revisão do planejamento para 2009-2013.

A movimentação no terminal de embarque da Petrobras no Aeroporto de Vitória registra média de **330** voos por mês e **5,1 mil** passageiros em 2008 o que representa crescimento de **2,5** vezes em relação a 2005

A empresa utiliza **85 mil m²** para armazenamento de material no Estado, sendo **4 mil m²** cobertos. A área será ampliada para um total de **225 mil m²**, sendo 8 mil m² cobertos

São **12** sondas de perfuração em mar e terra capixabas

Já foram pagos **R\$ 142** milhões em royalties para o Estado e

R\$ 143 milhões para os municípios este ano

OBRAS EM ANDAMENTO

- 1 Em Linhares, 3,1 mil operários trabalham na construção de mais dois módulos da Unidade de Tratamento de Gás de Casimbas
- 2 Empresa já obteve licença de instalação para início das obras da Unidade de Tratamento de Gás Sul, em Ubu, Anchieta
- 3 Está em fase final de conclusão o estudo para a instalação do terminal portuário, também em Ubu, para apoio às atividades marítimas
- 4 Em meados de 2009 começará o embarque de GLP (gás de cozinha) e condensado pelo terminal que será construído no Porto de Barra do Riacho
- 5 Em setembro começa a produção de petróleo na camada de pré-sal no Campo de Jubarate, no litoral sul do Estado
- 6 O navio-plataforma FPSO Capixaba sairá de Golfinho e será deslocado para o Parque das Baleias, no Sul, para a produção do pré-sal, no próximo ano

Petrobras amplia produção de gás

Petrolifera quer garantir que Estado produza mais de duas vezes sua capacidade atual até fim de 2009

Paralelamente à expectativa de começar a produção na camada de pré-sal, a Petrobras desenvolve várias atividades para ampliar a produção de gás e garantir que, até o final de 2009, o Estado tenha condições de produzir 20 milhões de m³ de gás por dia. Esse número já considera a produção que será escoa do Litoral Sul até à unidade de tratamento em Ubu. Hoje a produção é de cerca de 8,5 milhões de m³ por dia.

Até março do próximo ano, deverá estar pronto o EIA/RIMA - estudo detalhado, realizado para servir de base para o

licenciamento ambiental - do terminal portuário que será construído em Ubu. Este terminal dará apoio às atividades marítimas no Estado.

As obras já em andamento, e as planejadas não são as únicas atividades da companhia no Espírito Santo. Atualmente, seis sondas perfuram poços exploratórios no Litoral capixaba e outras quatro foram do mesmo em terra. Em setembro, outras duas começarão a explorar novas áreas em terra.

O gerente-geral da Petrobras no Estado, Márcio Félix Bezerra explicou que há 32 projetos de exploração e produção em execução no Estado hoje. Quatro deles estão em fase inicial, os outros estão começando, em desenvolvimento ou já na fase final de implantação.

Seguro em todo o Estado
SINDICATO DAS SEGURADORAS RJ / ES

SEMINÁRIO

DESENVOLVIMENTO DO ESPÍRITO SANTO E O MERCADO DE SEGUROS
8 DE AGOSTO DE 2008 - 14h30 - HOTEL RADISSON - VITÓRIA - ESPÍRITO SANTO

Abertura
Guilherme Dias - Secretário de Desenvolvimento do Espírito Santo

Palestras
Aspectos da Economia Nacional e o Desenvolvimento do Espírito Santo
Carlos Alberto Santenberg - Jornalista GloboNews / Rádio CBN / O Globo
Seguros de Bens e Responsabilidades
Julio Avelar - Consultor em Seguros
Seguro de Vida e Previdência Complementar
Marco Antônio Rossi - Presidente da Bradesco Vida e Previdência

Público-alvo - Autoridades estaduais e municipais, empresários e dirigentes de empresas, profissionais liberais, executivos de seguradoras, corretores de seguros e jornalistas
Inscrição - M&M - rsvp@milanezmilaneze.com.br / tel: (27) 3314-2536



TEMO2.AG

tema:
estréia de "O
re do Grão"



A GAZETA

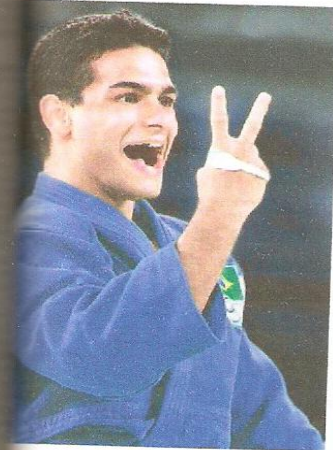


CONCURSO ESTADUAL COM SALÁRIO DE R\$ 3 MIL

Departamento de Estradas de Rodagem (DER) abre 78 vagas para exercício já a partir de 2009

PÁG. 16

pequim 2008



Pequim faz história em Pequim

Pequim garantir as medalhas de ouro das Olimpíadas de Atenas de bronze em Pequim. Já a ginástica lutará por uma inédita na final de ouro. No basquete feminino, a vitória sobre a Rússia em Pequim o Brasil vivo

primeira brasileira da história a ganhar uma medalha individual nos Jogos. Já Leandro Guilherme repetiu o feito de Atenas, em 2004, e conseguiu sua

segunda medalha olímpica, depois de ter operado o pulso, o quadril e o ombro. Com as conquistas, o judô alcançou a marca de 14 medalhas em Olimpíadas e

se igualou à vela como o esporte mais vencedor do Brasil, deixando para trás o atletismo, com 13. PÁG. 28
FOTOS: SIMELA PANTZARTZ/ EFE/JONNE RORIZ/AE

adidas
ninas
vôlei
gam a
via

de massacrar a
ação fará, na ma
manhã, seu jogo
agora. Já a gi
mástica lutará por
inédita na final
de ouro. No basquete
feminino, a vitória sobre a
Rússia em Pequim o Brasil vivo

Hoje
Prêmio
Schwaller/Schwaiger
Artística
Prêmio
Barnett/Cook
Feminino



Emoção de ouro

Numa prova decidida na batida de mão, Michael Phelps garantiu a segunda

medalha de ouro em Pequim, na prova do revezamento 4x100 livre, e

segue rumo ao recorde de oito ouros olímpicos. PÁG. 27 / FOTO: ITSUO INOUE/AE

dia.
de 11 mil
os para
guarda
a Velha

Esporte.
Fluminense
aposta em Cuca
para fugir do
rebaixamento

PÁG. 23

conexão.AG

O 3G chegou. O Espírito Santo já se encontra na terceira geração da telefonia celular, com a chegada oficial da rede 3G ao Estado. Confira as diferenças entre a tecnologia atual e a 3G, além de suas vantagens.



Recordes. Lucro da estatal foi de R\$ 15 bi no primeiro semestre

Petróleo: novo ciclo começa hoje com poço no Litoral Sul

Empresa perfura hoje, no Espírito Santo, o primeiro poço na camada de pré-sal do país

O Espírito Santo dá início a um novo marco na extração de petróleo nacional. A Petrobras vai perfurar, hoje, o primeiro

poço da faixa de pré-sal - camada marinha ultraprofunda - no Litoral Sul capixaba. A inauguração oficial da exploração será no dia 2 de setembro, durante visita do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Militares vão proteger as atividades da Petrobras, que teve lucro recorde de R\$ 15 bi no primeiro semestre. PÁGS. 14 E 15

Ação. A GAZETA denunciou em 2007

Polícia prende três por fraude dos táxis

Três homens foram presos pela Polícia Civil, suspeitos de envolvimento com um esquema de adulteração de concessão de placas de táxi na Grande Vitória. Há exatamente um ano, o esquema de atuação de táxis irregulares, agora descoberto pela Divisão de Repres-

são a Crimes Contra o Patrimônio, foi denunciado pelo jornal A GAZETA. Dos sete veículos apreendidos pela polícia, três estavam com placas flagradas pela reportagem em 2007. Naquela ocasião, 20 táxis irregulares foram denunciados. PÁG. 3

Reação no PSDB
Luiz Paulo:
Ferraço é
adversário

O deputado Luiz Paulo disse que dificilmente o PSDB apoiará o vice-governador Ricardo Ferraço para o governo estadual em 2010. PÁG. 19

Micobactéria
Erros que
levaram à
epidemia

Descuido é o principal responsável pelos surtos de micobactéria que têm atingido o país, em especial, o Espírito Santo, segundo a Anvisa. PÁG. 8

Política.
Mãe guardava
vaga para
candidato em
prefeitura

PÁG. 18

Caro Leitor

Devido à cobertura especial dos Jogos Olímpicos de Pequim, a Editoria de Brasil está na primeira parte desta edição, junto com as Editorias de Dia-a-Dia e Últimas Notícias.

CLASSIFICADOS

3321-8600

ATENDIMENTO

3321-8699

VENDA DE ASSINATURA

3321-8000

SEUS
PROMOÇÕES

COLEÇÃO
ATLAS VISUAL
DA CIÊNCIA

COLEÇÃO
ADVENTURAS
DISNEY

COLEÇÃO
CONCURSOS
PÚBLICOS

PÁG.
02

Economia

A Anatel prepara o lançamento de editais para a venda de concessões de TV paga. A oferta de licenças é reivindicada pelo mercado. A última licitação de licenças aconteceu há oito anos.

Protocolo. Inauguração oficial das atividades será no dia 2 de setembro, com a visita de Lula

Espírito Santo dá início a novo marco na extração de petróleo

Petrobras dá hoje a partida para a exploração na camada marinha do pré-sal, no Litoral Sul capixaba

Investimentos Petrobras dá hoje a partida para a exploração na camada marinha do pré-sal, no Litoral Sul capixaba. O projeto prevê a produção de petróleo em uma área de 200 mil barris por dia.

Oficialmente e diante de autoridades nacionais, informou a Petrobras, a produção terá início apenas no dia 2 de setembro, quando o presidente Luiz Inácio Lula da Silva visitará o Estado, e a plataforma P-34 entrará em operação.

As descobertas em águas ultraprofundas abaixo do limite de 2 mil metros de profundidade foram feitas pela Petrobras em uma área de 200 mil barris por dia. Apesar de a área conter uma reserva de petróleo de 200 mil barris por dia, a produção começará no Espírito Santo, já que o Estado possui estruturas já montadas e processos a serem planejados.

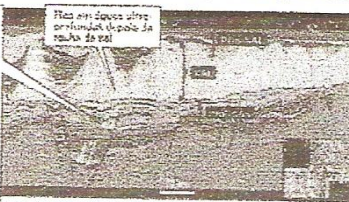
O objetivo da companhia é, em cinco anos, chegar à produção de 500 mil barris por dia no Litoral Sul. Ainda sem fazer um volume, a Petrobras confirmou, no mês passado, que o poço ESS-103 já está preparado para iniciar a produção que servirá de teste para a empresa, segundo o gestor de área de Jubarote Manoel Antônio Fernandes.

Os resultados da exploração na camada do pré-sal no Sul capixaba serão pagos aos municípios de Presidente Kennedy, Maratizés e Imapirimim.

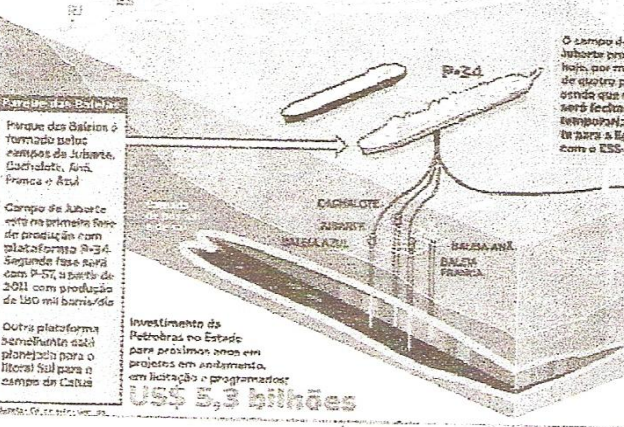
Como será

Confira os dados da exploração do pré-sal no Estado, o primeiro do país a ter esse tipo de produção

Para o pré-sal, a Petrobras prevê, entre 2009 e 2014, investimentos de US\$ 5,3 bilhões. O primeiro poço a ser perfurado terá um custo de US\$ 240 milhões. Há a Petrobras prevê um investimento em testes de US\$ 60 milhões.



No ES
Campo de Jubarote
O poço ESS-103, a 140 metros de profundidade, está sendo perfurado. O custo do poço é de US\$ 240 milhões. O poço ESS-103, a 140 metros de profundidade, está sendo perfurado. O custo do poço é de US\$ 240 milhões.



ESS-103
O poço ESS-103, a 140 metros de profundidade, está sendo perfurado. O custo do poço é de US\$ 240 milhões. O poço ESS-103, a 140 metros de profundidade, está sendo perfurado. O custo do poço é de US\$ 240 milhões.

PFSO
Um 2.000 barris por dia de produção no pré-sal será dos gases e a utilização da plataforma PFSO Capixaba que hoje está no campo de Búzios.

Petrobras
Entre 5 e 8 bilhões
O investimento em testes de US\$ 60 milhões. O primeiro poço a ser perfurado terá um custo de US\$ 240 milhões. Há a Petrobras prevê um investimento em testes de US\$ 60 milhões.

Marinha protegerá região
Ação de R\$ 15 milhões em torno das reservas de óleo servirá para afastar "presenças indesejáveis" do litoral
BRASÍLIA - A Marinha do Brasil marcou para meados de setembro, em grande operação naval no litoral sul do Rio de Janeiro, Espírito Santo e São Paulo, uma participação de pelo menos 9 mil militares e mobilização de 20 navios, 40 aeronaves e 250 outros veículos militares.

Intimação. Comunicação por carta ou por visita

Receita Federal investiga 87 empresas por sonegação

Auditorias esperam arrecadar R\$ 30 milhões em impostos devidos, multas e juros no Estado

ARRECADAR
A Receita Federal está atrás de 87 empresas. No Espírito Santo, as empresas de R\$ 240 milhões em Fisco em 2008. A ação começa em julho, com o envio das primeiras cartas. Em alguns casos, as empresas receberam a visita dos auditores. Esta é a primeira ação envolvendo todas as empresas de R\$ 240 milhões em Fisco em 2008.

das R\$ 30 milhões em impostos devidos, multas e juros. Em todo o país, serão fiscalizadas 6.000 empresas. De acordo com o Fisco, as empresas sonegaram R\$ 30 bilhões nos últimos cinco anos. Ao emitir esses valores, elas pagaram menos impostos do que deveriam. O órgão estima arrecadar R\$ 30 bilhões em impostos devidos, multas e juros. De acordo com o Fisco, as empresas sonegaram R\$ 30 bilhões nos últimos cinco anos. Ao emitir esses valores, elas pagaram menos impostos do que deveriam. O órgão estima arrecadar R\$ 30 bilhões em impostos devidos, multas e juros.

IMPOSTO

TRIBUTOS RURAIS
Receita já recebe declaração do ITR
A declaração de Imposto de Renda de Pessoa Física (DIRF) deve ser entregue até o dia 30 de setembro. O prazo para entrega termina às 23h59 do dia 30 de setembro. O prazo para entrega termina às 23h59 do dia 30 de setembro.

No Senac, você aprende novas técnicas todos os dias

- CURSOS
- Conferência de Peças Irtinas
- Máquina
- Maquiagem para Noivas
- Maquiagem de Sobrancelhas
- Messagem Corporal
- A Arte de Falar em Público
- Comercial e Protocolo para Eventos Oficiais
- Fíguro e Comportamento Social
- Marketing Pessoal e Empresarial
- Artes do Furo e Legumes para Ornamentação de Bolo
- Ornamentação de Furo com Bolos

conexão.AG
Sem amarras:
Wireless
se expande



A GAZETA

80
ANOS

Poço-escola. Experiência em Jubarte servirá de base tecnológica para a estatal brasileira



EMPREGOS.

Já são 14 mil pessoas trabalhando diretamente na atividade de petróleo



ÓLEO LEVE.

O óleo do pré-sal é de qualidade bem superior ao da camada pós-sal



EXTRAÇÃO.

É bem mais fácil: a profundidade do mar do Estado é menor



INVESTIMENTO.

A Petrobras vai rever seus investimentos aqui devido ao pré-sal

Espírito Santo inicia nova era do petróleo no Brasil

Extração do pré-sal tem importância mundial

Presidente Lula desembarca hoje no Estado para a retirada do primeiro óleo, no Litoral Sul

**DENISE ZANDONADI
E ISABELA BESSA**

■ O presidente Luiz Inácio Lula da Silva chega hoje a Vitória para celebrar a nova fronteira da exploração de petróleo nacional: a retirada

do primeiro óleo da camada de pré-sal, no poço 103, pelo litoral do Espírito Santo. Lula será acompanhado por comitiva formada por ministros e pelo presidente da Petrobras, José Sérgio Gabrielli, até a

plataforma P-34, no campo de Jubarte, Sul do Estado. A experiência atrai a atenção de todo o mundo e servirá de base tecnológica para a estatal brasileira, interessada em reduzir os custos de perfuração. Na

bagagem do presidente Lula, que deve encerrar sua visita ao Estado às 14 horas, horário do retorno a Brasília, há promessas acumuladas. Ele chega ao Estado num momento histórico para o petróleo, mas em um

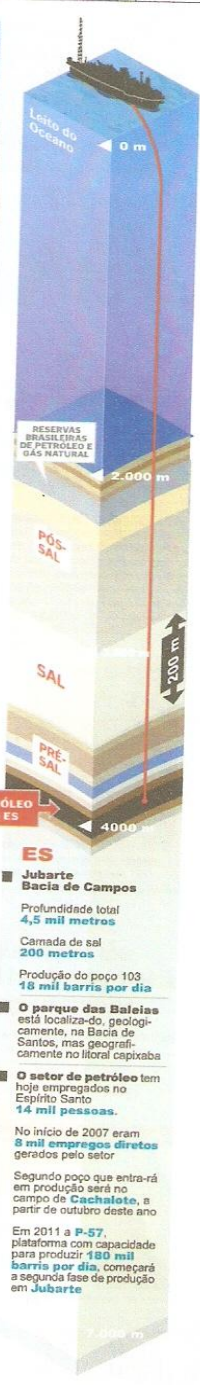
período não tão promissor para obras locais importantes, como o Aeroporto de Vitória, o metrô e o porto de Barra de Riacho, à espera do dinheiro reservado pelo governo federal. ■ PÁGS. 13 E 14

Economia

Visita de Lula

ES MARCA HISTÓRIA MUNDIAL DA EXPLORAÇÃO DO PETRÓLEO

Petrobras dá início à nova fronteira do pré-sal com poço-escola no Litoral Sul



DENISE ZANDONADI
dzandonadi@redesgazeta.com.br

■ Celebrado como a nova fronteira da exploração de petróleo do país e do mundo, o primeiro poço a produzir petróleo na camada de pré-sal será, oficialmente, inaugurado hoje pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva e pelo presidente da Petrobras, José Sérgio Gabrieli. O começo da era do pré-sal será no Litoral Sul do Espírito Santo, no campo de Jubarte, um dos cinco que compõem o Parque das Baleias.

■ Destaque para a nova fronteira petrolífera do país foi dada ontem, em entrevista coletiva concedida pelo diretor de exploração e produção da Petrobras, Guilherme Estrella. "Consideramos o poço 103 como um poço-escola, que vai permitir à companhia obter informações sobre esta camada de sal e como podemos melhorar a tecnologia e reduzir os custos para chegar ao óleo e ao gás que estão abaixo desta camada", explicou Estrella.

■ Um dos motivos para o início da produção no pré-sal ser pelo Espírito Santo é a característica do fundo do mar no Litoral Sul. Diferentemente da Bacia de Santos, onde a camada de sal tem 2 mil metros de espessura, o que eleva para mais de 7 mil a profundidade total, no Espírito Santo a camada de

sal tem 200 metros de espessura e profundidade de 4,5 mil no campo de Jubarte.

TESTE

Para o gerente executivo de exploração de produção do pré-sal, José Formigli, tanto o início da operação de Jubarte quanto o teste de longa duração no campo de Tupi, são a base para determinar as características do óleo do pré-sal, o tipo de equipamento a ser usado e a forma de desenvolver os campos. Tupi foi o primeiro campo onde foi registrada a ocorrência de óleo nesta camada ultra profunda.

Estrella e Formigli destacaram que a Petrobras já tem tecnologia tanto para explorar em Jubarte quanto em Tupi. "O que precisamos é conseguir reduzir os custos", afirmou o diretor de exploração e produção, que chegou a Vitória um dia antes de Lula e Gabrieli.

EXPERIÊNCIA

No caso específico do Espírito Santo, o começo em Jubarte foi facilitado pelo fato de que já existem quatro campos em produção na camada pós-sal. "Fizemos um poço para iniciar no pré-sal para termos mais informações e conhecimentos sobre estas novas áreas", explicou o gerente-geral da Petrobras no Estado, Márcio Felix. Ele informou que mais uma

sonda chegará ao Estado para fazer novas explorações no pré-sal. Em 2009, outras duas sondas estão previstas também para o Espírito Santo.

No Parque das Baleias, formado por cinco campos, poderá ocorrer o início da produção no pré-sal antes mesmo da reserva já conhecida no pós-sal. O gerente executivo de exploração, Márcio Carminatti, explicou que tudo vai depender das condições de cada campo.

"Só começamos a produzir em Jubarte, mas já sabemos que há reservas no campo de Cachalote e vamos iniciar a perfuração, em outubro, no campo de Baleia Azul. Se for mais interessante podemos começar pelo pré-sal", explicou. Acima da ca-

mada de sal, o óleo é pesado (17º API), enquanto que, no pré-sal, o óleo é leve e tem mais gás. O óleo leve, além de ser mais nobre, tem também melhor preço.

A atividade de petróleo já emprega 14 mil pessoas, diretamente, no Estado.

Perfuração

R\$ 1,7 bilhão

■ é quanto a Petrobras investiu na perfuração de 15 poços que atingiram as camadas pré-sal.

Vitória recebe comitivas internacionais

■ Além de trazer a Vitória uma comitiva com vários ministros, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e a direção da Petrobras decidiram transformar a solenidade que marcará o início da produção no pré-sal em um evento para ganhar espaço na imprensa. Para acompanhar a solenidade, ainda que de longe,

repórteres dos grandes jornais do Rio, São Paulo e Brasília estão em Vitória desde ontem. Jornalistas de agências internacionais de notícias também vieram ao Estado. A solenidade na plataforma P-34, prevista para começar às 9h40, será assistida pelos jornalistas pela televisão, já que a plataforma não tem condições de receber a comitiva e todos os repórteres, fotógrafos e cinegrafistas. A transmissão será feita pela Agência de Notícias da Petrobras.

ES

Jubarte Bacia de Campos

Profundidade total 4,5 mil metros

Camada de sal 200 metros

Produção do poço 103 18 mil barris por dia

O parque das Baleias está localizada, geologicamente, na Bacia de Santos, mas geograficamente no litoral capixaba

■ O setor de petróleo tem hoje empregados no Espírito Santo 14 mil pessoas.

No início de 2007 eram 8 mil empregos diretos gerados pelo setor

Segundo poço que entrará em produção será no campo de Cachalote, a partir de outubro deste ano

Em 2011 a P-57, plataformas com capacidade para produzir 180 mil barris por dia, começará a segunda fase de produção em Jubarte

PRÉ-SAL: CERTEZAS E INCERTEZAS

CERTEZAS

■ A exploração de petróleo no Estado já emprega 14 mil pessoas, um crescimento de 75% em relação ao início do ano passado, quando eram 8 mil empregos diretos

■ A Petrobras encontrou óleo leve (28º API) e gás nas Bacias de Campos e Santos

■ A camada de sal no Litoral capixaba tem cerca de 200 metros de espessura anualmente que a de Santo tem mais de 2 mil metros

■ O início da produção será feito pela plataforma P-34 no campo de Jubarte onde a mesma plataforma já produz cerca de 60 mil barris por dia de óleo pesado, acima da camada de sal

■ A companhia já encontrou indícios de óleo no pré-sal também no campo de Cachalote, no Parque das Baleias e em outros dois campos: Pirambu e Cavareú, também no Sul. Nos próximos meses a empresa começa a perfurar também no campo de Baleia Azul

INCERTEZAS

■ Não se sabe, ainda, se as reservas localizadas na camada abaixo do pré-sal serão administradas por uma empresa 100% estatal que ainda seria criada

■ Como ainda não se sabe se as novas reservas fazem parte de uma área única administrativa, se são separadas, como ocorre pós-sal

■ Se as reservas formarem uma única grande bacia petrolífera terá que haver a utilização das reservas e a produção terá que ser redistribuída a União

■ Há dúvidas quanto ao pagamento de royalties e participações especiais. O governo federal fala em mudar a cobrança dos dois benefícios dando mais direito a União

■ As informações até agora coletadas não incluem o tamanho da reserva na área do pré-sal

OTOR.AG
pecial
minhões
sam
to longe da crise



A GAZETA



Fundada em 11 de setembro de 1928 por Thiers Vellozo | Nº 27.647 Ano LXXX | Vitória (ES) | EXEMPLAR DE ASSINANTE

Publicação. Anúncio foi feito durante o lançamento da revista "Potencialidades", de A GAZETA

A maior descoberta de petróleo no Estado

Petrobras anunciou ontem a exploração de dois poços gigantes em altura, com 2 bilhões de barris de petróleo de qualidade no Litoral Sul

Uma de óleo com 300 metros de altura, semelhante aos campos da Arábia Saudita

■ A Petrobras anunciou ontem uma descoberta inédita no país: dois poços gigantes de petróleo de qualidade na camada de pré-sal marinho do Sul do Espírito Santo. A força da descoberta não está no volume das reservas, mas sim na altura delas. Os 2 bilhões de

barris de óleo estão em duas rochas porosas de 190 metros e 300 metros de altura. Só há algo semelhante na Arábia Saudita, disse o gerente da Petrobras Márcio Félix, ontem, durante o lançamento da Revista "Potencialidades", de A GAZETA. ■ PÁG. 17

Reservas nacionais Contribuição

■ A reserva brasileira com a descoberta chegará a 28 bilhões de barris. A do Estado subirá para 4,5 bilhões.

Orgulho

“A descoberta é uma dádiva dos céus. Estou no lugar certo, na hora certa”

MÁRCIO FÉLIX GERENTE DA PETROBRAS



Universidades: novas leis para fixar bolsas

Uma de cotas sociais que pode ser implantada em universidades federais aprovada pela Câmara de Deputados e já deixa algumas dúvidas. O critério de seleção - quanto define qual é a sua renda para as cotas - são os que mais preocupam as instituições, inclusive as privadas. ■ PÁGS. 3 E 4

A maior Parque Petrobras

Uma da Petrobras no município que o parque a ser criado no Bairro Vermeir a ter os 15 mil hectares. ■ PÁG. 9

A bactéria que só pode ser de risco mortal

Uma das Clínicas federais que ocorre por causa. Os pacientes são encaminhados para Unidade de Terapia Intensiva do Sul. ■ PÁG. 11

CHUVAS. PREVISÃO É DE MAIS ÁGUA...



ALERTA DE CHUVA FORTE MAU TEMPO FECHA AEROPORTO

O Aeroporto de Vitória fechou por uma hora e meia, ontem, por causa do mau tempo. A previsão é de mais chuvas no fim de semana. ■ PÁG. 10

FOTO: VITOR JUBINI

Crise global. Demanda desaquecida Samarco paralisa duas usinas de pelotização

Empresa dará férias coletivas a até 700 empregados no Estado e em Minas Gerais

■ A Samarco anunciou ontem a paralisação de duas das suas três usinas de pelotização, em

razão da crise financeira mundial. "Houve acentuado declínio na demanda", afirma a nota oficial divulgada pela empresa. Até 700 trabalhadores entrarão em férias coletivas entre 22 de dezembro e 5 de janeiro. Ontem, funcionários da ArcelorMittal fizeram manifestação por melhores salários. ■ PÁG. 20



PROTESTO. Metalúrgicos ameaçaram entrar em greve ontem, em manifestação em frente à Vale e à ArcelorMittal

A um mês do prazo TRE precisa julgar casos de 52 infiéis

■ O Tribunal Regional Eleitoral (TRE) terá de julgar, até 31 de dezembro, 52 processos de perda de mandato por infidelidade partidária. ■ PÁG. 23

Secretariado Equipe de Hartung terá mudanças

■ Os deputados Givaldo Vieira e Sargento Valter, que hoje ocupam cargos no governo, reassumirão os mandatos na Assembleia Legislativa. ■ PÁG. 24

do. Aceita... e será... ária... ado



Dia-a-dia. 16 empresários presos por vender anabolizante

■ PÁG. 12

Esporte. Bruno critica diretoria e falta de estrutura do Flamengo

■ PÁG. 32



Praça Oito. A retomada da concessão da 3ª Ponte pelo governo se tornou quase inviável, revela a colonista Andréia Lopes.

■ PÁG. 24



CLASSIFICADOS 3321-8600 ATENDIMENTO 3321-8699 VENDA DE ASSINATURA 3321-8000

SELOS PROMOÇÕES

COLEÇÃO CONCURSOS E VESTIBULAR

PÁG. 02

Economia

A diplomacia brasileira vai mobilizar as 92 delegações que participaram da 1ª Conferência Internacional sobre Biocombustíveis para a montagem de uma OMC dos biocombustíveis

Óia da Coroa

DESCOBERTA HISTÓRICA DE PETRÓLEO NO ESTADO

Reserva de 2 bi de barris está em rochas com tamanho nunca visto no país

JOÃO ZANONADI
joaozanonadi@redgazeta.com.br
joaozanonadi@redgazeta.com.br

A manhã de ontem foi classificada pelo gerente geral das operações no Estado, Márcio Félix, como a mais importante história da estatal no Espírito Santo. O motivo: a descoberta inédita de dois gigantes de petróleo leve - de excelente qualidade - na camada pré-sal do mar da Região do Espírito Santo. O inédito está no fato de que os 2 bilhões de barris de óleo estão em rochas porosas de 190 metros e 300 metros de altura, nunca vista no Brasil. O maior campo brasileiro, o Marlin, no Rio de Janeiro, tem uma rocha de 80 metros. O lugar semelhante na Arábia Saudita.

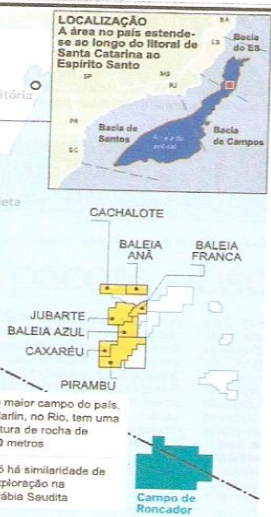
Descoberta inédita

A Petrobras encontrou óleo leve a 4,8 mil metros de profundidade, na camada de pré-sal no Sul do Estado, que equivale a uma reserva estimada de 2 bilhões de barris de petróleo. Para a Petrobras, é uma data histórica para a exploração no Estado devido às características da descoberta. Entenda

Entenda o pré-sal. É a fronteira de exploração petrolífera do Brasil, pode ter 338 bilhões de barris e fazer do país o maior detentor de reservas provadas do mundo

Início É a camada que fica abaixo de uma espessa acumulação de sal formada há 100 milhões de anos, no período da separação dos continentes americano e africano. No Brasil, as primeiras descobertas foram realizadas no ano passado nos litorais capixaba e paulista

O diferencial Os poços onde foram feitas as descobertas são duas rochas porosas gigantes. Pedra do Penedo - 136 metros



FOTOS: BERNARDO COUTINHO



POTENCIALIDADES. Rodada de convidados reuniu Márcio Félix, da Petrobras, e a deputada Rose de Freitas. Acima, Ana Paula Vescovi



POTENCIALIDADES. Márcio Félix fez anúncio durante evento de A GAZETA

do. Nos dois poços, os reservatórios foram descobertos sob a camada de sal até 700 metros e em lâminas d'água de até 1.426 metros. A profundidade desses reservatórios está entre 4.200 e 4.800 metros a partir do nível do mar.

Os novos poços ficam seis quilômetros distantes do poço descobridor, que hoje tem produção diária de 10 mil barris. O poço descobridor é aquele que inaugurou a produção de pré-sal no Brasil. A solenidade, feita com pompa pela Petrobras no dia 2 de setembro último, na Plataforma Presidente Juscelino Kubitschek (P-34), contou com a presença do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Vale lembrar que a P-34, reformada no Porto de Vitória, é a mais antiga plataforma de petróleo em operação no Brasil. No próximo ano, ela será substituída pelo FPSO Capixaba que, atualmente, está produzindo no campo de Golfinho, no Litoral Norte capixaba.

Estado será menos afetado pela crise

Essa é a avaliação da presidente do Instituto Jones dos Santos Neves, Ana Paula Vescovi

■ O petróleo e gás é uma atividade que se coloca como grande oportunidade de negócio para o Espírito Santo nesse período de crise global. Essa é a avaliação da presidente do Instituto Jones dos Santos Neves, Ana Paula Vescovi, palestrante do evento de lançamento da "Revista Potencialidades 2009", realizado ontem por A GAZETA.

que menos sofrerão, destaca. O professor Aridélmo Teixeira, que representou o movimento Espírito Santo em Ação no evento, enfatizou que uma das formas de não depender só de produtos básicos é investir na educação. "Gostaria que chegassem o dia em que a revista trouxesse o setor de educação como potencial do Estado, porque hoje infelizmente ele não é". Outra debatedora do evento, a deputada Rose de Freitas afirmou que é preciso correr contra o tempo para qualificar mais trabalhadores, principalmente para a indústria do petróleo, citando a urgência da instalação dos dez Cefetes previstos para o Estado. A Revista "Potencialidades" foi lançada ontem e vai circular com o jornal da próxima terça-feira para assinantes e venda em banca.

■ A descoberta é de óleo de grau API, e os campos estão localizados nos campos de Baleia Azul e de Jubarte, a 80 quilômetros das obras da Unidade de Tratamento de Petróleo Sul, que a Petrobras está construindo no Litoral do Espírito Santo. "Essas jóias da coroa do Espírito Santo", disse Márcio Félix, "são o potencial de pré-sal no Estado

Agora, o cliente Unimed tem uma ótica exclusiva! Na Óticas Londres, cliente Unimed só tem vantagens.

ÓTICAS LONDRES Respeita por seus olhos

VANTAGENS Unimed

Não compre óculos antes de ver na Londres.

Óticas Londres, a ótica parceira da Unimed.

10X sem entrada, sem juros e ainda, com desconto! Nos cartões de crédito*

Está no projeto. Governadores de Estados produtores temem perder receita

Lula convoca Hartung para discutir o pré-sal

RICARDO MEDEIROS - 24/3/2006

Presidente vai se reunir com governadores do Rio e do Espírito Santo, insatisfeitos com a nova lei do petróleo

DENISE ZANDONADI
dzandonadi@redgazeta.com.br

Os governadores do Espírito Santo, Paulo Hartung, e do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, ambos do PMDB, e de São Paulo, José Serra, foram convidados para discutir a proposta do marco regulatório da exploração do petróleo na camada pré-sal com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, domingo à noite, em Brasília.

A reunião, confirmada por Hartung no final da manhã de ontem, é uma tentativa do presidente Lula de apaziguar os ânimos dos governadores descontentes com a forma de condução das discussões sobre a proposta da nova legislação. Hartung e Cabral já se manifestaram contrários à possibilidade de os Estados perderem receita de royalties.

Para segunda-feira, está prevista uma cerimônia, em Brasília, onde o governo federal anunciará os detalhes da proposta do novo marco regulatório, elaborada pela comissão nomeada pelo presidente Lula e composta por representantes de ministérios, órgãos e empresas estatais.

Cabral havia decidido não participar por divergir de questões referentes à partilha dos royalties. Já Hartung alegou que não poderia estar em Brasília porque, na segunda-feira, começa em Vitória o Encontro Brasil-Alemanha, e ele deverá estar na cidade para receber o ministro da Economia da Alemanha e outras autoridades brasileiras.

Paulo Hartung disse que 50% dos royalties, hoje, já vão para a União, que os distribui para todos os Estados, de diversas maneiras. "Defendo que essa distribuição continue, mas que se mantenha, também, o pagamento de royalties dife-



DESACORDO. Hartung defende a distribuição dos royalties como está; Lula chegou a dizer que União teria mais de 70% da receita

renciados para os Estados produtores. Afinal, recebemos os impactos econômicos e sociais da atividade e, ainda, precisamos pensar no futuro sem petróleo. É justa a nossa reivindicação", disse Hartung.

DEBATE

Em meio a queixas de empresários e dos governadores, o presidente Lula disse ontem, durante discurso de 50 minutos na reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, no Itamaraty, que o governo está aberto para o debate sobre a regulamentação do pré-sal a partir de segunda-feira, quando envia ao Congresso um modelo de marco para o setor.

O presidente reafirmou que a proposta do pré-sal inclui a criação de um fundo voltado para a educação, ciência e tecnologia e ao combate à pobreza. Ele descartou pedidos para repassar parte do dinheiro do fundo para outras áreas, como a Previdência Social.

"Se a gente pulverizar o dinheiro, ele vai entrar no ralo do governo e não vai produzir nada", disse o presidente.

Nossa Opinião

O novo marco regulatório da exploração do petróleo

Um pacote obscuro

O Espírito Santo é, historicamente, o patinho feio da distribuição de verbas federais. Por onde quer que se olhe, o Estado sempre está nas últimas posições quando se trata do repasse de recursos vindos de Brasília. As verbas para Educação, Saúde, Segurança, só para ficar em três áreas fundamentais, não chegam ou, quando chegam, estão muito abaixo do necessário e justo. Pois agora, quando o destino nos presenteou com a descoberta de enorme bacia de petróleo na camada do pré-sal, o presidente Lula quer entregar para os Estados produtores um pacote pronto, cuja principal consequência é retirar dinheiro desses Estados e colocá-lo na mão da União. Lógico, pela visão do Planalto, não por coincidência o fato de o anúncio do novo marco regulatório para exploração do petróleo ocorrer às vésperas de um ano eleitoral...

Lula justifica sua proposta com o argumento de que pretende redistribuir riqueza. A intenção até pode ser boa. O problema está na execução. A

partir do momento que a enxurrada de royalties entrar no cofre da União, quem saberá exatamente onde irá parar esse dinheiro? 56 para ficar em um exemplo, a CPMF foi criada para recheir somente os cofres da Saúde e melhorar o péssimo atendimento à população. A teoria era nobilíssima, mas a prática foi desastrosa, como pode ser constatado a qualquer hora nos hospitais públicos espalhados pelo país.

Mas, além das questões financeiras e sociais, Lula falhou nas relações institucionais e democráticas. O petróleo não é do governo. É do país. Se há um novo quadro para sua exploração, criado pela descoberta das jazidas, o correto seria um debate amplo com a sociedade para o estabelecimento de novas regras de distribuição dos royalties. Inacreditável é entregar à Nação um pacote fechado, escuro como petróleo. É um desrespeito aos governadores, pares do presidente na administração do país. Mais do que isso: é um desprezo aos cidadãos, sejam eles de Estados produtores ou não.

Repercussão

Procuradora esclarece crítica a advogados

Luciana Furtado afirma que não denegriu a imagem da categoria na ação "Duty Free"

LETÍCIA CARDOSO
lcardoso@redgazeta.com.br
REDAÇÃO MULTIMÍDIA

■ A procuradora da República Luciana Furtado negou ontem ter tido a intenção de denegrir toda a categoria dos advogados, no inquérito da operação "Duty Free".

A operação desmantelou uma quadrilha responsável por fraudar atividades de importação. No inquérito, a procuradora cita que "os projetos ilícitos contam sempre com a participação de advogados, contadores e empresários especializados em inúmeras fraudes".

Ela declarou, no entanto, que as considerações dizem respeito especificamente à fraude investigada e aos dois advogados presos na operação e não à classe como um todo. Ela ressaltou que, no contexto do qual foi extraído o trecho em questão, é facilmente perceptível que a manifestação se restringe aos fatos tratados nos autos que estão sob segredo de Justiça.

De acordo com o presidente da Ordem, Antônio Genelhu, "a categoria se sentiu ofendida porque a referência foi feita de forma generalizada. Estamos preocupados com a repercussão, pois ela já causou danos à imagem do profissional", destacou.

Os advogados presos na operação são Odilon Borges, ex-presidente do Banes, e Nilda Vieira. Odilon Borges, de acordo com a Polícia Federal, operava como "lobista" da organização e estaria envolvido na fraude de uma licitação na Prefeitura de Anchieta e na obtenção de financiamentos junto ao Banes. Já Nilda Ferreira presta serviços no interior da Alfândega e também é sócia de um escritório de advocacia.

Vitrine. Evento reúne 44 revendas de automóveis, que estarão ofertando 1.500 veículos

Carro usado 30% mais barato que o zero

Seminovos com um ano de uso e pouco rodados estarão no Feirão da Arives, com preços promocionais

FERNANDA ZANDONADI
fzandonadi@redgazeta.com.br

Está aberta a temporada de compras de carros seminovos. As vantagens são muitas, dizem os especialistas: nessa época do ano, o Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores (IPVA) já está pago, as condições de financiamento estão semelhantes ao do carro zero, e o IPI reduzido (que deve permanecer nesse patamar somente até outubro) também impactou o preço dos usados.

Mas, entre tantas vantagens, o preço é o que chama mais atenção: é possível encontrar um automóvel com um ano de uso e com valor até 30% mais barato do que o zero quilômetro.

Segundo o economista Cesar Gomes, para não errar é importante que o consumidor se vincule ao mercado formal, ou seja, compre em revendas de confiança. "Antes de tudo, é preciso saber a procedência do veículo e conhecer a parte mecânica. Isso tem que ser feito em revendas que deem essas garantias. Nesses casos o desconto pode chegar a até 30% comparando com o valor do carro zero, o que é uma grande vantagem", garante.

Um fator que influencia essa queda abrupta é o lançamento

de modelos novos, com preços mais altos e atrativos diferentes. No segundo ano de uso, a depreciação diminui e chega aos 15%. A partir do quarto ano, há estabilidade, com um índice anual inferior a 10%.

"Além da depreciação, há outras vantagens. Em muitos casos, o automóvel seminovo tem acessórios complementares, como pintura metálica, som, insulfilme ou alarme. Esses produtos são cobrados no carro zero, mas saem de graça no seminovo", revela o presidente da Associação dos Revendedores Independentes de Veículos do Espírito Santo (Arives), Antonio Carlos Vieira da Silva Filho.

Segundo ele, entre os modelos seminovos mais procurados pelos consumidores estão o Gol, o Celta e o Pálio, todos 1.0.

FEIRÃO

Neste final de semana, acontece o 40º Feirão Arives será realizado no Espaço de Eventos das Chocolates Garoto em Vila Velha e no Parque de Exposições de Carapina.

A feira reunirá 44 revendas de automóveis, que estarão ofertando 1.500 veículos, com a expectativa de se atingir 45% de vendas. "O momento é propício para o consumidor, devido estar a menos de 30 dias do fim do desconto no IPI, e de poder contar com taxas de financiamento diferenciadas para esse evento", finaliza Antonio Carlos

Hora de comprar

Veja as promoções das revendedoras durante o feirão de automóveis usados, em Vila Velha e em Carapina



Preços mais em conta

Veja as ofertas de alguns revendedores

FLASH CAR - 3315-0300

R\$ 27 mil (zero km: R\$ 38,5 mil, em média)

■ **Sienna 2008, celebração, completo, com 17 mil km rodados.** R\$ 26,5 mil (zero km: R\$ 33 mil, em média)

■ **Ka básico 2006** R\$ 16 mil (zero km: R\$ 23,6 mil, em média)

■ **Ford Ka 2007, com menos de 20 mil km rodados.** R\$ 16,9 mil (zero km: R\$ 22 mil, em média)

■ **RANKING VEÍCULOS - 3200 2800**

■ **LINNUX AUTOMÓVEIS - 3322-1414**

■ **Gol com ar condicionado com um ano de uso** R\$ 22,9 mil (zero km: R\$ 30 mil, em média)

■ **Celta life 1.0, 2006.** R\$ 16,3 mil (zero km: R\$ 24 mil, em média)

■ **Sienna com um ano de uso.** R\$ 26 mil (zero km: R\$ 33 mil, em média)

■ **Corsa sedan 2007** R\$ 24,5 mil (zero km: R\$ 37,5 mil, em média)

■ **Celta 4 portas 2008, com ar condicionado, pintura metálica, CD player, alarme e insulfilme.** R\$ 22,5 mil (zero km, com acessórios incluídos, em média R\$ 28 mil).

■ **Fiesta 2007** R\$ 25,5 mil (zero km: R\$ 34,5 mil, em média)

■ **Gol 1.6 2007 completo**

Recomendações

Cuidados na compra de um usado

■ **Revendas.** Compre em revendas comprometidas com o Código de Defesa do Consumidor e tome os cuidados necessários: exigir a nota fiscal e o manual de garantia. São procedimentos mínimos para não ter problemas futuros.

■ **Pagamento.** Se a opção de pagamento for o financiamento, o prazo máximo mais vantajoso é o de três anos. O valor da prestação não deve ser superior a 20% do orçamento doméstico mensal.

■ **Antes da compra.** Antes de efetuar a compra, é necessário o aval de alguns "consumidores" particulares: o despachante, o corretor de seguros e o mecânico.

■ **Verifique.** Alguns itens fundamentais devem ser verificados: motor, freios, pneus, câmbio, alternador e fiação.

Fontes: Marcos Crivellaro, consultor e professor PHD da Fiap (www.dinheiroincivillword.com) e Associação dos Revendedores Independentes de Veículos do Espírito Santo (Arives).

Pesquise preços

Programa-se para o Feirão da Arives

■ **40º Feirão dos Revendedores de Veículos**
■ **Quando:** Hoje e nos dias 29 e 30 de agosto

■ **Onde:** Espaço de eventos das Chocolates Garoto, em Vila Velha, e Parque de Exposições de Carapina, na Serra

conexão.AG
Mais veloz:
O novo iPhone
chega às lojas



A GAZETA

Avaliação. Instituição da Região Serrana ficou entre as melhores, ao lado da Ufes, FDV e Ifes
A NOTA QUE O MEC DEU ÀS FACULDADE DO ESTADO PÁG. 3

Estado garante o dinheiro do pré-sal

Projetos do marco regulatório, enviados por Lula ontem ao Congresso, não mudam a regra de distribuição de royalties

“Vamos criar um fundo com três vertentes básicas: cuidar da educação, da ciência e da tecnologia e da pobreza”

LUÍZ INÁCIO
LULA DA SILVA
PRESIDENTE, ONTEM

“Para os capixabas, a nova lei dá garantias de investimentos. Mas, se o Estado for prejudicado, vamos brigar”

RENATO CASAGRANDE
SENADOR, APROVANDO
O MARCO REGULATÓRIO



FUTURO? Pré-candidata à Presidência, Dilma apresentou os projetos ao lado de Sarney e de Lula FOTO: RODRIGUES POZZEBOM/ABR

Repasses. Estados e municípios produtores ficam com cerca de 60% dos royalties PÁG. 13

Estatização. Nova lei recria o controle total da Petrobras: só ela poderá operar os campos PÁG. 14

A fatia da Petrobras

30% de participação

■ É quanto a Petrobras terá em cada bloco de pré-sal, ainda que uma empresa privada tenha vencido o leilão.

Na Bolsa. Mercado reage mal aos projetos, e as ações da estatal caem mais de 4% PÁG. 15

Reajuste de 8,8%
Salário mínimo deve chegar a R\$ 506

■ O salário mínimo deve ser de R\$ 506,00 no ano que vem, um aumento de 8,8%. O reajuste consta da proposta do Orçamento da União entregue ontem ao Congresso Nacional pelo ministro do Planejamento, Paulo Bernardo. Mas este valor ainda poderá ser reajustado até o fim de 2008, de acordo com os índices inflacionários. No texto orçamentário, o último do governo de Lula, o governo manteve a projeção de crescimento de 4,5% para o PIB (Produto Interno Bruto). PÁG. 10

Energia e celulose
Empresas alemãs planejam expandir produção

■ Duas empresas alemãs, a Evonik, fornecedora de peróxido de hidrogênio para a Aracruz Celulose, e a Tubos Soldados Atlântico, fabricante de produtos para gasodutos, planejam ampliar seus parques fabris no Espírito Santo. As multinacionais estão presentes no Encontro Econômico Brasil-Alemanha, que termina hoje, com o discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Outros empresários alemães que participam do evento teriam ainda interesse na construção de uma fábrica de fertilizantes. PÁGS. 16 E 17

GUTO COSTA

caderno2.AG

Os shows que vão agitar o feriadão

■ Os baladeiros de plan-tão tem um grande “trabalho” pela frente: o feriado reserva várias atrações na Grande Vitória e em Guarapari. Uma delas é o show de Lenine, de graça, na Praia de Camburi.

Caso do seguro
Gratz fica inelegível por mais oito anos

■ Recém-filiado ao PSL e articulando sua candidatura, o ex-presidente da Assembleia Legislativa José Carlos Gratz não poderá concorrer às eleições até 2017. Ele foi condenado pela Justiça em ação de improbidade, da qual não cabe mais recurso, segundo informou o cartório judicial. PÁG. 19

Mundo.



DIVULGAÇÃO

Culkin pode ser o pai do caçula de Michael Jackson

PÁG. 12

Dia a dia.

Mais uma grávida morre com a nova gripe no Estado PÁG. 5

Dia a dia.

Fumaça de maconha faz escola fechar salas de aula PÁG. 7

Dia a dia.

No DPJ de Vila Velha, 301 presos onde só cabem 36 PÁG. 9

Economia.

IBGE inicia a contratação de 382 pessoas para o Censo-ES PÁG. 18



CLASSIFICADOS

ATENDIMENTO

VENDA DE ASSINATURA

3321-8600

3321-8699

3321-8000

SELOS
PROMOÇÕES

COLEÇÃO
GUIA DE TURISMO
VIAGEM.AG

COLEÇÃO
DONA BENTA

COLEÇÃO
ATLAS AMBIENTAL

PÁG.
02

Economia

130

FUNCIONÁRIOS O ministro Edison Lobão (Minas e Energia) disse que a nova estatal Petrossal terá 130 funcionários que, excluído cargos de confiança, serão contratados por concurso.

Nova lei do petróleo

ESTADO GARANTE VERBA QUE VIRÁ COM O PRÉ-SAL

Caixa. Governo Lula recua, e Estados ganham royalties

RJ, SP e ES. Regiões produtoras ficam com 63% da arrecadação

Petrobras. Novo marco regulatório recria o monopólio

DENISE ZANDONADI
dzandonadi@reegazeta.com.br

■ A festa para anunciar ontem o novo marco regulatório da exploração do petróleo na camada de pré-sal pode ser considerada uma vitória para o Espírito Santo. O Estado, assim como Rio de Janeiro e São Paulo, que possuem grandes reservas desse tipo, não perderá nenhum centavo dos benefícios, em forma de royalties, que foram retirados do fundo do mar.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva assinou o texto que contém os quatro projetos de lei que propõem as normas para a exploração do pré-sal. O texto manteve, conforme queriam os governadores dos três Estados produtores, o pagamento dos royalties e participação especial, como prevê a atual legislação, para os campos e blocos já leiloados.

A manutenção do pagamento da forma como é feita pela legislação atual foi acertada entre os governadores Sérgio Cabral (RJ), José Serra (SP) e Paulo Hartung (ES) no domingo, durante reunião no Palácio do Planalto, que durou mais de cinco horas e meia.

Na negociação, que, segundo fontes palacianas, começou muito tensa, Lula concluiu que não era possível tirar dos Estados e municípios produtores o repasse dos royalties e participação especial. No final da reunião, o clima era mais tranquilo entre os participantes.

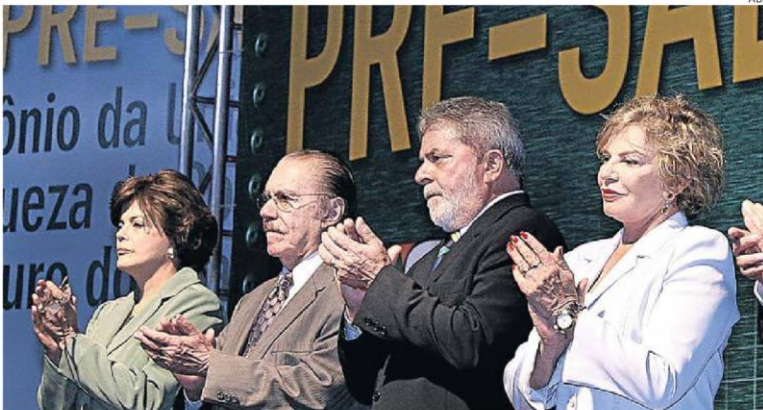
A divisão dos royalties ficou de fora da proposta que seguirá para o Congresso. Por enquanto, serão mantidos como estão. Os royalties representam entre 5% e 10% do valor obtido com a produção do petróleo e gás.

Estados e municípios produtores ficam, hoje, com 63% da arrecadação de royalties. O restante fica com a União, e é dividido para vários órgãos e ministérios. No ano passado, as companhias que exploram petróleo pagaram um total de R\$ 10,937 bilhões em royalties e participações especiais. O Espírito Santo recebeu R\$ 253,5 milhões de royalties em 2008, e os municípios receberam R\$ 258,6 milhões.

A NOVA LEI

Na solenidade de ontem, o presidente Lula apresentou quatro projetos que encaminhará ao Congresso. O primeiro cria o fundo social para gerir e distribuir os recursos provenientes das atividades de produção no pré-sal; o segundo cria a Petrossal, a empresa que irá administrar as reservas do pré-sal; o terceiro define a capitalização da Petrobras; e o quarto define o sistema de partilha dos recursos obtidos com a venda do petróleo produzido (recria o monopólio da estatal).

Mesmo com o pedido do governo federal para que tramitem em regime de urgência constitucional, os projetos encaminhados ontem só deverão ter a votação concluída em março de 2010, informou ontem o líder do governo no Congresso, Ideli Salvatti (PT-SC). O pedido de urgência define, em 90 dias, o prazo de tramitação de matérias no Congresso, mas não significa que a votação ocorra nesse prazo, já que mudanças podem ser feitas.



CERIMÔNIA. A ministra Dilma Rousseff, o senador José Sarney, o presidente Lula e a primeira dama Marisa, na divulgação do marco



O que muda no setor de petróleo

Óleo extraído será dividido entre União e vencedores do leilão

■ EXPLORAÇÃO Como é hoje

■ Sistema de concessão, no qual a empresa vencedora é dona do óleo extraído. Continua valendo nas áreas já concedidas e nas futuras licitações fora do pré-sal.

■ Como fica

■ Criado o sistema de partilha na exploração dos novos campos do pré-sal, no qual o óleo extraído é dividido entre União e vencedores do leilão

■ QUEM PODE EXPLORAR Como é hoje

■ Vence o leilão quem paga à União o maior valor de bônus de assinatura pela área licitada

■ Como fica

■ Vence o leilão a empresa que oferecer à União a maior parcela da extração de óleo do bloco licitado no caso do pré-sal e de áreas estratégicas.

■ OPERADORA DO PRÉ-SAL Como é hoje

■ O consórcio vencedor do leilão decide qual dos sócios será o operador do campo,

sendo que a ANP (Agência Nacional do Petróleo) exige que ele tenha pelo menos 30% de participação

■ Como fica

■ A Petrobras será a operadora única e exclusiva dos campos do pré-sal. Ou seja, é ela a responsável por perfurar poços e extrair o óleo. Os sócios só entram com investimentos

■ PARTICIPAÇÃO DA PETROBRAS Como é hoje

■ Hoje, a estatal não tem nenhuma participação garantida. Tem de disputar os leilões normalmente

■ Como fica

■ A estatal terá uma participação mínima garantida de 30% nos consórcios

■ ESCOLHA DIRETA DA PETROBRAS Como é hoje

■ A Petrobras tem de disputar os leilões para ganhar o direito de exploração dos campos

■ Como fica

■ O novo marco abre a

possibilidade de a Petrobras ser contratada exclusivamente, sem licitação, para explorar

■ NOVA ESTATAL Como é hoje

■ Não existe empresa que represente a União

■ Como fica

■ Governo cria a Petrossal, empresa que irá gerir a riqueza do pré-sal, mas não fará investimentos

■ CAPITALIZAÇÃO Como é hoje

■ Valor de mercado da Petrobras hoje é de R\$ 320 bi

■ Como fica

■ União vai capitalizar a estatal com a cessão de direitos de exploração de campos de sua propriedade para a Petrobras, num volume limitado a 5 bilhões de barris. O governo espera fazer aporte de R\$ 100 bilhões com essa operação

■ RENDA DO PETRÓLEO Como é hoje

■ Hoje, a renda do petróleo vem da cobrança de

impostos como royalties e participação especial

■ Como fica

■ Toda a renda obtida com a venda do óleo dos campos do pré-sal pertencente à União será destinada a um Fundo Social e Ambiental, para investimentos no Brasil e no exterior. Parte dos ganhos vai para educação, combate à pobreza, inovação e cultura

■ ROYALTIES Como é hoje

■ Royalties têm alíquota de até 10% sobre a produção, com divisão que beneficia os Estados e municípios produtores. Participação especial é cobrada da receita líquida do campo, com as alíquotas indo de 0% a 40%. Da arrecadação, 40% vai para Estados produtores

■ Como fica

■ Governo quer mudar a distribuição dos royalties e extinguir a participação especial. Recuou depois de pressão dos governadores

ABR

O dinheiro

Estados que mais receberam participação especial

0,31%* RN

0,13% SE

0,74% AM

0,01% BA

5,44% ES

93,37% RJ

Estados que mais receberam royalties (até julho de 2009)

3,7% SE

6,2% RN

0,17% SP

1,31% AL

5,26% AM

0,49% CE

6,4% BA

6,35% ES

70,12% RJ

Fonte: Agência Nacional do Petróleo.
(*) Falta do montante total de repasses

E EU COM ISSO?

Contexto

■ Para os capixabas, a nova lei será benéfica, porque o pagamento de royalties e de participações especiais continuará da mesma forma. Ou seja, os principais municípios produtores receberão a riqueza do óleo do pré-sal, que poderá ser mais rentável do que a do pós-sal.

■ Em relação aos novos investimentos que podem ser feitos no Estado e no país, ainda há uma dúvida: será que a nova lei irá afastar os investidores? Isso pode significar menos investimentos nos próximos anos, caso a Petrobras não venha a investir sozinha.

■ Outro ponto que toca a vida dos cidadãos é o valor das ações da Petrobras. Muita gente investiu o FGTS nos papéis. Se o governo fizer uma capitalização na Petrobras, emitindo novas ações para captar recursos, os acionistas poderão receber menos dividendos.

Economia

4 COMISSÕES ESPECIAIS Serão criadas pelo presidente da Câmara, Michel Temer, para analisar os projetos que regulamentam a exploração do petróleo na camada do pré-sal.

Visita do presidente

LULA DIZ QUE CONGRESSO NÃO VAI REDUZIR ROYALTIES

Preocupado com mudanças, Hartung mobiliza bancada para garantir renda

DENISE ZANDONADI
dzandonadi@redgazeta.com.br

■ O presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou ontem, em Vitória, acreditar que o Congresso Nacional não vai reduzir os ganhos dos Estados produtores de petróleo na cobijada camada de pré-sal. "Eu não acredito que tenha, dentro do Congresso, alguém que tenha na cabeça a ideia de diminuir os ganhos que os Estados estão tendo hoje", disse ele, que veio à Capital para o encerramento do 27º Encontro Econômico Brasil-Alemanha. Depois do encerramento do encontro, no Centro de Convenções de Vitória, em Santa Lúcia, que trouxe ao Estado 170 empresários alemães e mais de 900 brasileiros, Lula falou aos jornalistas sobre os quatro projetos de lei do novo marco regulatório do pré-sal, enviados ontem ao Congresso Nacional. Lula também

disse acreditar que o regime de urgência dos quatro projetos não vai dificultar sua tramitação, a despeito dos partidos de oposição terem estimado que esse processo poderia demorar até dois anos. De acordo com ele, o regime de urgência foi um pedido unânime dos líderes dos partidos da base. "Eu não sei qual é o tempo que o Congresso vai querer debater. Eu acho que quanto mais tempo nós demorarmos, mais tempo a gente vai ficar sem tirar proveito da riqueza que nós encontramos", afirmou Lula, antes de embarcar para o Rio de Janeiro, onde cumprirá outros compromissos antes de viajar de

volta para Brasília.

BANCADA

A preocupação com a possibilidade de modificação dos textos pelos parlamentares também foi manifestada pelo governador Paulo Hartung. Ele acredita que agora o trabalho deve ser intensificado com as bancadas de cada Estado produtor de petróleo. Hartung co-

meça a trabalhar o assunto na sexta-feira, às 8 horas, no Palácio Anchieta, quando reunirá deputados federais e senadores para um café da manhã. Na ocasião, ele pretende mostrar aos parlamentares o que é importante para o Estado no novo marco regulatório do pré-sal. Mesmo considerando que,

durante a tramitação no Congresso, os projetos enviados ontem poderão sofrer modificações, Hartung disse que, assim como o presidente Lula, acredita na manutenção dos direitos dos Estados produtores. "É uma questão constitucional. Os Estados que produzem petróleo devem ter tratamento diferenciado", afirma. Isso significa que os blocos localizados na camada de pré-sal já leiloados, o sistema de pagamento de royalties e a participação especial continuam os mesmos. Nas áreas novas, será preciso elaborar um novo projeto de lei, que será encaminhado ao Congresso Nacional em data ainda não definida.

Estado produtor pode perder, ainda que pouco

■ Embora o governo tenha recusado a proposta de redistribuição dos royalties do pré-sal, a proposta enviada ao Congresso prejudica Estados e municípios produtores na arrecadação com as reservas que serão vendidas à Petrobras. O texto informa que os até 5 bilhões de barris que serão comprados pela estatal não terão incidência de participação especial, tributo cobrado sobre campos de grande produção que representa metade da arrecadação do Estado do Rio, por exemplo, com o petróleo. O presidente da Petrobras, José Sérgio Gabrielli, disse que a medida tem como objetivo evitar a depreciação das reservas.



MESA DE NEGÓCIOS. Hartung e Lula conversaram sobre pré-sal durante o 27º Encontro Econômico Brasil-Alemanha, que reuniu empresários europeus e autoridades dos dois países

EDSON CHAGAS

Os efeitos da nova lei do petróleo

Pontos importantes do projeto que foi encaminhado ao Congresso, e o que o presidente Lula disse sobre o pré-sal ontem

Monopólio de volta

Petrobras será a única operadora do pré-sal

■ **MODELO DE EXPLORAÇÃO**
Cria o sistema de partilha de produção na exploração dos novos campos do pré-sal, no qual o óleo extraído é dividido entre União e empresas vencedoras do leilão

■ **QUEM GANHA O DIREITO DE EXPLORAR O BLOCO**
Vence o leilão a empresa que oferecer à União a maior parcela da extração de óleo do bloco licitado no caso de pré-sal e de áreas estratégicas

■ **QUEM É A OPERADORA**
A Petrobras será a operadora única e exclusiva dos campos-responsável por perfurar poços e extrair o óleo. Os sócios, quando houver, só entram com investimentos

■ **PARTICIPAÇÃO**
A estatal terá participação mínima garantida de 30% nos consórcios para explorar o pré-sal, podendo participar dos leilões para elevar esse percentual

■ **ESCOLHA DIRETA**
O novo marco regulatório abre a possibilidade de a Petrobras ser contratada exclusivamente, sem licitação, para explorar campos

■ **NOVA ESTATAL**
Governo cria a Petro-Sal, empresa que irá gerir a riqueza, participando dos

comitês operacionais dos campos, mas não sendo operadora nem fazendo investimentos para exploração

■ **RENDA DO PETRÓLEO**
Toda a renda obtida com a venda do óleo dos campos do pré-sal pertencente à União será destinada a um Fundo Social e Ambiental, que será usado para investimentos no Brasil e no exterior. Parte de seus ganhos será aplicada em educação, combate à pobreza, inovação tecnológica, sustentabilidade ambiental e cultura

■ **ROYALTIES**
Os Estados produtores mantêm os benefícios. O governo queria mudar a distribuição dos royalties e extinguir um dos tributos pagos pelas empresas. Recuou depois de pressão dos governadores

■ **CAPITALIZAÇÃO**
União vai capitalizar a estatal com a cessão de direitos de exploração de campos para a Petrobras, num volume limitado a 5 bilhões de barris. O governo espera fazer aporte de R\$ 100 bilhões com essa operação, na busca de dar suporte financeiro à estatal e aumentar sua parcela na riqueza, participando dos

Altos e baixos

A nova lei beneficia mais a União e menos as empresas privadas

↑ + QUEM GANHA

■ **União.** Pelo regime de partilha, ficará com a maior parte do petróleo extraído do pré-sal

■ **Modelo.** As novas regras preveem uma intervenção maior do Estado na economia

■ **Nova estatal.** projeto de lei vai criar nova empresa que terá seus diretores escolhidos pelo presidente Lula. A Petrossal vai ditar o ritmo de produção e vai ter poder para

fiscalizar as empresas que operarem os campos

■ **Estados não-produtores.** mesmo sem ter petróleo no pré-sal, deverão receber recursos e mais investimentos da União

■ **Ministra Dilma.** Sai fortalecida como candidata do presidente Lula. Depois de "mãe do PAC", ela é a "mãe do pré-sal"

■ **Petrobras.** Ganha direito de operar em todos os blocos do pré-sal e pode ficar com até 30% de participação

↓ - QUEM PERDE

■ **Empresas.** ficam com poder restrito para ganhar dinheiro explorando petróleo. Desde a quebra do monopólio, em 97, muitas multinacionais vieram para cá e agora algumas podem reduzir investimentos

■ **Modelo de mercado.** as novas regras enterram o modelo criado há mais de 11 anos e que era um dos mais bem-sucedidos do mundo

■ **Estados produtores.** Rio,

Espirito Santo e São Paulo conseguiram que o presidente Lula deixasse para o Congresso definir a regra da fatia de recursos (royalties), mas vão ter que lutar para conseguir manter uma boa fatia desse dinheiro

■ **Oposição.** vai ter que driblar o rolo compressor da base aliada pela divisão dos recursos do petróleo e evitar que as regras do pré-sal sejam usadas como dividendo político em ano de eleição

Fontes: inforoyalties, Agência Nacional do Petróleo e Fundação Getúlio Vargas

O discurso do presidente

O que Lula disse ontem, durante visita ao Estado

“ Nós não temos que ter preocupação sobre o dinheiro do pré-sal. Porque eu não acredito que tenha dentro do Congresso Nacional alguém que tenha na cabeça a ideia de diminuir os ganhos que os Estados da Federação estão tendo hoje”

“ Por unanimidade dos líderes, eles pediram para fazer projeto de lei de urgência. Agora a bola é do Congresso Nacional, a vez é do Congresso Nacional. Quem sou eu, um humilde presidente, para ter qualquer interferência no debate que está dentro...”

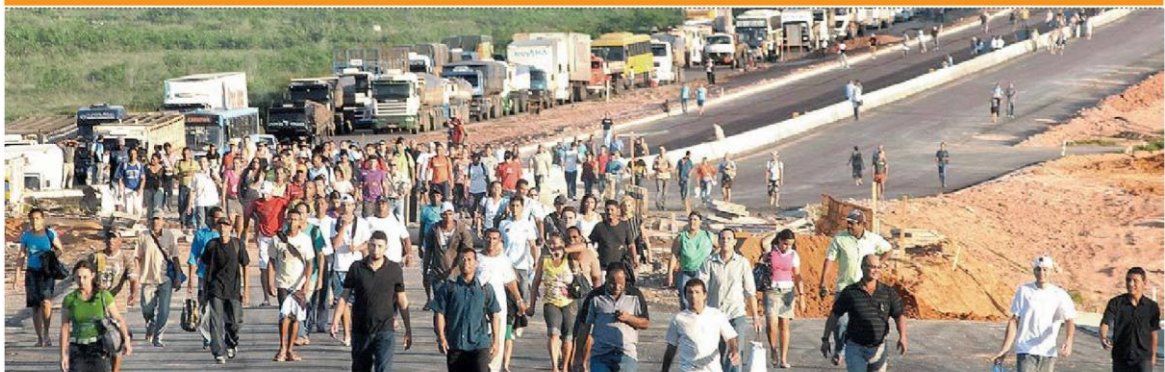
“ A Petrobras tem um papel importante, gente. A Petrobras é a empresa que tem mais tecnologia no mundo. É um privilégio a Petrobras ter 30% em todos os blocos, porque eu acho que a Petrobras tem competência para exercer essa função, de ser a única operadora”

“ O papel do governo é como o papel de uma mãe. Tem que tratar todos com muito carinho. Não deixar faltar nada para ninguém. E jamais uma mãe iria descobrir um filho para cobrir outro. O que nós precisamos é aumentar esse cobertor ou colocar todo mundo mais juntinho”

Gazetinha.AG

Vem com tudo
Invasão dos
japoneses

A GAZETA



**PROTESTO DEIXA CONTORNO PARADO POR 5 HORAS
MORADORES FECHAM RODOVIA**

Moradores do bairro Jardim Carapina, na Serra, interditaram a Rodovia do

Contorno ontem, por mais de cinco horas, em protesto contra a falta de um trevo

para entrada no bairro. Por causa da manifestação, o trânsito ficou lento em

diversos pontos da Grande Vitória durante a manhã. **• PÁG. 4** / FOTO: NESTOR MÜLLER

Nas trincheiras. Bancada vai buscar apoio do Rio e de São Paulo

Estado se arma para brigar pelo dinheiro do pré-sal

Deputados, senadores e governador querem manter direitos sobre royalties das descobertas

■ Com a chancela do governo estadual, deputados federais e senadores da bancada capixaba montaram uma frente para brigar pelo dinheiro do pré-sal no Congresso Nacional. O grupo quer manter os direitos do Es-

pírito Santo, relativos aos repasses de royalties e de participações especiais, nas novas explorações. A intenção é acompanhar de perto a votação dos quatro projetos de lei criadores do marco regulatório, que já estão tramitando

na Câmara. "Precisamos desmontar esse verdadeiro cabo de guerra criado entre Estados produtores de petróleo e os não-produtores", explicou o governador Paulo Hartung, que convocou os representantes para uma reunião, on-

tem, no Palácio Anchieta. O grupo agora quer o apoio da bancada dos demais Estados produtores, Rio de Janeiro e São Paulo, que abrigam as descobertas feitas até agora na camada de petróleo do pré-sal. **• PÁG. 13**

Sem patente

Viagra pode ficar 35% mais barato

■ O Viagra, famoso medicamento para impotência sexual, é um dos remédios que perderão a patente no fim deste ano - podendo, assim, ser fabricado por mais de um laboratório, inclusive como genérico. Quem sairá ganhando é o consumidor, que terá cerca de 25 remédios até 35% mais baratos. **• PÁG. 5**

Internet mobilizou

Chávez é alvo de protesto no mundo

■ Milhares de pessoas saíram às ruas de pelo menos 10 cidades do mundo - incluindo São Paulo - para protestar contra o presidente venezuelano Hugo Chávez. A manifestação, que foi convocada pela internet, mobilizou até o presidente de Honduras, Roberto Micheletti. **• PÁG. 20**



**CAMPEONATO BRASILEIRO
CONTRA A QUEDA,
FLU RECORRE À FÉ**

Aos pés do Cristo Redentor, tricolores promoveram ontem missa para manter a

esperança de salvação do time no Brasileiro. **• PÁG. 22**
FOTO: CARLOS MORAES/AE

caderno2.AG



Leitura em alta. Pesquisa recente aponta o crescimento do mercado editorial brasileiro. Best-sellers como "Crepúsculo" (foto) lideram a preferência do público.

Brasil no Oscar.

O Ministério da Cultura divulgou os dez filmes nacionais inscritos para disputar uma indicação ao Oscar de Filme Estrangeiro.

Esporte.

Na luta para deixar a zona, Botafogo pega o Sport hoje

• PÁG. 23

Esporte.



Descontraído, Brasil encara uma Argentina pressionada

• PÁG. 24

Gestão do dinheiro

Veja as cidades que mais investem

A campeã

R\$ 197,5 milhões

■ Quanto Vitória investiu em 2008. Em toda a série histórica do ranking, a Capital só não foi a primeira colocada em 2005.

■ As 78 cidades do Espírito Santo investiram R\$ 1,05 bi em 2008. A cifra é 18,7% superior à registrada em 2007. Os dados do anuário "Finanças dos Municípios Capixabas" apontam que Vitória, Serra, Vila Velha e Linhares foram as que mais aplicaram recursos. **• PÁG. 14**

Janete de Sá

Deputada condenada à perda do mandato

■ A deputada estadual Janete de Sá foi condenada à perda da função pública e à suspensão dos seus direitos políticos por oito anos em decorrência de ação de improbidade. Em 2006, assessores dela foram flagrados comprando cerveja em um posto de gasolina com um carro oficial da Assembleia. **• PÁG. 17**

Beijo na boca

Imagem de TV mostra italiano e a filha

■ A Polícia Civil requisitou ontem ao bar Croco Beach, em Fortaleza (CE), as fitas com as imagens do circuito interno de TV que mostram o italiano acusado de beijar a filha de oito anos na boca. O estrangeiro aguarda decisão da Justiça sobre um pedido de relaxamento da prisão. **• PÁG. 11**



CLASSIFICADOS 3321-8600 ATENDIMENTO 3321-8699 VENDA DE ASSINATURA 3321-8000

SELOS
PROMOÇÕES

COLEÇÃO
GUIA DE TURISMO
VIAGEM.AG

COLEÇÃO
DONA BENTA

COLEÇÃO
ATLAS AMBIENTAL

PÁG.
02

Economia

3,098

BILHÕES DE REAIS. Foi a captação da caderneta de poupança (diferença entre depósitos e saques) em agosto, segundo o Banco Central (BC). Esse foi o 2º melhor resultado do ano.

Forças. "Precisamos desmontar esse cabo de guerra criado entre os Estados", disse Hartung

Estado se arma para batalha pelo pré-sal no Congresso

Deputados e senadores da bancada capixaba apoiam governo estadual na briga pelos royalties

DENISE ZANDONADI
denise.zandonadi@negocios.com.br

■ Deixando de lado as diferenças políticas, os deputados federais e senadores da bancada capixaba fecharam posição com o governo do Estado em relação aos quatro projetos do novo marco regulatório do pré-sal, que já está tramitando no Congresso Nacional.

Em reunião ontem pela manhã, no Palácio Anchieta, o governador Paulo Hartung e a bancada - com exceção do senador Magno Malta (PR) e dos deputados Suelly Vidigal (PDT) e Capitão Assunção (PSB) - discutiu uma posição conjunta do Espírito Santo.

"Começamos pelo fato de que precisamos desmontar esse verdadeiro cabo de guerra criado entre Estados produtores de petróleo e os não-produtores", explicou Hartung.

A atitude conjunta dos capixabas, explicaram Hartung, o senador Gerson Camata (PMDB) e o deputado Luiz Paulo Vellozo Lucas (PSDB), tem que ser articulada, por sua vez, com as bancadas dos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, principalmente, que são os três onde foram feitas descobertas na camada de pré-sal até agora.

O que será defendido, segundo Hartung, é que o sistema de divisão de royalties e participação especial (PES), atualmente em vigor, seja mantido e continue sendo aplicado no pré-sal. Sendo assim, o que deveria ser dividido com os Estados e municípios não-produtores é parte do que é recebido pela União.

"A primeira batalha, que foi incluir o artigo para manter o pagamento de royalties e de participações especiais como é feito atualmente, nós ganhamos. Agora, precisamos articular para conseguir manter esse direito no pré-sal", afirmou o governador.

CONSTITUIÇÃO

Ele assegurou, assim como os parlamentares, que o pagamento de royalties e de PES está assegurado na Constituição federal, como prevê o parágrafo 1º, do artigo 20. O pagamento de royalties está previsto para o extrativismo mineral, que engloba também a produção de petróleo.

Para o governador, o regime de urgência estabelecido para a tramitação dos quatro projetos não é o fator mais importante. "A tramitação é que vai dizer se é urgente ou não, ou se é importante ou não", acredita.

Estiveram presentes os senadores Renato Casagrande (PSB) e Gerson Camata (PMDB), além dos deputados federais Iriny Lopes (PT), Luiz Paulo Vellozo Lucas (PSDB), Lelo Coimbra (PMDB), Rita Camata (PMDB), Jurandyr Loureiro (PSC), Rose de Freitas (PMDB), Carlos Manato (PDT) e Camilo Cola (PMDB).



BANDEIRA. Grupo quer que o sistema de divisão de royalties e de participações especiais continue sendo aplicado no pré-sal

Propostas para o pré-sal

■ MODELO DE EXPLORAÇÃO

Cria o sistema de partilha de produção na exploração dos novos campos, no qual o óleo extraído é dividido entre União e empresas privadas vendedoras do leilão. A Petrobras, estatal brasileira, será a operadora única e exclusiva dos campos

■ FUNDO SOCIAL

A renda obtida com a venda do óleo dos campos pertencente à União será destinada a um Fundo Social Ambiental, que será usado para investimentos no Brasil e no exterior. Parte dos ganhos será aplicada em educação, combate à pobreza, inovação tecnológica, ambiente e

cultura

■ NOVA ESTATAL

Governo cria a Petro-sal, empresa que irá gerir a riqueza, participando ativamente dos comitês operacionais dos campos, mas não sendo operadora nem fazendo investimentos para exploração

■ CAPITALIZAÇÃO

União vai capitalizar a estatal com a cessão de direitos de exploração de campos para a Petrobras, num volume limitado a 5 bilhões de barris. O governo espera fazer aporte de R\$ 100 bilhões com a operação, para dar suporte financeiro à estatal e aumentar a parcela no capital da empresa

Lula defenderá o pré-sal em discurso na TV

■ O presidente Luiz Inácio Lula da Silva fará, no próximo domingo, o pronunciamento de 7 de setembro. Desta vez, porém, o principal assunto de sua fala será o pré-sal. Lula aproveitará o mote das comemorações para passar a mensagem de que a descoberta de petróleo na camada pré-sal é uma nova independência do Brasil. O pronunciamento será em cadeia nacional e irá ao ar entre 20h e 21h.



Números

US\$ 111 bilhões

■ É quanto a Petrobras pretende gastar, até 2020, na produção de 1,815 milhão de barris de petróleo no pré-sal.

29 sondas

■ É o número de sondas que a estatal terá até 2012, para perfurar em águas profundas.

Ela disse

“Queremos que a maior parte da riqueza fique com o Brasil, com seu povo, e, obviamente, tenha o controle do Estado e não fique para empresas privadas ou estatais de outros países”

DILMA ROUSSEFF
MINISTRA DA CASA CIVIL

Controle estatal pode afetar ações

Aumento da participação do governo na Petrobras deve prejudicar a gestão da empresa

BRASÍLIA

■ O eventual aumento da fatia do governo na Petrobras pode afastar a estatal das boas práticas de governança corporativa, o que, segundo especialistas, terá impacto negativo no preço das ações.

"A operação como foi desenhada tem como pano de fundo

diluir os minoritários. (...) É óbvio que os acionistas vão precificar isso", alertou Edson Garcia, superintendente da Associação de Investidores do Mercado de Capitais (Amec).

Representantes do governo têm comentado a intenção de elevar a participação estatal na companhia. O próprio presidente Luiz Inácio Lula da Silva revelou, no dia do anúncio dos projetos para o pré-sal, que o governo tem interesse em comprar as sobras de ações no processo de capitalização.

Com 32,2% de participação, a

União já tem hoje poder de mando da empresa. Mas o mercado vê no interesse demonstrado pelo governo o propósito também de aumento da ingerência política na empresa.

Especializado em direito econômico e empresarial, o advogado José Ricardo Bastos Martins, outro que prevê reflexos negativos para as ações da estatal. "Se as decisões sobre o futuro da companhia não forem tomadas exclusivamente com base no que seria melhor para a empresa, mas, sim, para o governo federal, com certeza haverá

confusão no mercado e muitos riscos. A consequência poderá ser uma queda no valor das ações da Petrobras", diz.

Mesmo com o aumento da União, especialistas explicam que a Petrobras continua sendo uma sociedade de capital misto, onde os acionistas minoritários têm o direito de eleger um representante no conselho de administração.

O conselho da Petrobras tem nove membros, sendo sete indicados pelo governo e dois por acionistas detentores de ações ordinárias e preferenciais.

Área capixaba do pré-sal é de 10,5 mil km²

■ No encontro do governador Paulo Hartung com a bancada federal, que ocorreu durante o café café da manhã oferecido no Palácio Anchieta, o gerente de operações da Petrobras no Espírito Santo, Fernando Taboada, fez uma explanação sobre a área do pré-sal no litoral capixaba. Segundo Taboada, a produção do pré-sal no Espírito Santo, iniciada dia 2 de setembro do ano passado, já está na casa dos 20 mil barris por dia. A primeira produção no pré-sal no país começou no Parque das Baleias, no Litoral Sul do Estado, abaixo da camada do pós-sal, no campo de Jubarba. A área total conhecida de campos de pré-sal no Estado é de 10,5 mil quilômetros quadrados, sendo que 28% desse total já foram concedidos para exploração.

A TOQUE DE CAIXA

Análise

MAURÍCIO TOLMASQUIM
Presidente da Empresa de Pesquisa Energética (EPE)

■ O presidente da EPE, Maurício Tolmasquim, disse ontem ser "perfeitamente possível" que o Congresso discuta e aprove as regras do pré-sal num prazo máximo de 90 dias. Segundo ele, apesar de a elaboração das regras ter ficado restrita à Comissão Interministerial, o "debate foi estendido à toda a sociedade pelos jornais". "Houve muito pouca surpresa no que foi anunciado. Praticamente tudo já vinha sendo nos jornais, e essas notícias foram acompanhadas por análises de especialistas", comentou. Indagado sobre as críticas das indústrias de que não foram convidadas para participar das discussões sobre o tema, Tolmasquim retrucou usando mais uma vez o exemplo dos debates via imprensa. "A indústria tem dado opiniões ao longo do processo e poderá fazer isso também no Congresso. O tempo estipulado em 90 dias é suficiente para se discutir e fazer alterações. Não precisa de um tempo muito longo para que as entidades se manifestem", comentou em entrevista coletiva após participar de seminário sobre energia no Rio.

Foto: André Coelho
Agência O Dia -
Toque da Casa, na foto,
o chef José Hugo Celidônio.

COM AS RECEITAS DO CHEF JOSÉ HUGO CELIDÔNIO
VOCÊ PODE ESCOLHER UM ACARAJÉ, UM SARAPATEL
OU UMA CALDEIRADA NO DOMINGO.

AGUARDE.



Últimas Notícias

Vigilante depõe sobre crime. Osvaldo Ferreira prestou depoimento ontem à noite como suspeito da dupla tentativa de homicídio, em Porto de Santana, Cariacica, no domingo.

Royalties do pré-sal. Espírito Santo, Rio e São Paulo foram os que mais perderam com nova divisão

Relatório propõe redução da verba do pré-sal para produtor

Henrique Alves amplia parcela para demais Estados e municípios e beneficia União

BRASÍLIA

■ O deputado Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN)

propõe em seu relatório sobre o projeto que altera o marco regulatório para a exploração de petróleo na camada pré-sal menos recursos para os estados e municípios produtores. O deputado apresentou o parecer sobre o projeto na noite de ontem e os maiores prejudicados foram o Espírito Santo, Rio

de Janeiro e São Paulo. Como houve pedido de vistas, a votação do relatório só deve acontecer na próxima semana.

Pressionado pelo governo federal, Alves fez uma redução menor do que chegou a anunciar nos recursos destinados à União e aumentou a participação dos demais estados e municípios. Ele ainda acabou com a participação especial, mas uma vez beneficiando a União em detrimento dos estados. O relatório entra na questão da partilha de recursos mesmo após o presidente Luiz Inácio Lula da Silva ter deixado o tema de fora a pedido dos governadores dos estados produtores, Sérgio Cabral (PMDB-RJ), Paulo Hartung (PMDB-ES) e José Serra (PSDB-SP).

DIVISÃO DO BOLO

Atualmente, o máximo de royalties que pode ser cobrado na produção de petróleo é 10%. Este valor é dividido com 40% para a União, 22,5% para estados produtores, 7,5% para municípios produtores, 7,5% para os municípios afetados pela produção e outros 7,5% para um fundo especial que redistribui os recursos entre todos os estados e municípios. Existe ainda a participação especial, que é cobrada em campos de grande produção e pode chegar a 40% do total da pro-

Divisão dos royalties

	Como é hoje	Projeto
Estados produtores	22,5%	18%
Fundo para Estados e municípios	7,5%	44%

Rio ameaça recorrer à Justiça contra relatório

■ O deputado Miro Teixeira (PTF-RJ) afirmou ontem à noite que o estado do Rio de Janeiro pode ir ao Judiciário caso a nova divisão dos royalties para a exploração do pré-sal proposta pelo relator, Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN), seja aprovada. A nova divisão retira recursos de estados e municípios produtores e beneficia a União

e os outros entes da federação. "O Rio de Janeiro perde muito e temos que lutar com os meios democráticos que temos para garantir os direitos do estado do Rio de Janeiro. Isso acaba com a segurança jurídica e pode acontecer amanhã com qualquer unidade da federação. Tenho certeza que isso acabará na Justiça", disse Teixeira. Além do menor percentual de royalties destinados aos estados produtores, o relatório de Alves acaba com a participação especial. (AG)

dução. Os estados e municípios produtores recebem quase a metade destes recursos.

Em seu relatório, Alves acaba com a participação especial. Isto beneficia a União porque no modelo de partilha a própria União ficará com uma parte da produção. Se a participação fosse cobrada, a União teria que pagar esta espécie de tributo e acabaria repassando

recursos para os estados e municípios produtores. "Estamos fazendo uma verdadeira revolução na divisão dos royalties", disse o relator.

Alves amplia o máximo de royalties de 10% para 15% e faz uma nova divisão destes recursos. Pela proposta, os estados produtores passariam a receber 18% do total de royalties. Os municípios produtores ficariam

com 6%. Os municípios afetados pela produção ficariam com 2%. A União passaria a ter 30%, enquanto 44% seria dividido entre todos os estados e municípios com base no Fundo de Participação dos Estados (FPE) e dos Municípios (FPM).

Outra mudança feita pelo relator diz respeito ao bônus de assinatura dos contratos para a exploração de petróleo no pré-sal. Atualmente, todo o bônus é da União. Pelo relatório, a União ficaria com 90% e os outros 10% seriam distribuídos entre estados e municípios.

O relator acatou em seu parecer ainda uma sugestão do presidente da Agência Nacional de Petróleo (ANP), Haroldo Lima, sobre os chamados campos marginais, que tem reserva provada de petróleo ou gás natural de no máximo um milhão de barris.

Pela proposta, os concessionários deverão ceder os direitos sobre estes campos marginais para pequenas e médias empresas do setor. A ANP estabelecerá as regras e poderá determinar que estes campos não terão de pagar royalties.

Alves avança também na questão da divisão de royalties para a exploração de petróleo em terra. Ele aumenta novamente o valor que será destinado a todos os estados e municípios. (Agência Globo)

SALDÃO

Castel

Casas Santa Terezinha

SÓ ATÉ 31/10

APROVEITE!

Cobreleito Kacyumara



COM PORTA-TRAVESSEIRO

Soteiro:
de: R\$ 168,00
por: **R\$ 128,00** cada

Casal:
de: R\$ 228,00
por: **R\$ 168,00** cada

Queen:
de: R\$ 268,00
por: **R\$ 198,00** cada

100% ALGODÃO 150 FIOS

Cobertor Caixa Laranja



Casal:
de: R\$ 138,00

por: **R\$ 98,00** cada

FATEX

Toalha Buddemeyer



Banho:
de: R\$ 29,80

por: **R\$ 19,80** cada

Rosto:
de: R\$ 14,80

por: **R\$ 9,80** cada

Buddemeyer

Castel

Casas Santa Terezinha

Ofertas válidas até 31/10/09 ou enquanto durar o estoque. Financiamento sujeito à aprovação de crédito. As fotos utilizadas no anúncio são ilustrativas. Todo o estoque em até 5 vezes sem juros.

3132-1333 | www.castel-es.com.br | castel@castel-es.com.br



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL DE PRIMEIRO GRAU
SEÇÃO JUDICIÁRIA DO ESPÍRITO SANTO

AVISO DE LICITAÇÃO
Pregão Presencial n.º 12/2009 –
Processo 6.287/08/2009-EOF

OBJETO: Contratação de empresa especializada para o fornecimento de passagens aéreas para a Seção Judiciária do ES.
DATA E HORA DA ABERTURA: 13/11/2009, às 13:00 h.
LOCAL: Rua São Francisco, 52, Sala de Licitações, Andar 15, Cidade Alta, Vitória, ES.
OBS: Cópias do Edital e Anexos disponíveis no endereço acima ou no site www.jfes.jus.br. Maiores informações pelo tel. (027) 3183 5105 e fax 3183 5094.

Juliana Silva Prado Luchi
Supervisora da Seção de Licitações

RÁPIDA

VILA VELHA
Motoqueiro morre em acidente

■ No bairro de Aribirí, em Vila Velha, um ônibus, placas MRJ 7684, colidiu com uma moto, placas MSW 9923, pilotada por Wagner Cabral Pereira, na rua São Luiz, próximo da antiga Escelsa. O acidente aconteceu no início da noite de ontem e o motociclista foi levado em estado grave para o Hospital Antônio Bezerra de Farias. Ele morreu por volta das 19h.

Loterias

Quina
Concurso 2.131

13 35 60 63 73

Nenhum apostador acertou as cinco dezenas e ficou acumulado o valor de R\$ 1.270.121,27. A quadra pagará R\$ 5.003,57 a 63 ganhadores, e o termo R\$ 94,64 para 4.758 apostadores.

Dupla Sena
Concurso 806

1º sorteio

08 11 16 20 30 33

2º sorteio

05 08 09 12 36 49

Um apostador (RJ) acertou as seis dezenas do primeiro sorteio e vai receber o prêmio de R\$ 3.754.951,13. Ninguém acertou as seis dezenas do segundo sorteio. A quina pagará R\$ 2.012,20 a 58 ganhadores, e a quadra R\$ 71,83 para 2.321 apostadores.

Quina
Concurso 2.130

06 37 41 52 55

Nenhum apostador acertou as cinco dezenas e ficou acumulado o valor de R\$ 849.821,50. A quadra pagará R\$ 3.864,84 a 77 ganhadores, e o termo R\$ 96,97 para 4.384 apostadores.

Lotofácil
Concurso 473

01 02 05 06 07
08 09 11 12 15
17 19 22 23 25

Acertos	Ganhadores	Prêmio (R\$)
15	8 (1 de ES)	154.499,63
14	724	1.045,21
13	22.640	12,50
12	257.219	5,00
11	1.324.486	2,50

Celebrate good times, come on!

Para festejar os seus 20 anos ou qualquer outro momento, a Antena1 tem sempre uma música que combina com a comemoração.



ANTENA1

92,5 VITÓRIA

Há 20 anos tocando músicas que falam.

Economia

6,1%

ALTA DO PIB. É quanto cresceu a economia brasileira, revisada para cima pelo IBGE, que divulga os dados com defasagem de dois anos. Trata-se da maior expansão do país em 21 anos.

Voto de minerva. Relator diz que decisão final sobre royalties ficará nas mãos do presidente Lula

Estados elevam a pressão na briga pelo dinheiro do pré-sal

A cinco dias da decisão sobre a partilha, bancada insiste que governo divida a verba com quem produz

RITA BRIDI
rbridi@esgazeta.com.br

■ A próxima segunda-feira será o dia D para Estados e municípios que produzem petróleo e gás. É quando parlamentares e governadores do Espírito Santo e do Rio de Janeiro, os dois maiores produtores do país, esperarão a resposta do governo federal à reivindicação de aumentar a receita que virá da exploração da camada do pré-sal.

Com o projeto de partilha, o governo central ficou com a maior parte do dinheiro. Os produtores querem que a União reduza seu apetite e aceite aumentar o tamanho da fatia na divisão do bolo do pré-sal. As várias reuniões realizadas em Brasília nos dois últimos dias ainda não surtiram o efeito esperado pelos parlamentares que representam os Estados produtores.

A votação do relatório prevista para o início da noite de hoje não deverá acontecer, e a decisão final ficará mesmo para a próxima segunda-feira. O relator do projeto, o deputado Henrique Eduardo Alves, já avisou que a definição sobre a distribuição dos royalties do pré-sal será do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

"Se a União achar que pode ceder, eu não farei oposição, mas a negociação agora é do governo federal com os governadores dos Estados produtores", disse Alves. O relatório, apresentado na semana passada, acaba com a participação especial, que pode chegar a até 40% da produção e vai quase pela metade para Estados e municípios produtores.

REPÚDIO

Ontem, os integrantes da bancada federal, por meio de nota,

manifestaram o seu repúdio ao relatório apresentado na Comissão Especial, alegando que o Espírito Santo terá grandes prejuízos e que o Estado "temido suas oportunidades de desenvolvimento periodicamente prejudicadas pela ganância do governo federal".

Em outro trecho da nota, os parlamentares reivindicam "que, além do aumento do percentual de royalties a ser repassado, os Estados tenham a manutenção dos percentuais de participação hoje vigentes para o pré-sal".

Apesar das indefinições, o senador Renato Casagrande avaliou, no início da noite de ontem, que as articulações feitas pela bancada apontavam a conquista de avanços. "Tenho o sentimento de que vamos conseguir recuperar um pouco da perda dos Estados produtores", disse o senador. Ele contou que, nos bastidores, circulava a informação de que o Palácio do Planalto estaria disposto a ceder um pouco em favor dos Estados produtores.

O deputado Lelo Coimbra disse acreditar em bons resultados nas reuniões que acontecerão hoje, incluindo a audiência com o ministro das Minas e Energia, Edison Lobão. Após mais um dia de reuniões, os parlamentares capixabas constatarão que a estratégia dos interlocutores do governo era a de ganhar mais tempo, o que tem duas interpretações.

Uma delas refere-se ao que pode ser um movimento do governo no sentido de deixar as bancadas dos dois Estados jogar todas as cartas na mesa para depois dar a resposta negativa. A outra interpretação era a de que a estratégia poderia sinalizar que o presidente Lula estaria precisando de mais tempo para avaliar a movimentação das representações dos Estados produtores e definir junto com sua equipe econômica o quanto o governo estaria disposto a ceder. (Com agências)

A nova lei do petróleo

O que está em questão nas comissões

1 Projeto da Partilha de Produção

Do que se trata. Pela proposta, o regime de partilha de produção passará a valer para o pré-sal e para áreas consideradas estratégicas. A Petrobras será operadora única do pré-sal e terá pelo menos 30% nos consórcios. Haverá nova distribuição dos royalties e acaba a participação especial, o que vem gerando polêmica, principalmente entre os Estados produtores.

A tramitação. Será negociado até hoje às 19h, quando será discutido e, possivelmente, votado na comissão especial. Se não for aprovado até terça-feira, segue para o plenário da Câmara. Será o primeiro a ser votado pelos deputados.

2 Projeto do Fundo Social

Do que se trata. Da criação de um fundo onde serão aplicados os recursos obtidos com o pré-sal. Entre as áreas beneficiadas estão saúde pública, cultura, meio ambiente, educação, ciência e tecnologia e combate à pobreza.

A tramitação. Foi aprovado ontem, na comissão especial que analisa a matéria, o relatório do deputado Antonio Palocci (PT-SP) sobre o projeto que cria o Fundo Social com recursos do pré-sal. O relator incluiu modificação no texto que destina, para o Fundo Social, 100% dos recursos de participação especial e royalties à União dos campos de pré-sal já licitados. No relatório anterior, o relator destinava apenas uma parcela desse recurso para o Fundo. O projeto agora está pronto para ir ao plenário da Câmara, o que deve ocorrer no dia 10 de novembro.

3 Projeto da Petro-Sal

Do que se trata. Da criação de uma nova estatal que vai fiscalizar os consórcios no pré-sal. Ela vai representar a União e terá poder de veto nas decisões das empresas que vão explorar o petróleo.

A tramitação. A Comissão Especial da Câmara que analisa o projeto que cria a nova estatal que vai administrar os contratos da produção do pré-sal aprovou ontem o texto básico do relatório, apresentado pelo deputado Luiz Fernando Faria (PP-MG). A aprovação se deu por meio de votação simbólica.

4 Projeto da Capitalização da Petrobras

Do que se trata. A União cederá, mediante pagamento, a exploração de até 5 bilhões de barris à Petrobras. Com os recursos que a estatal arrecadar com essa exploração, pagará à União, que vai emitir títulos e, com isso, aportar recursos na empresa. Os minoritários poderão aportar capital na mesma proporção de participação que detêm. Os trabalhadores que usaram o FGTS para comprar ações da Petrobras poderão participar da capitalização, mas não poderão usar o FGTS agora, só recursos próprios.

A tramitação. A comissão que discute o processo de capitalização da Petrobras decidiu adiar para a próxima terça-feira (10) a votação do projeto que trata do tema.

As propostas para os royalties

	Como é hoje	Proposta do relator	Contraproposta de Espírito Santo e Rio	
Aliquota	10%	15%	15%	
Pontos percentuais	Municípios confrontantes	2,625	0,90	1,50
	Municípios com instalações	0,875	0,30	0,30
	União	3,00	4,50	1,00
Demais Estados e municípios	0,875	6,60	6,60	

Quanto caberia aos Estados produtores

Como é hoje	2,625 pontos percentuais
Proposta do relator	2,7 pontos percentuais
Contraproposta do Espírito Santo e Rio	5,6 pontos percentuais



A Gazeta - Ed. de Aris - Gilson

Instituto traz a Vitória diretor da Petrobras

■ A convite da diretoria do Instituto Brasileiro de Executivos de Finanças (Ibef-ES), Almir Barbassa, diretor financeiro da Petrobras, realiza amanhã almoço-palestra para executivos e empresários. A temática do encontro que acontecerá às 12h, no Cerimonial Ita-

maraty será "Pré-sal: os impactos econômicos e as fontes de financiamento". Almir Guilherme Barbassa é bacharel em Economia pela Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro. O executivo ocupa o cargo de diretor financeiro e de relações com investidores da Petrobras desde 21 de julho de 2005. É mestre em Economia pela Fundação Getúlio Vargas/RJ. Ingressou na Petrobras em 1974.

Capitalização vai a voto na terça-feira

Há um impasse sobre a possibilidade de uso do FGTS dos acionistas para injetar mais recursos na Petrobras

SÃO PAULO

■ A comissão que discute o processo de capitalização da Petrobras decidiu adiar para a próxima terça-feira, dia 10, a votação do projeto que trata do tema. O principal impasse no projeto é a impossibilidade de uso do FGTS por acionistas minoritários no processo de capitalização. Na terça-feira, devem começar a ser votados em plenário os projetos que tratam do tema. Por isso, abre-se a possibilidade de que a

comissão não chegue a votar o relatório de João Maia (PR-RN) e o texto vá direto ao plenário.

O adiamento da votação foi pedido pelo líder do partido de Maia, o deputado Sandro Mabel (PR-GO). Ele disse ter encontrado problemas em sua bancada para fechar uma questão sobre o tema. "Dentro do próprio partido surgiram dúvidas em reunião que tivemos ontem na bancada precisamos de mais prazo para esclarecimento desta questão. Em função disso, nós pedimos o adiamento".

O aporte de recursos total na Petrobras será o equivalente a 5 bilhões de barris de petróleo do pré-sal. (Agência Estado)

Repercussão

O que eles disseram ontem sobre o marco regulatório do pré-sal

Cabral confirma conversa com Lula sobre partilha



■ SÉRGIO CABRAL, GOVERNADOR DO RIO

O governo do Estado do Rio de Janeiro divulgou uma nota informando que o governador Sérgio Cabral (PMDB) conversou pelo telefone, ontem de manhã, com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Segundo o texto, Cabral relatou as preocupações dos Estados do Rio e do Espírito Santo com o parecer do deputado Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN) sobre o regime de partilha do pré-sal. A conversa ocorreu antes do embarque do presidente para Recife e Londres.

Bancada busca novos aliados na divisão da verba



■ LELO COIMBRA, DEPUTADO FEDERAL

Os integrantes da bancada capixaba participam de várias reuniões hoje em Brasília, na tentativa de aumentar para os Estados produtores a receita que virá do pré-sal. Mas a luta não será fácil, reconhece o deputado Lelo Coimbra. "Há um ambiente favorável para avançarmos nas negociações, mas vamos precisar da participação do presidente Lula", admite. A estratégia dos parlamentares capixabas é convencer o relator do projeto a fazer as mudanças antes da votação final.

BNDES poderá gerir recursos do pré-sal no exterior



■ LUCIANO COUTINHO, PRESIDENTE DO BNDES

O presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) afirmou que a Instituição poderá administrar os recursos provenientes do pré-sal no exterior. Segundo ele, o país receberá um fluxo relevante de capital nos próximos anos, sendo que uma parte não poderá ser internalizada para evitar flutuações indevidas no câmbio. A administração de recursos do pré-sal seria um dos papéis do BNDES a partir de sua nova base em Londres.

Palocci quer destinar mais verba ao Fundo



■ ANTONIO PALOCCI, DEPUTADO FEDERAL

O deputado Antonio Palocci (PT-SP) resolveu aumentar o volume de recursos que serão repassados para o Fundo Social do pré-sal. De acordo com o relatório, aprovado ontem na comissão especial da Câmara, todo o dinheiro que o governo receber por meio da cobrança de royalties e participação especial dos campos no pré-sal que já foram licitados será depositado no fundo. Segundo o ex-ministro da Fazenda, o volume de dinheiro é "considerável".

Petróleo. Nordeste está de olho nos royalties

Capixabas vão travar batalha na Câmara pelo pré-sal

Governador se reuniu ontem com a bancada e vai para Brasília hoje para acompanhar a votação

DENISE ZANDONADI
dzandonadi@redgazeta.com.br

■ Nem mesmo o acordo negociado diretamente pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva com os governadores do Espírito Santo, Paulo Hartung, e do Rio, Sérgio Cabral garantirá uma votação tranquila, hoje, do projeto de lei da partilha do pré-sal, no plenário da Câmara dos Deputados. Governadores do Nordeste e deputados de vários Estados insistem em aumentar seus percentuais de repasse dos royalties do pré-sal.

Para garantir que toda a negociação feita até agora seja mantida, Hartung e Cabral irão hoje a Brasília para se reunirem com as bancadas dos seus Estados e com o presidente da Câmara, Michel Temer (PMDB), além do relator do projeto, Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN).

A votação deste projeto está na pauta da Câmara de hoje, mas sua votação, só terá início, segundo representantes da bancada capixaba, se o acordo com o presidente Lula for mantido. Caso isso não ocorra, a votação será obstruída. "Este foi um dos pontos que discutimos na reunião de hoje (ontem). Não vamos aceitar nenhuma mudança no que foi acertado no encontro do dia 10 de novembro", afirmou a deputada Iriny Lopes que participou do encontro de ontem,

no Palácio Anchieta, entre a bancada federal e o governador Paulo Hartung.

A reunião de ontem foi convocada por Hartung para traçar uma estratégia única a ser seguida pelos parlamentares durante a votação do projeto de lei da partilha. Participaram do encontro os deputados Carlos Manato (PDT), Jurandyr Loureiro (PSC), Camilo Cola (PMDB), Lelo Coimbra (PMDB), Sueli Vidigal (PDT), Rose de Freitas (PMDB), e Rita Camata (PSDB), além do senador Magno Malta (PR).

O governador ressaltou que não há previsão de encontro com Lula. "Vamos ter reunião com nossas bancadas, com Temer e o relator do projeto e vamos acompanhar a movimentação no plenário.



ENCONTRO. Hartung convocou reunião para traçar uma estratégia a ser seguida pelos parlamentares

O que está em jogo

■ **NEGOCIAÇÃO.** Os Estados produtores negociaram com o governo federal uma forma de não perderem participação na distribuição de royalties do pré-sal. A negociação só aconteceu depois que os produtores fizeram pressão para não perder os benefícios.

■ **ÍNDICES.** Depois de muita pressão, inclusive com a atuação das bancadas na Câmara e no Senado, os Estados produtores conseguiram negociar ganhos maiores para as áreas do pré-sal,

apesar de não garantirem a manutenção das participações especiais.

■ **REVIRAVOLTA.** Os governadores do Nordeste, liderados por Eduardo Campos (PSB), de Pernambuco, começaram um movimento de contestação dos índices que foram acertados no acordo fechado entre o presidente Lula e os governadores do Rio, Sérgio Cabral, e do Espírito Santo, Paulo Hartung. Pelo menos 300 parlamentares

nordestinos e de Estados do Sul também questionam os índices definidos na reunião do dia 10 de novembro.

■ **VOTAÇÃO.** A reviravolta pode comprometer a votação, do projeto de lei, marcada para hoje. Os índices já negociados são: 22% dos royalties para os Estados e municípios não produtores; 25% para Estados produtores, 6% para municípios produtores; 3% para municípios com instalações e 22% para a União.

Petrobras Fornecedor terá acesso a linhas de crédito

Novo modelo de encomendas vai beneficiar pequenos e médios fornecedores

RIO

■ A Petrobras está desenvolvendo um novo modelo de encomendas junto à indústria brasileira que vai permitir o acesso a linhas de financiamento não apenas ao fabricante principal de um equipamento como um navio ou plataforma, mas também aos pequenos e médios fornecedores, incluindo fabricantes de parafusos.

A informação foi dada pelo diretor Financeiro da Petrobras, Almir Barbassa, que participou de uma palestra sobre os projetos no pré-sal na Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), no Rio.

Barbassa explicou que uma empresa que assina um contrato de longo prazo para construir um navio para a Petrobras vai a um banco e consegue financiamento. Segundo o diretor, isso já não acontece com os fornecedores desse fabricante do navio.

"A menos que uma parte do pagamento que a Petrobras vai fazer a esse fabricante seja travada para um banco que vai financiar o fornecedor dele. Desta forma, o fornecedor tem a garantia de que ao entregar a peça ou serviço terá acesso a um recebível direto da Petrobras", explicou Barbassa.

Ele disse esperar que esse modelo seja definido já no início do próximo ano. No momento, segundo ele, a Petrobras está conversando com os bancos para verificar se o modelo é viável. O diretor explicou que a indústria de petróleo é intensiva de capital e por isso a companhia quer tentar facilitar o acesso ao crédito.

"Queremos que o segundo, terceiro e o quarto fornecedor de uma encomenda da Petrobras tenha acesso ao crédito. O estaleiro que contrata vai indicar quem serão os seus fornecedores e estes terão que assumir o mesmo tipo de obrigações. Assim teremos toda a cadeia mapeada", disse. (Agência Globo)

Apagão Ministério estende prazo para relatório

Documentação deverá ser concluída até o próximo dia 16. Inicialmente, seria entregue ontem

RIO

■ O ministro Edison Lobão (Minas e Energia) estendeu o prazo para a entrega do Relatório de Análise de Perturbação (RAP) relativo ao apagão do último dia 10, que atingiu 18 Estados.

O relatório, que está sendo preparado pelo Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), com a ajuda de técnicos de diversas empresas que trabalham no sistema de transmissão brasileiro, deverá ser concluído até o próximo dia 16. Inicialmente, o RAP seria entregue até ontem.

A determinação do ministério é que outros técnicos e especialistas participem do processo de investigação sobre as causas do blecaute.

Segundo o ONS, o trabalho não será finalizado ontem, e também não há uma data prevista para a entrega dos trabalhos antes do prazo estipulado.

Na semana passada, o diretor-geral do ONS, Hermes Chipp, fez balanço preliminar sobre o apagão e apontou duas hipóteses para o blecaute, ambas relacionadas ao clima: a queda de um raio ou o efeito das chuvas que reduziram a resistência de equipamentos do sistema.

No Classificados.AG você encontra o veículo seminovo que procura.

Confira.

classificados.AG

www.vix.com.br

VIX LOGÍSTICA ESCOLHIDA ENTRE AS DEZ MELHORES EMPRESAS DE LOGÍSTICA DO BRASIL.

A VIX Logística está entre as maiores e melhores empresas do setor porque promove soluções logísticas inovadoras e tem como diretrizes a qualidade, a pontualidade, a agilidade e a segurança. Além disso, aqui os clientes sabem que vão encontrar a solução adequada ao seu tipo de negócio. Acima de tudo, a VIX Logística foi escolhida porque entende que ser uma provedora de serviços logísticos é desenvolver estratégias diferenciadas. VIX Logística escolhida entre as melhores empresas e trabalhando para ser sempre a melhor para você.

VIX: Soluções em Logística.
Uma das 10 melhores empresas na Categoria Operador Logístico e Armazenagem.

GRUPO AGULABRANCA
Novos caminhos para o futuro.

AUTOPORT

VIX